ANO 37.º SÁBADO, 26 DE OUTUBRO DE 1957 N.º 12.532

Diario de Lisbôa

FUNDADOR — JOAQUIM MANSO DIRECTOR — NORBERTO LOPES

TELEF.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: DIBOA
REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA
PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º
EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

Eisenhower e MacMillan em Washington: «Encontramo-nos em Paris»

A próxima ida de Eisenhower a Paris

para participar na reunião da N. A. T. O.

ao nível dos chefes do poder executivo

remata a conferência de Washington

em que se repõe em funcionamento a «entente» ang.o-americana

WASHINGTON, 26.—O presidente Eisenhower irá a Paris por volta de 15 de Dezembro, para tomar parte, com os primeiros-ministros das potências ocidentais, numa grande reunião da aliança atlantica.

Esta é a conclusão mais importante da conferência anglo-americana que ontem terminou em Washington. Teoricamente, a viagem do presidente dos Estados Unidos ainda é condicional, pois compete á N. A. T. O. convidá-lo oficialmente. Mas que essa viagem se fará não sofre duvida.

Deste modo, a conferência anglo-americana alargou-se definitivamente para uma vasta consulta entre as nações atlanticas. Serviu de base á elaboração dos princípios da política ocidental, princípios que em Dezembro se submeterão á aprovação dos outros países da aliança. O secretário-geral da N. A. T. O., Paul-Henri Spaak, foi posto ao corrente das conversações e participou até, em certa medida, na elaboração desses princípios enumerados no comunicado final.

Ainda antes de a conferência começar, se notou bem que os Estados Unidos desejavam não limitar a consulta á Inglaterra exclusivamente. Não é menos verdade que todos os observadores britanicos destas conversações concluíam ontem que Londres, pelo menos em parte, conseguira o objectivo de Harold MacMillan, o da reconstituição da grande aliança anglo-americana do tempo da guerra. Com efeito, os princípios políticos elaborados vão ser subme-

(Continua na página central)

A POLÍTICA ULTRAMARINA

O comodoro Sarmento Rodrigues

responde ao eng. Cunha Leal:

Não temos que lançar dúvidas

sobre realidades vitais

para a nossa existência como Nação

Embora até aqui quase um simples espectador do movimento de opinião preparatório das próximas eleições, tenho seguido com natural interesse os passos principais, já porque tive em tempo muito recente que participar na administração publica, já porque sou neste momento candidato a ser reeleito deputado por Moçambique. Desta sorte, também li o artigo do sr. engenheiro Cunha Leal, no «Diário de Lisboa», e com a atenção devida ao seu ilustre autor.

Ainda que tenha gasto quase uma dezena de anos em funções de Governo, sinto-me sempre constrangido a tratar de assuntos que não digam respeito aos dois polos da minha actividade, á Marinha e ao Ultramar. E, como contrapartida, não fico apenas atento, mas vivamente ligado a tudo o que áqueles sectores da vida portuguesa diz respeito.

Impressionaram-me as declarações do sr. engenheiro Cunha Leal no capítulo da política ultramarina. Foram elas em grande parte de natureza vaga, pelo que não seria fácil responder sem longas e porventura deslocadas exposições. Mas em tudo o que das suas considerações se pode concretizar, en-

(Continua na 14.ª página)

Nascem rãs

de 20 pernas

HAIA, 26 — O ministro dos Assuntos Sociais e da Saúde Pública da Holanda, J. G. Suurhoff, admitiu no Parlamento que «tenham sido lançados detritos radioactivos» num pequeno lago dos arredores de Amsterdão, onde foram encontradas rãs monstruosas, algumas das quais chegavam a ter 20 pernas que nasciam nos mais variados pontos do corpo.

O ministro afirmou, contudo, que o assunto ainda está a ser investigado, visto que os detritos provenientes do Instituto de Pesquisas Nucleares daquela cidade parecem não representar um perigo para a população. Além disso, pode ser que as rãs monstruosas sejam resultantes de outros factores alheios á radioactividade. —(A. N. I.).

O ministro do Interior

visitou hoje no Porto

as novas instalações do hospital para crianças

PORTO, 26 (Pelo telefone) — Quem hoje visitar as excelentes instalações do Hospital de Crianças D. Maria Pia, fundado pela esposa do rei D. Luís I, mal reconhecerá as velhas dependências do edifício primitivo ou as outras, transitòriamente abandonadas, onde a Cruz Vermelha montou, em 1917, camas que receberam doentes atacadas de tifo-exantemático.

Dedicações ilimitadas, benemerências, uma avultada herança, comparticipações oficiais e uma im-

(Continua na 13.ª página)

«Diário de Lisboa»
publica hoje
24 PÁGINAS
oito das quais incluem
* Vida desportiva
* «Diário de Lisboa» Juvenil
* Página da mulher
* «Eduquemos o nosso filho»
* Conto policial e
* «Diz o médico...», pelo dr. Augusto d'Esaguy

Visado pela Comissão de Censura

Um novo desporto? Chama-se «lacrosse», vem da América e, pelos vistos, é coisa mesmo própria para senhoras... Esta Miss Bobbie Brenan, com o equipamento que lhe vemos e se diria próprio para um medieval torneio de cavalaria, desempenha as nobres funções de guarda-redes no grupo americano que veio á Europa vencer um grupo inglês da mesma especialidade. Esperamos que a feliz derrota do grupo das raparigas inglesas nos ponha ao abrigo de ver o «lacrosse» acometer por aí em furia, na grande predilecção das massas desportivas que povoam a paisagem social do nosso tempo

O presidente

do Paquistão

está em Roma

a caminho de Portugal

ROMA, 26 — O presidente da Republica do Paquistão, general Iskander Mirza, chegou hoje a esta capital, a bordo do seu avião particular, numa viagem á Europa, que incluirá uma visita oficial a Portugal.

Acompanhado da esposa e dos membros da sua casa militar, o presidente Mirza percorreu esta manhã os locais de maior interesse turístico da capital italiana, tencionando partir de Roma esta noite, com destino á Suíça, onde passará

(Continua na 7.ª página)

TEMAS CULTURAIS

As formas literárias "gastas"

Por AMORIM DE CARVALHO

Há anos, certo jovem poeta (hoje, aliás, já amadurecido por uma salutar experiência literária e crítica) falava-me das formas literárias gastas da poesia de Junqueiro — de quem nunca havia lido um único livro! Repetia o nariz de cera aprendido nas modernas hostes estéticas em que ingressara. Se este caso não fosse típico de centenas de casos iguais, só faria rir; assim, cumpre, realmente, analisá-lo.

(Continua na página seguinte)

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

TEMAS CULTURAIS

(Continuação da página anterior)

Antes de prosseguir quero acentuar (sabem-no, de resto, aqueles que tenham lido os meus livros silenciados pela crítica modernista) que entendo e sempre entendi a forma literária num duplo aspecto—material e conceptual; isto é: no aspecto físico ou formal propriamente dito (a construção com palavras-no-seu-valor-sónico; por exemplo: um ritmo, uma aliteração, um paralelismo rimático ou de palavras, etc.) e no aspecto mental ou intelectivo (a construção com palavras-no-seu-valor-de-ideias; por exemplo: um paralelismo de pensamento, as comparações, as imagens, a ordenação temática, etc.). Por agora não desenvolvo esta noção de forma (quer para a literatura, quer para a arte em geral), por não ser isso necessário á compreensão do assunto deste artigo.

Ora, que se entende, em literatura (e de modo geral em arte), por forma «gasta»? Creio que se deve entender o esgotamento, para o interesse emocional, de uma certa construção material e conceptual. Isto é: uma forma estará esteticamente gasta para mim quando eu já não reaja ou mal reaja, emocionalmente, á força de ter sofrido, em demasia, a sua experiência; análogamente, a primeira condição para que um grupo de pessoas (uma geração, um país) possa considerar gasta aquela mesma forma, é que a sua experiência colectiva tenha sido contínua até ao próprio cansaço colectivo para uma reacção emocional positiva. A autenticidade psicológica (individual ou colectiva) da afirmação das formas gastas tem de estar, portanto, na experiência. Ora uma experiência (é o caso da experiência estética até á exaustão) significa um «conhecimento da realidade, dos valores e das relações vitais, obtido não em virtude de uma teoria ou especulação, mas graças aos dados fornecidos pela própria vida». Basta-nos esta definição encontrada na Enciclopédia Universal Herder. É possível (e eu creio que será assim mesmo) levar tão longe a definição, que até na especulação encontremos a experiência, pelo exercício em si da própria razão vital, mas na definição do dicionário já está a sua base fundamental que é a Vida. E quem diz vida diz a intransmissível condição individual da experiência. Uma experiência colectiva tem de ser uma colecção ou conjunto de experiências individuais no mesmo sentido. Quando eu afirmo que tais e tais formas literárias estão gastas para todos nós, eu quero dizer, se o afirmo com autenticidade (isto é, sem cabotinismo), que, á força da experiência minha e de todos, á força de sermos todos submetidos (numa experiência prolongada que nos causou) ao conhecimento estético da realidade dessas formas com seus valores e suas relações vitais repetindo-se, já não reagimos emocionalmente.

Verdadeiramente, «formas gastas» é a maneira de dizer que nós é que estamos gastos para a capacidade de as sentir.

A Psicologia explica assim: «A repetição das mesmas excitações tende a embotar o seu efeito afectivo; as coisas banais, demasiadamente vistas, perdem a sua capacidade de estímulo estético e dá-se uma lassitude das impressões excessivamente frequentes» (H. Piéron, **Psychologie Expérimentale**, 3.ª ed. pág. 74). A palavra **lassitude**, no passo transcrito, precisa bem o individualismo psicológico da experiência. «Esta lassitude explica a necessidade da mudança contínua nas fórmulas de arte. Uma geração (isto é, como afirmei acima, um conjunto de indivíduos) que viu repetir-se certo tipo de pintura em milhares de exemplos, não tarda a mostrar o gosto pelo tipo completamente oposto, que tomará o valor afectivo que o outro perdeu» (**Id. ibid.**). Esse tipo «completamente oposto» pode — não nego — trazer uma renovação válida para além da reacção por lassitude (as histórias da literatura e da arte dão-nos seguros exemplos); mas, como quer que seja, a autenticidade dessa reacção contra as chamadas formas gastas está na experiência individual. Como, pois, o jovem poeta modernista que nunca lera a poesia de Junqueiro (dominado pela campanha de descrédito que contra ela se levou a cabo) pôde afirmar que tal poesia era constituída por formas gastas — de que ele não tinha sequer a experiência?

Pelo menos não podiam estar gastas para a sua **inexperiência**. Nem sua nem de todos os da sua geração literária — porque o resultado de uma chamada renovação que proveio da reacção por lassitude, já não é essa lassitude (que só passa a ter um interesse histórico) nas gerações que, dentro embora da estética renovada por aquele motivo, desconhecem ou conhecem mal a obra que teria fatigado gerações anteriores.

Vê-se, pois, que o facto estético (afectivamente estético na relação emocional sujeito-objecto) está longe de se reportar a um estético em si; reporta-se a uma relação sociopática ou de convivência da subjectividade com a realidade do Mundo, tal como esta realidade aparece em sua exterior expressão (a **forma** e a emoção de beleza que a forma desperta) — porque tudo o que é ou parece ser, é belo, naquela relação sociopática ou afectiva, desde que não existam inibições. A estética é uma gnoseologia e uma ontologia pela realidade exterior, com toda a sua simbólica.

A **lassitude** que nos dá a sensação das formas gastas, a diminuir ou a anular a emoção estética, é um dos aspectos inibitórios. É claro que a temática, no seu interesse próprio ou na sua variação, pode sustentar sem fadiga, por muito tempo, uma forma repetida—quer numa só obra (a uniformidade da oitava rima nos **Lusíadas** é um grande exemplo), quer num mesmo autor (o alexandrino em Junqueiro), quer no conjunto de uma literatura (a riqueza temática nas formas poéticas consagradas desde Junqueiro a Pascoais). A verdade é que a lassitude provocada pela repetição é uma lei psicológica, para a temática, mas é da forma que estou a tratar especialmente.

Os imitadores de Junqueiro, muito abaixo do imitado, sem poder de renovação temática, é que comprometeram a forma junqueiriana. O modernismo começado com **Orpheu** contém, para lá da anedota de neofilia própria dos novos, uma reacção contra a repetição fatigante de formas (Pascoais era já uma excepção) que não se compensava com uma temática de interesse suficiente ou suficientemente variada. Sá Carneiro e Pessoa eram poetas (não discutamos agora as suas novas formas como **valores reais** em si capazes de perdurarem esteticamente para além da sua psicológica reacção) que reagiam na experiência **autentica** de uma lassitude. Autentica pelo seu carácter individualmente vital. O que eles consideravam formas «gastas» eram as formas repetidas com pobreza temática, que constantemente liam nas revistas, nos jornais e nos livros do seu tempo.

Ora o jovem poeta que me falava das formas gastas de Junqueiro, sem as conhecer pela experiência pessoal (porque nascera já dentro do novo gosto literário que se lhes opunha e em que se deixara já de ler Junqueiro), é bem o símbolo de uma inautenticidade com o tal nariz de cera das formas gastas, repetido dos mestres que todos copiam. Fenómeno curioso que se acaba por observar na socialidade afectiva que se prolonga em sucessivas gerações, com a sua uniformidade de estilo, de estética e de mentalidade, a manter um **slogan** já afastado dos motivos psicológicos que o determinaram. A unica lassitude autentica (tão autentica como a de Pessoa e Sá Carneiro no seu tempo) que um jovem poeta de hoje poderá sentir, é a da uniformidade que referi e em que vegeta a sua própria poesia — mas que ele não vê (como não a viam os imitadores medíocres de Junqueiro) ou que, se tem talento, não tem a coragem de denunciar, libertando-se, por motivos que seria longo expor.

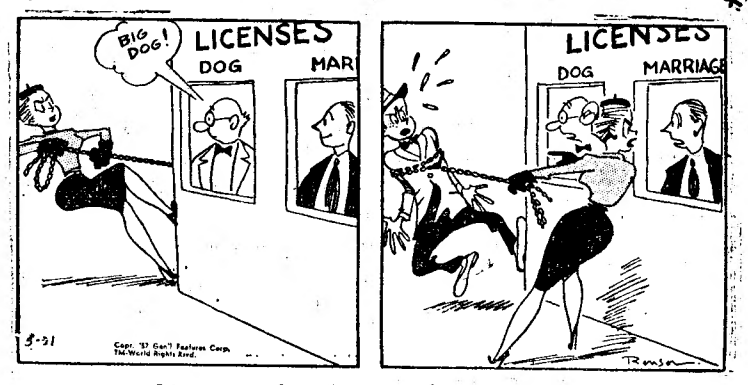
Admito que um ou outro jovem poeta actual tenha lido bem a poesia de Junqueiro (continuo a citar o exemplo típico), mas, visto tal leitura decorrer de uma simples circunstancia de curiosidade, ele terá de confessar a **novidade** da descoberta, salvo se já estava cansado dela por... hereditariedade ou telepatia.

O jovem poeta, não se abalançando a justificar hereditáriamente ou telepáticamente o seu cansaço das formas junqueirianas, vai objectar: «Concedo. As formas de Junqueiro não são, na verdade, formas gastas para a minha experiência emocional, mas são formas anacrónicas».

É já mudar ou escamotear um pouco, ou muito, o nosso problema. Mas, ainda assim, aceito a objecção para a desfazer em outro artigo.

AMORIM DE CARVALHO

ELE & ELA



Licenças de cão... e de casamento

Inaugura-se amanhã na Amadora

uma estação elevatória de água

AMADORA, 26 — (Pelo telefone) — A Amadora prepara-se para receber, amanhã, domingo, ás 15 e 30 horas, o governador civil de Lisboa, que ali vai inaugurar a central elevatória do abastecimento de água ás zonas médias e altas desta localidade. A obra importou em 1.000 contos e 50 % desta importancia foram cobertos pelo Fundo do Desemprego.

Esta obra compreende conduta de elevação, rede de reservatório, com capacidade para 250 metros cubicos, que vai também fornecer a Damaia e Buraca.

O reverendo Lucio Rego Marçal procederá á benção da nova instalação. Em seguida, falarão o presidente da Junta de Freguesia, sr. Adriano Ferreira Lemos, presidente da Camara de Oeiras, sr. Alvaro Roquete, e, por ultimo, o sr. dr. Mário Madeira, governador civil. Após esta cerimónia, todos os convidados acompanharão o chefe do distrito a uma visita ao posto médico da Junta de Freguesia, instalado provisoriamente, na Avenida Marechal Carmona e que se encontra modelarmente apetrechado.

Será também solenizada a passagem do aniversário da elevação da Amadora á categoria de vila. A guarda de honra ao governador civil é prestada pelo corpo activo dos Bombeiros Voluntários da Amadora.

VIDA RELIGIOSA

As festas de Todos-os-Santos em Cacilhas

A população de Cacilhas prepara-se, como de costume, para festejar o dia 1 de Novembro (Dia de Todos-os-Santos), pondo colgaduras ás janelas á passagem da tradicional procissão do Bom Sucesso e embandeirando, nesse dia, os barcos acostados na sua margem. Um dos andores que figurarão no cortejo será o do Senhor Jesus dos Navegantes. Na igreja local haverá também, nesse dia, missa e distribuição de esmolas, a expensas da respectiva irmandade, que tem por juiz o sr. Luís Teotónio Pereira. Na procissão participam as bandas da Casa dos Pescadores da Costa de Caparica e da Casa Pia de Lisboa, assim como os rapazes da Obra Social da Fragata «D. Fernando».

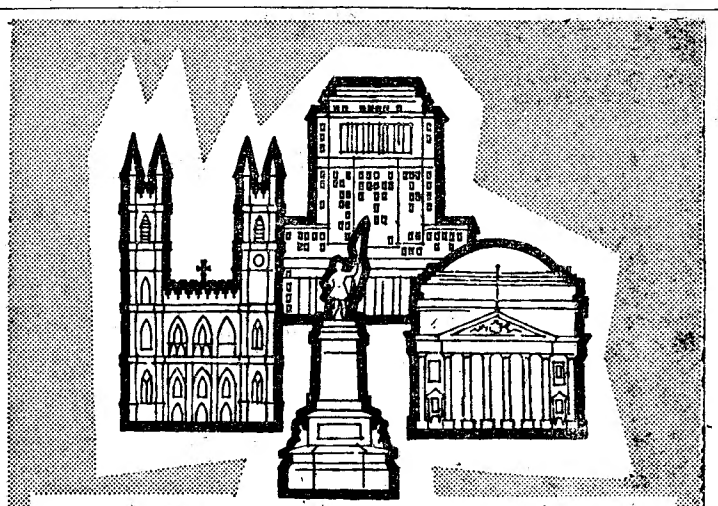
Nestas solenidades serão, como nos demais anos, bastante concorridas pelo povo do concelho e de Lisboa.

I SALÃO DAS ARTES DOMÉSTICAS
TUDO PARA O LAR
NO
PAVILHÃO DA F. I. P.
(À JUNQUEIRA)
ABERTO DAS 15 ÀS 24 HORAS
— ENTRADA 2$50 —

GRIPES - FEBRE
ACETILCAFEÍNA
VITAMINA C — ÁCIDO ACETILSALICÍLICO — CAFEÍNA

BAILE
Amanhã «Matinée» ás 16 h.
Conjunto SOUSA MACHADO
ORGANIZAÇÕES DUMBO
NA CASA DO RIBATEJO
Rua do Salitre, 136-1.º

Maria Luisa de Lima
apresenta a sua colecção de Inverno nos dias 28 e 29 ás 15 horas
A. DUQUE DE LOULÉ, 20, 1.º, D.º
TELEFONE 55183


CANADÁ
Montreal via Londres
DC-7C
E
Stratocruisers
Voe a partir de Londres para o Canadá nos magníficos «DC-7C» e nos «Stratocruisers» de 2 pisos.
Ficará encantado com as instalações e o serviço atencioso e pessoal de que a B. O. A. C. tem fama mundial.
Excelente cozinha. Um bem fornecido bar.
Consulte a sua Agência de Viagens ou a B. E. A.
Av. da Liberdade, 23/27 Tel. 3 09 31 | 2/3 Tel. Speedbird
Na vanguarda da aviação comercial
B·O·A·C
cuida de si
BRITISH OVERSEAS AIRWAYS CORPORATION

VIDA DESPORTIVA

O F. C. Porto

tomou uma decisão de caracter importante

PORTO, 26. (Pelo telefone). — Os corpos gerentes do Futebol Clube do Porto, reunidos ontem em assembleia magna, resolveram, retirar a sua confiança ao presidente da Associação de Futebol do Porto, dr. Santos Duarte. Resolveram ainda chamar a atenção dos seus associados, Joaquim Eloy da Silva e Ivo Araujo, para não tomarem posse dos lugares para que foram eleitos para a Federação, por indicação da Associação de Futebol do Porto.

Depois das censuras publicas que a Associação recebeu do presidente da assembleia geral do Boavista, dr. Frazão Nazaré, presidente-substituto da Camara Municipal do Porto, e do dr. Leite de Faria, presidente da assembleia geral do Salgueiros, tudo leva a crer que após este voto de desconfiança do F. C. do Porto, o presidente da Associação peça a sua demissão no que lógicamente será seguido pelos seus colegas.

A «língua azul»

já deixou de grassar em todas as regiões do País

Um despacho que vem hoje no «Diário do Governo», dimanado do Ministério da Economia, determina que cesse a aplicação das medidas de polícia sanitária que regulamentaram as normas a que ficou sujeito o transito de ovinos. Tratava-se de uma medida de combate á febre catarral dos ovinos ou «língua azul» que deixou de grassar em todas as regiões em que havia sido assinalada, pelo que deixaram de ter razão de existir tais medidas de policiamento.

LEMBRANÇA DE CAPODIMONTE — (2)

O apetrechamento técnico de um museu modelar

Continuemos a falar de Capodimonte. Diz o catálogo deste novo museu que «tem poucas possibilidades de confronto na Europa tendo em conta a excelente qualidade e a quantidade das obras expostas». E que a Galeria de Nápoles, com os seus 2.000 quadros, está entre as primeiras da Itália.

A este particular, já tive oportunidade de me referir largamente. Temos, porém, ainda a considerar, por ser modelar, o seu apetrechamento técnico.

Este palácio monumental foi profundamente transformado para cumprir a sua nova missão e dotado dos mais modernos aparelhos científicos inventados para o efeito.

O edifício, que ocupa 11.928 m2, tem 120 portas e 165 janelas, com a superfície do terraço panoramico de 246 m2. As 100 salas publicas medem 7.879 m2. Para o efeito da entrada de luz os telhados foram transformados, sendo a cobertura de cristal, de 3.362 m2. O cristal empregado foi temperado de modo a obter uma qualidade de luz livre da mais ténue coloração. Pode graduar-se a entrada de luz pelo tecto e pelas janelas veladas—em relação com as diversas horas do dia, condições atmosféricas e ainda á superfície e tom geral das paredes—pela instalação de uma série de diafrágmas reguláveis com diversidade de inclinação, dirigidos elèctricamente das próprias salas. Para isso, trabalham 40 motores de manobra independente.

Foram adaptados diversos tipos de tectos, da plana, velada na zona interna, á que usa lâminas fixas inclinadas que dirigem a luz sobre as paredes, deixando em relativa penumbra o centro da sala. Assim se obtém uma atmosfera agradável para o visitante e de acordo com o céu de Nápoles. Foram também evitados os fenómenos de reflexão sobre a superfície das pinturas. Igualmente foram transformados os pavimentos de mármore, ladrilho, plástico, grés e madeira numa superfície de 11.058 m2, tendo em vista a tonalidade absorvente que evite reverberação sobre os quadros. As cores das paredes foram escolhidas de acordo com os tons da pintura antiga, que não suportam o excessivo contraste dos fundos claríssimos que escurecem mesmo os tons mais luminosos. Para evidenciar algumas obras-primas, foi criado uma espécie de «espaço ideal» que lhes imponha a atenção do visitante.

As tapeçarias, mais de 60, tiveram de ser restauradas sob a direcção do especialista Mário Bea, de Roma. O mesmo aconteceu com as sedas das 700 peças de mobiliário antigo.

O palácio tem instalação eléctrica privativa com cabina de transformação, constando de 3 transformadores trifases em óleo da potência de 625 KVA. com poder de transformação de 9.000 V. Completam a cabina de alta tensão 4 seccionadores tripolares; 4 interruptores tripolares em óleo com caixa cilindrica de 15 KV, 400 Amp.; 550 m. de cabos eléctricos de ligação. Além disto, há uma cabina de baixa tensão com quadro geral para controlar a luz e força motriz de todo o museu, com 8.000 m. de cabos de chumbo, passando por tubos especiais.

A rede de iluminação e força motriz para o 1.º andar tem um desenvolvimento de 25.700 quilómetros, divididos em três zonas. Para o 2.º andar, 72.402 quilómetros divididos em seis zonas. Para os laboratórios, escritórios, etc., 4.500 m. Todo o museu tem 3.500 lâmpadas, 8 motores de 380 V para os 3 ascensores, para bombas elevatórias de água e um electro-turbo-aspirador para a instalação de despolverização de 10.960 KV.

Há, ainda, instalação de alarme e ronda, com 28 postos de sinalização óptica e acústica ligada a uma central automática na Portaria, instalação de segurança nas portas e janelas, com 3.723 quilómetros de condutores com sinalização automática óptica e acústica; instalação telefónica, com 30 telefones ligados a uma central automática com 6 linhas; instalação de luz e ronda, com uma bateria de acumuladores de 60 elementos em vidro, de 372 Amp., á tensão de 60 V., que entra automàticamente em exercício, se faltar a outra instalação e com autonomia durante 3 horas; instalação térmica, com duas caldeiras de aço para uma superfície aquecida de 62 m2, sendo o aquecimento da Galeria, laboratórios e depósitos feito mediante paineis radiantes, 164 para 13.470 m. de tubos, e para uma superfície de 2.435 m2 de painéis destinados ao aquecimento de 5.860 m2 de superfície equivalente a 29.301 m. c. de cubagem aquecida. Um reservatório de nafta contém 10.000 litros; instalação anti-incêndio, com central térmica e um reservatório autoclave para 1.500 litros para elevação da água da cisterna, com capacidade de 12.000 m. c., e o volume de 200 m. c. por minuto. Há duas bombas eléctricas, uma outra submersa na cisterna e um compressor de ar. Os respectivos tubos de aço medem 750 m. com 20 bocas anti-incêndio. Esta instalação serve também para refrigeração e limpeza.

Por fim, a instalação de despolverização dispõe de um electro-turbo-aspirador de 10 H. P., destinado a fazer funcionar 5 tomadas para a limpeza mecanica das cortinas. Sob o telhado, foram instalados 840 m. de tubos de aço 65 bocas de incêndio e respectivas mangueiras. A central térmica está dotada de um quadro eléctrico para o comando de todas as instalações, com sinalização óptica e acústica.

O precioso lustre de porcelana, da fábrica de Capodimonte, que fora estilhaçado ao cair, por feito de uma bomba que em 1943 rebentou ao exterior do palácio, foi hàbilmente reconstituido em 2 anos pelo restaurador de nome português, Ciro Pinto.

Todo o delicado trabalho de restauro, limpeza, beneficiação de telas e caixilhos tem sido executado no laboratório da especialidade, pertencente ao museu, onde foram salvas duas obras-primas de Masaccio e de Botticelli, e melhoradas as de tantos outros como Luca Signorelli, Mantegna, Perugino, Pinturicchio, Correggio, del Sarto, etc.

Para tão importante e delicado trabalho em 86 quadros sobre madeira, tela e 2 em ardósia foram especialistas de Roma, Florença e outras cidades, entre eles seis senhoras, figurando na lista os nomes de Ciro Pinto e Antonieta Pinto, de Nápoles.

Este laboratório, que funciona já há um ano em local adequado do palácio, dispõe de todos os elementos científicos que podem garantir perfeito trabalho.

Consta de duas secções, a técnica e a físico-química, compreendendo esta laboratório químico, outro físico e outro de microscopia.

No laboratório técnico executam-se as preparações que foram estudadas no laboratório físico-químico. Na secção de microscopia há desde o microscópio universal até ao microtomo, ao colorimetro, ao viscosímetro (para vernizes), aparelho para análise electrólica em bronzes, esmaltes, com balança de precisão, etc.

O laboratório radiográfico para raios X, tem estratigrafia e estereoradiografia, lâmpada de Wood para raios ultra violetas, negativoscópio e projectores para radiografias, etc.

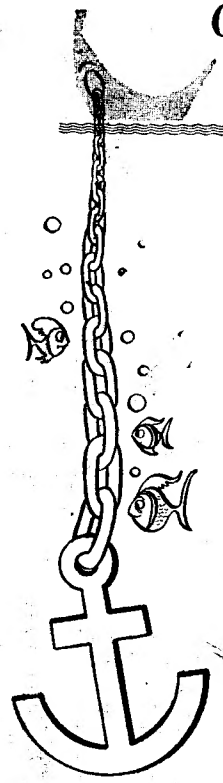
A secção técnica compreende o laboratório de restauro de pinturas (limpeza de verniz, eliminação de repinturas, remendos, etc.); arranjo de tábuas encurvadas ou estaladas; restauro de ceramicas e sua reconstituição, como um forno eléctrico; laboratório de molduras e dourador para reparações até mesmo de fundo de ouro em pinturas antigas, uma camara de gás metálica para desinfecção (destruição de parasitas), de esculturas e caixilhos com brometo de metil completa esta instalação.

Além do laboratório fotográfico, apto para todas as operações necessárias, há locais de depósito e reserva de quadros, onde podem ser consultados, pois se movem em 60 «chassis» ou paredes metálicas, como se fossem livros em estante.

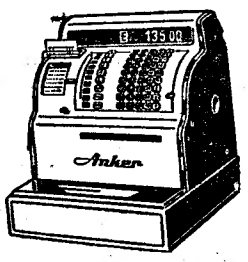
A bela apresentação do novo museu, bem digno de ser visitado, e a sua perfeita organização atraíram imediatamente valiosas dádivas de numerosos mecenas.

AMADEU FERREIRA D'ALMEIDA

não se deixe ir ao sabor da corrente...



Lance a **âncora** que manterá o seu negócio seguro e em constante progresso. Há uma máquina registadora ANKER que se adapta perfeitamente ao seu caso, como se fosse feita por medida. É que a ANKER apresenta uma linha completíssima, com mais de mil modelos, de 1 a 29 totalizadores, desde **7.440$00**



SÓ COMPRA BEM QUEM COMPARA...

COMPARE — E COMPRARÁ ANKER, A CAIXA REGISTADORA QUE ACTUALMENTE MAIS SE VENDE EM PORTUGAL.

Regisconta

LISBOA — R. Serpa Pinto, 15-A, 15-B (ao Chiado — Tels. 368251/2/3
PORTO — Praça do Município, 303, 307 — Tel. 26541
COIMBRA — Avenida Fernão de Magalhães, 138-1.º

UM CLUBE DE TV

para os católicos de Benfica

Inaugura-se amanhã, ás 21 horas, nas instalações paroquiais da freguesia de Benfica (Estrada de Benfica, n.º 705), o primeiro clube de televisão de Lisboa, destinado especialmente aos filiados dos organismos católicos locais.

No acto inaugural do clube, cuja iniciativa pertenceu ao pároco da freguesia, rev. Alvaro Proença, fará uma alocução o sr. eng. João António Lamas.

12 PITÉUS
AJI-NO-MOTO®

o tempero mágico que descobre o sabor escondido de todos os alimentos, transformando os mais simples pratos em saborosos acepipes, apresenta:

Um elementar curso de cozinha para a Mulher Portuguesa.

COSTELETAS DE PORCO PANADAS COM BATATAS ESPECIAIS

COSTELETAS

Tomam-se 12 costeletas de porco, finas, lavam-se, enxugam-se e temperam-se (por costeleta) com uma pitadinha de AJI-NO-MOTO, sal e pimenta.

Passados 10 minutos, passam-se por farinha, ovos batidos e pão ralado e fritam-se com óleo quente.

BATATAS

Coze-se 1 kg. de batatas, com casca. Descascam-se depois de cozidas e cortam-se em bocadinhos.

Corta-se uma cebola em rodelas muito finas que se aloiram em banha abundante. Juntam-se-lhes em seguida os bocadinhos de batatas cozidas, 1 colher de café bem cheia de AJI-NO-MOTO, sal, pimenta e uma colher de sopa de salsa picada. Mistura-se tudo muito bem com uma colher de pau, de modo que as batatas fiquem bem desfeitas.

Servem-se as costeletas de porco panadas intercaladas com rodelas de limão e contornadas pelas batatas especiais.

IRÉNE VIZI

UMA PITADINHA FAZ DE CADA PRATO UM PITÉU

Mundinter

TEATROS E CINEMAS

Atrás do reposteiro

A revista que se projecta levar á cena no Teatro Sá da Bandeira, do Porto, só se deverá começar a ensaiar com todo o elenco que a há-de desempenhar.

—Intitula-se «Viagem á Lua», a revista, que está a ser escrita com destino ao Teatro ABC.

—A tradução da peça «El Baile», é do dramaturgo Luís Francisco Rebelo.

—Encontra-se doente a actriz Laura Alves.

—O conjunto artístico dirigido por Max Lossafan, realiza amanhã um espectáculo em Viseu, no qual intervêm os artistas Markel, Rui Metelo, Ermelinda Andrade, Oligrivio e Mano Silva.

—A companhia do Teatro da Trindade, na devida altura da época, fará uma passagem do seu repertório no Porto.

—Encontra-se melhor, continuando porém, retido na sua residência, o gerente teatral Mário Pedro que há tempo se encontra doente.

—Nos princípios do próximo mês, reabre completamente remodelado o Teatro Sá de Miranda, de Viana do Castelo.

—E' provável que a companhia Amélia Rey Colaço-Robles Monteiro, realize alguns espectáculos em Palmela.

—Consta que a companhia espanhola de revistas, antes da sua apresentação no Porto, fará a sua estreia no Teatro Avenida.

—De S. Tomé, deve já ter seguido para Luanda o conjunto artístico «Festa Moderna».

A temporada de circo no Coliseu

Uma companhia de circo que sabe sorrir, que tem mulheres bonitas, que é variada como um «cocktail» e que desenrola o seu espectáculo nas três dimensões conquista, fàcilmente, o publico.

Foi o que, ontem, sucedeu, no Coliseu, com uma casa imponente, densa de multidão e, no meio dela, modestamente, sentado o Barnum mágico daquilo tudo: o empresário Américo Covões.

Para as crianças, esta companhia inaugural é um lindo conto a que não falta sequer—e que de maneira estranha e fascinante!—o capuchinho vermelho, envolto em fulgentes lhamas. Para os adultos, algo no género do «sputnik» que os faz pôr o nariz no ar, não vá perder a órbita dos astros, com a surpresa de encontrar mais um que não havia nos dias da criação.

O curioso é que o publico tem um sexto sentido. Sabe, prèviamente, se uma companhia é o que ele deseja, o que ele pensa, como sucedeu á que se estreou no Coliseu.

Nada há a dizer-lhe. Um espectáculo leve, colorido, dinamico, de circo moderno, que uma noite nos evade da vida, dando-nos coisas maravilhantes.

O numero de resistência é a famosa banda cómica «El Empastre» de 25 figuras, que representa, autênticamente, o génio picaresco e alegre espanhol. Vestidos de calças brancas e casacas verdes, com rebuços carmesins e dirigidos por um maestro, de grande cartola e barbas mefistofélicas (que nunca deve tirar) os musicos de «El Empastre», divertem-se e divertem-nos, tocando, ora a sério, ora a brincar, no meio das mais grotescas pantomimas. Estabelece-se a luta entre os executantes e o maestro, que atinge a rebelião homérica. Aquele dirige, por vezes, a banda como se estivesse num redondel, em passes de toureiro, convertendo a batuta em espada para matar o touro. Muita cor, muita musica, muita alegria!

A certa altura, a sala converte-se num «cabaret», com mesas e candeeiros á meia-luz, para uma daquelas musicas voluptuosas, em que os corpos se estreitam e ficam a bailar no ar. Mas que dizer dos «passe-dobles», de «Valência» e do alucinante «rock and roll» ?! Enfim, uma descarga de alegria, e o publico a consumir a Banda, muito além do tempo previsto, em ovações delirantes e pedidos de musicas, num remoinho febril de entusiasmo. Sabem qual o segredo desta cómica orquestra? Ovo de Colombo autêntico: enquanto as outras tocam paradas, clássicas e esculturais, esta toca em movimento, cada figura com o seu «gag», a sua diversão clownesca ou acrobática, num «pot-pourri» de corpos, de trejeitos, e das partituras. Mais não se pode fazer.

Os cães do prof. Feliu foram outra atracção de êxito estridente. Nunca vimos animais tão inteligentes. São como os cavalos do célebre Inaudi, sabem contar, somar, dividir, multiplicar, imitam pessoas, dão prognósticos, como o Borda d'Agua, ou qualquer douto crítico futebolístico.

Bons os Normands ciclistas-aéreos, volitantes. Dir-se-ia que mesmo sem as máquinas, os seus pés como os do mitológico Mercurio, voariam. E que elegancia!

As Julietas, no quadrante aéreo, uma «rubia» de longa cabeleira de fogo e outra, capitosa morena, fizeram-nos estremecer com o seu frio arrojo. Cintilaram como estrelas, lá muito alto!

Diferentes, originalíssimos, os malabaristas cómicos «Nita and Guerri», com autênticas invenções desse género de destreza tão subtil.

Os dinamarqueses Ottaris realizaram com brilho numerosos jogos acrobáticos e o capitão Roldan, com apresentação decorativa, pode considerar-se não um «foguete aéreo» mas a primeira bomba voadora humana.

Três palhaços, Amy, Gloty e Canamon, dois deles em imagens grotescas de Sancho Pança, deram-nos o melhor da castiça broma espanhola.

Quanto aos leões, mostraram que continuam a ser os reis dos animais. E' bom não brincar com o fogo... perdão, sr. Ivanoff, com as fauces das feras. A milímetros da morte, aquele domador não recua, e nós não sabemos o que mais admirar: se a coragem dele, se a terribilidade formidolosa dos bichos.

Como vêem, esta primeira companhia, que ontem satisfez inteiramente o publico, o qual não se cansou de aplaudir, é um novo mundo do circo. A sua vitória na primeira noite é o êxito das que se vão seguir. — **Visor 42.**

As actividades do Teatro de Ensaio

Depois de apresentar, em Julho, Tchekov, em Agosto, Molière e Shakespeare e, em Setembro, autores nacionais (Fernando Pessoa, Raul Brandão, Nascimento Morais e José Viana), o Teatro de Ensaio interpreta, com um grande elenco, Gil Vicente (autos «da Alma» e «Visitação» e «O velho da horta»), na Rua do Conde, 77, 1.º, ás Janelas Verdes. Os espectáculos serão apresentados amanhã e no dia 28, começando imediatamente os ensaios de «Hamlet», de Shakespeare. Entretanto, continuam os ensaios da ex-proibida peça «Deus lhe pague», que subirá á cena no mês de Novembro.

A revista do A B C segue a sua carreira

Continua em cena, no popular Teatro ABC, do Parque Mayer, a revista «Casa da Sorte», alegre espectáculo em que toda a gente se sente bem e onde o publico ri até não poder mais.

Montada com bom gosto, com um bonito grupo de lindas mulheres, «Casa da Sorte» tem á frente da sua grande companhia os nomes tão queridos de Hermínia Silva, Alvaro Pereira, Leónia Mendes, Carlos Coelho, Maria Adelina, José Viana, Cidalisa do Carmo e Daniel Garcia.

Teatro de amadores

Na notícia crítica que ontem publicámos acerca da representação do ensaio dramático «Amanhã há récita», de Varela Silva, na Sociedade Guilherme Cossoul, foi omitido por involuntário lapso, o nome de uma das intérpretes — Fernanda Vaz — e, porque se trata de uma jovem artista amadora que á sua insinuante presença no palco alia um prometedor talento é com todo o prazer que a esta reparação acrescentamos o nosso vivo incentivo.

Primeiras exibições

«Amores de um canalha», no Eden

Clement Sabourin é um outro Gregory Arkadin. Este Sabourin é igualmente pulha, cruel e feroz, igualmente poderoso, arqui-milionário e genial, mas trata-se de um cínico amoroso, um alto sedutor. George Sanders tem aqui um papel admirável, de um cinismo wildeano, requintado e superior. Sanders,

(Continua na 6.ª página)

MARIA VITORIA
Emp.ª Eugénio Salvador e Rui Martins, Lda.

VARIEDADES
Empresa Artística de Espectáculos, Lda.

REVISTA

COMEDIA

COM A COMPANHIA DE
SALVADOR
NA REVISTA POPULAR
CURVAS PERIGOSAS

COM
Bibi Ferreira
António Silva
á frente de um grande elenco

Todas as noites duas sessões ás 20.30 e 22.45
ADULTOS
AMANHÃ
Espectáculo á tarde ás 16 h.

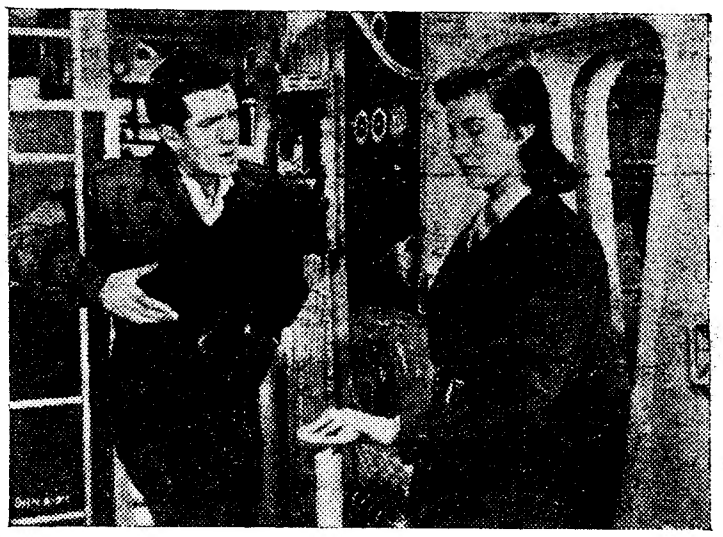
Salvador

BREVEMENTE
O MAIOR ACTOR DO BRASIL
PRECOPIO FERREIRA
E A SUA COMPANHIA COM
HAMILTA RODRIGUES
A. FREGOLENTE—TERESINHA VIANA — PAULO GONÇALVES

Procópio Ferreira

«BOITE DE NUIT» NINA (Maiores de 17 anos)
Apresenta — Em ESTREIA
Uma atracção de excepcional categoria artística
os excitantes bailarinos
"DE MARLOS"
atracção vedeta da companhia de Danny Kaye
No programa:
MALENI TORRES

SIC
APRESENTA, A SEGUIR
NO CAPITOLIO
O FILME DE ESPANTOSA ACTUALIDADE:



SATELITE NO CÉU
— SATELLITE IN THE SKY —
com KIERON MOORE e LOIS MAXWELL
CINEMASCOPE
Em Warnercolor
Produção
Um satélite artificial ameaça seis vidas perdidas na Estratosfera, ou milhões de almas que na Terra, ignoram o perigo que paira no espaço... Haverá possibilidade de evitar a catástrofe eminente?
Realização de PAUL DICKSON
(Maiores de 12 anos)

RITZ CLUB
R. da Glória, 57—T. 25140— 17 anos
O PONTO DE REUNÃO DE TODA A LISBOA
O «DANCING» TODAS AS NOITES EM GRANDE FESTA
COM UM ELENCO DE «MUSIC-HALL» QUE DÁ BRADO
A PRODIGIOSA ATRACÇÃO ACROBÁTICA
TRIO GUALTERI
APLAUDIDA COM LOUCO ENTUSIASMO
A MELHOR PARELHA DE BAILE DO ANO:
ADORACION y JOSE' LUIS
EM 5.º MÊS DE ÊXITO DELIRANTE
e, ainda, todo o famoso conjunto de atracções do «RITZ» com
VILLAÇA E A SUA ORQUESTRA
EM BREVE GRANDE ESTREIA BALLET MONJUICH
8 BAILARINAS DE FASCINANTE BELEZA

NO SALÃO TÍPICO CEIAS COM FADOS E GUITARRADAS ATÉ ALTAS HORAS

CORRIDAS DE CAVALOS

NO

HIPODROMO DO CAMPO GRANDE

AMANHÃ, ÀS 15 HORAS

6 CORRIDAS : TROTE-ATRELADO E GALOPE

APOSTA MÚTUA

● OLIMPIA CLUBE ●

HOJE E TODAS AS NOITES (17 anos)

PELA PRIMEIRA VEZ EM PORTUGAL O FAMOSO

"BALLETSUZAN"

á frente de um grande programa de atracções com

JOSÉ MAGALHÃES e SUA ORQUESTRA

No **«Cantinho dos Condes»:**
CEIAS, com FADOS E GUITARRADAS

RETIRO ANDALUZ

Casa de **Deolinda Rodrigues** — Fados e Guitarradas Por **MANUEL FERNANDES, António Rocha, Constancia BATISTA, Maria Silvestre,** acompanhados por **Liberto Conde** e **Francisco Peres,** e ainda **Isidro Batista** no seu «acordeon»

Dia 29 reabertura da época de Inverno com a reaparição de

DEOLINDA RODRIGUES

e outras atracções — Reserve a sua mesa

AVENIDA CONDE VALBOM, 114 — Telefone 773134 — (Para 17 anos)

LUSO

Trav. da Queimada, 8-A
Tel. 32889
(17 anos)

Hoje (e todas noites) Fados e Canções por: Alice Magina — Alberto Cardia — Ilda Ferreira—José da Cruz—Odete Rosa e o «ás» da boa disposição João Viana (Vianinha). Acompanhamentos por António Couto e Pedro Leal. AMANHÃ—Grandiosa «Matinée». SEGUNDA-FEIRA—Homenagem da Empresa do LUSO ao cantador **MANUEL DE ALMEIDA.**

SINTRA ESPERA-O

• NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELECTRICOS

No seu interesse adquira na véspera bilhete simples, ou de ida e volta.

CASINO ESTORIL

HOJE — NOITE DA MODA

no «WONDER-BAR»

Serviço de Restaurante

Conjuntos: HELDER REIS e OLIVER

—— AMANHÃ —— (17 anos)

«CHÁ-DANÇANTE»

ARCO-IRIS

RESTAURANTE-BAR

Praça do Areeiro, 8 — Telef. 725349

(Edifício do Arranha-Céus)

Tome o seu aperitivo no nosso Bar

ALMOCE OU JANTE

PRATOS REGIONAIS

Serviço especial á vista do cliente

Direcção de FERNANDO SANTOS

A' Ex.ma Classe Médica e Farmacêutica

RECTOFEBRYL

O MAIS RECENTE E PODEROSO ANTIGRIPAL

O mercado encontra-se normalmente abastecido estando a distribuição a cargo da

Soc. Industrial Farmaceutica

Trav. da Espera, 3

Farmácia Azevedos

Rossio — LISBOA

Um filme de ROBERTO AMOROSO *em* CINEMASCOPE EASTMANCOLOR

PARA 12 ANOS
DIST.: **FILMITALUS**

ELSA MARTINELLI • GABRIELE FERZETTI

Donatella

Uma história delicada, sorridente e fascinante vivida por uma cinderela dos nossos dias

3.ª FEIRA NO CINEMA MONUMENTAL ESTREIA

Carlos Coelho e **Alvaro Pereira** nos «Guardas-fiscais»

● TEATRO ABC ● (17 ANOS)

Empresa JOSÉ MIGUEL — Telf. 366783

TODAS AS NOITES ÀS 20.45 E ÀS 23 HORAS

A RAINHA DAS REVISTAS

● CASA DA SORTE ●

com **HERMINIA — ALVARO PEREIRA — LEÓNIA CARLOS COELHO — MARIA ADELINA — JOSÉ VIANA**

á frente de um grande elenco

AMANHÃ, DOMINGO, ESPECTACULO ÀS 16 HORAS

Cartaz dos Cinemas

SÃO LUIZ
TEL 27173

Às 15,15 e 18,15 **preços red.)** e 21,30 (17 anos) 2.ª SEMANA
O melhor filme de «suspense»

FALSO CULPADO

com **Henry Fonda** e **Vera Miles** em duas criações notabilíssimas
Veja este filme e medite no que viu e ouviu

ÉDEN
TEL 20768

Às 15,30, 18,30 e 21,30

Georges Sanders e **Yvonne de Carlo** em

OS AMORES DE UM CANALHA

em «RKO-SCOPE»
As mulheres deram-lhe tudo o que tinham!... — Para maiores de 17 anos

CONDES
TEL 22523

Às 15.15 e 18.15 (Preços reduzidos) e 21.30 (17 anos)

UM CRIMINOSO À SOLTA

com **Joseph Cotten — Rhonda Fleming**
A história de um detective destemido que empregou a sua própria esposa para atrair um criminoso e provar a sua culpabilidade.

ALVALADE
TEL. 763080

Às 15.15 e 18.15 (Preços reduzidos) e 21.45 (17 anos) 2.ª SEMANA
A sensacional obra-prima

FALSO CULPADO

com **Henry Fonda** e **Vera Miles**
Uma história autêntica, de emoção e «suspense», numa realização maravilhosa!

CINEMA IDEAL
TEL. 24194

Às 21 — (12 anos)
TORPEDOS HUMANOS BUFALLO BILL, O INDOMAVEL

LIZ
TEL 40660
(17 anos)

A's 15.15 - 21.15
NOSSA SENHORA DE PARIS
Cinemascope
com
Gina Lollobrigida
No programa: **Somos homens ou quê?**

TIVOLI
TEL. 50595

A's 3 e 6.15 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite
Um filme sublime (12 anos) 3.ª sem. triunfal

O GRANDE AMOR DA MINHA VIDA

com **Cary Grant** e **Deborah Kerr**
No programa: **Sintra**—produção de Filipe de Solms, realização de João Mendes

POLITEAMA
TEL 98305

15,15, 18,15, 21,30
GRANDE ÊXITO do vibrante filme de crime, mistério e «suspense»

A SOMBRA NO TELHADO

com **Daniel Gelin, Bella Darvi** e **François Perier**
CINEMASCOPE — (Maiores 17 anos)

ROMA
TEL. 727778

Às 15.30 e 18.30 (Preços reduzidos) e 21,45 (17 anos) 2.ª SEMANA
Um problema sério, que a todos interessa, tratado com invulgar humorismo

PAIS E FILHOS

com **Vittorio de Sica—Antonella Lualdi — Marcello Mastroianni**

ODEON
TEL. 26283

A's 15.15, 18.15 e 21.30 (12 anos) 2.ª SEMANA

ANSIEDADE

com **Pedro Infante** e **Libertad Lamarque**
Um filme sentimental e humano! Vigoroso! Alegre! Divertido!

CAPITOLIO
TEL 27491

Ás 15.30 (P. red.) e 21.30 (17 anos)
êxito sensacional! do novo e trepidante ritmo

AO RITMO NEGRO DO CALYPSO

com **Johnny Desmond — The Treniers — Mec Myles — The Tarriers**

TERRASSO
TEL 20917

JUVENTUDE DE UMA RAINHA

A's 21 (12 anos) **SANGUE E LUZ**

CASINO ESTORIL

A's 21.30 (17 anos)
UM AMERICANO EM MOSCOVO
com **Bob Hope**

IMPERIO
TEL 55134-35

Às 15.15 e 18.15 (Preços reduzidos) e 21.30 (17 anos)
O maior dos maiores êxitos mundiais de J. Mankiewicz

A CONDESSA DESCALÇA

Ava Gardner e **Humphrey Bogart** pela 1.ª vez reunidos num grande filme.
O drama duma mulher livre que não pôde ser feliz com o unico homem que amou

SÃO JORGE
BALCÃO 54154
PLATEIA 54153
(12 anos)

15,15, 18,15, 21,30
Um autêntico acontecimento cinematográfico

A BATALHA DO RIO DA PRATA

com **John Gregson — Anthony Quayle — Peter Finch**
VistaVision — Technicolor

MONUMENTAL
TEL. 55131
(17 anos)

15.15, 18.15 e 21.30 2.ª SEMANA
Marilyn Monroe e **Laurence Olivier** em duas notáveis criações que marcam como grandes provas de exame!

O PRINCIPE E A CORISTA

AVIS
TEL. 47162

Às 15.15 e 18.30 (Preços reduzidos) e 21.30 (17 anos) 5.ª SEMANA

O ULTIMO COUPLET

Três amores na vida de uma cançonetista que inspirava paixões violentas
com **Sara Montiel, Armando Calvo** e **Enrique Vera**

RESTELO
Tel. 610375

Às 21.15 (12 anos)
A vida apaixonada de Van Gogh
(cinemascope)
com **Kirk Douglas**

ROYAL
Telefone 845037

Hoje, às 21 horas (12 anos)
Um filme grandioso, que deslumbra e encanta!

VALSA BRILHANTE

com **Marta Eggerth.**
No programa: **O INDOMAVEL**

DESPORTOS

Belenenses, Benfica, Sporting e Torriense

ganharam os desafios de hoje

no torneio de reservas da A. F. L.

Disputaram-se esta tarde quatro jogos para o torneio organizado pela A. F. L., para assegurar a actividade das reservas dos principais clubes, torneio dotado com a taça Guilherme Pinto Basto.

O Belenenses, o Sporting e o Torriense, jogando nos seus campos, não tiveram dificuldades em impor a sua superioridade e alcançaram resultados concludentes.

O desafio Oriental-Benfica teve desfecho mais nivelado.

Oriental, 0-Benfica, 3

Jogo no campo «Eng.º Carlos Salema», com razoável assistência. As equipas formaram:

ORIENTAL — Soares; Morais e Capelo; Fanan, Vasco e Fernandes; Servo, Evaristo, Jobel, Pipas e Botica.

BENFICA — Machado; Ferreira e Naldo; Helder, Vaz e Mário João; Palmeiro Antunes, Santana, Carvalho, Chipenda e Pedro Silva.

Arbitro — Aníbal de Oliveira.

O Benfica dominou durante toda a primeira parte, bastando dizer-se que o seu guarda-redes não executou nenhuma defesa.

Aos 20 minutos Carvalho magoou-se tendo de permutar o seu lugar com Pedro Silva. Esta mudança quebrou o rendimento do sector ofensivo dos «encarnados».

A' passagem da meia hora o Benfica desperdiçou uma grande penalidade, pois Naldo atirou a bola ao poste.

Aos 35 minutos, uma jogada de Carvalho proporcionou um centro que Santana aproveitou para, com oportunidade, marcar o unico tento dos primeiros 45 minutos.

Ao intervalo: Oriental, 0-Benfica, 1.

Nos primeiros dez minutos da 2.ª parte o Oriental, actuando com grande entusiasmo, dispôs de duas ocasiões para empatar.

Mas, aos 11 minutos, Palmeiro Antunes, aproveitou um passe de Chipenda e fez o 2.º golo dos benfiquistas, não sem que a bola fizesse tabela nos pés de Soares.

O Benfica continuou ao ataque e, aos 32 minutos, um centro de Palmeiro Antunes foi aproveitado por Santana para fazer o 3.º golo.

O jogo endureceu um pouco e, aos 35 minutos, Fernandes recebeu ordem de expulsão.

No fim: Oriental, 0-Benfica, 3.

Sporting, 8-Arroios, 1

Jogo no Estádio «José Alvalade», com reduzida assistência. As equipas formaram:

SPORTING—Octávio de Sá; Costa e Paleje; Mendes, Walter e Juca (que reapareceu); Carlitos, Pérides, Miltinho (que reapareceu), Carlos Silva e Mourato.

ARROIOS—Amaro; Costa e Pais; Ferreira, Adelino e Chitas; C. Alberto, Ernesto, Daniel, Maximino e Elísio.

Árbitro—António Bernardo.

Ainda não havia um minuto de jogo e o Arroios vencia por 1-0. Um passe mal feito de Paleje a Octávio de Sá foi interceptado por Daniel para fazer o golo.

O Sporting não se perturbou e, aos 10 minutos, um passe de Pérides foi aproveitado por Carlos Silva para estabelecer o empate (1-1).

Prosseguindo no seu domínio, os *leões* colocaram-se em vencedores, aos 27 minutos, por intermédio de Pérides, que aproveitou muito bem um centro de Carlitos.

Um minuto depois Miltinho consolidou a vantagem leonina. Daí, até ao intervalo, o Sporting marcou mais dois golos, aos 33 e 34 minutos, por Carlitos e Pérides.

Ao intervalo:

Sporting, 5-Arroios, 1.

A segunda parte arrastou-se sem nada de notável. O Sporting comandou sempre a partida e conseguiu mais três golos — aos 28 minutos, por Mourato, após falhanço da defesa do Arroios; aos 32, por Carlos Silva, sobre passe de Mourato; e, finalmente, aos 39, por Pérides.

Ao fim: Sporting, 8-Arroios, 1.

Belenenses, 8-Atlético, 0

Jogo nas Salésias, com as equipas assim formadas:

BELENENSES—Ramin; Rosendo e Marçal; Artur, Amandio e Cunha Velho; Vítor, Wilson, Suarez, Inácio e Bezerra.

ATLETICO — Neves Costa; Marques e Diamantino; Midões, Tó Pereira e Mota; Franco, Sérgio, Espiga Lopes, Mega e Berto.

Arbitro: Mário Vidreiro.

Os «azuis» durante toda a primeira parte desfrutaram de vantagem técnica e territorial, compensando com quatro golos, sem resposta.

O primeiro tento surgiu aos 8 minutos e foi obra de Wilson; aos 15 minutos, Artur chamado a transformar uma grande penalidade elevou a conta para 2-0. Wilson, de novo, fez um tento, quando iam decorridos 22 minutos. E Suarez, rematando um centro de Bezerra, aos 38 minutos, obteve um bonito golo.

Ao intervalo: Belenenses, 4-Atlético, 0.

A segunda parte decorreu com menor desnível de forças. No entanto, os donos do campo somaram mais alguns golos. Assim, Inácio, aos 7 minutos, e Suarez, aos 10, 35 e 39 minutos elevaram a conta para 8-0—resultado com que findou o desafio.

Torriense, 7-Estoril, 0

TORRES VEDRAS, 26 (Pelo telefone) — O jogo desta tarde, no campo das Covas, teve fraca assistência. As equipas formaram assim:

TORRIENSE — Montero; Bernardes e Margaço; Figueiredo, Raul e Luís; Mário, Saldanha, Aníbal, Beirão e Sousa.

ESTORIL — Augusto; Libertário e Albano; Silva, Artur e Nogueira; Aragão, Ferrão, Caracol, Gonçalves e Raul.

Arbitro — Carlos Dinís, de Lisboa.

A primeira parte decorreu com domínio absoluto da equipa local, que, muito naturalmente, chegou ao intervalo com a vantagem de cinco golos.

Os golos foram obtidos, aos 3, 15, 26, 28 e 29 minutos, respectivamente, por Brás, Aníbal, Sousa, Aníbal (de grande penalidade) e Mário.

Ao intervalo: Torriense, 5-Estoril, 0.

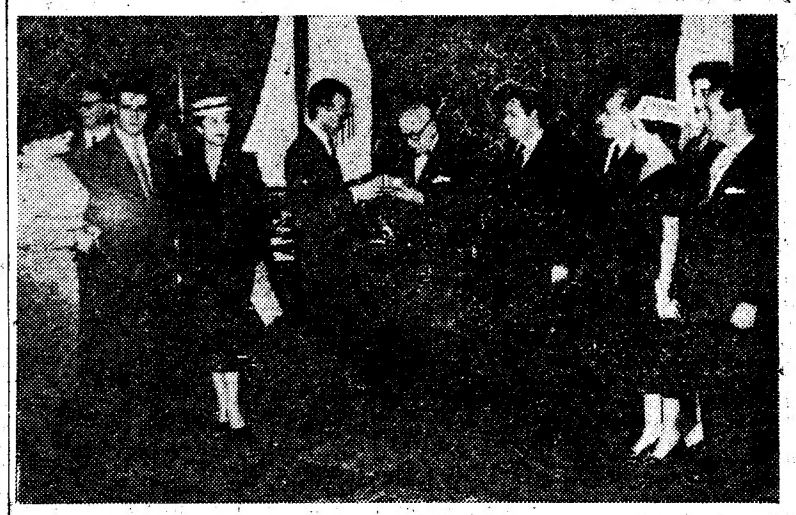
Na 2.ª parte o Torriense fez mais dois golos, por Aníbal e Figueiredo.

INAUGURAÇÕES

no concelho de Cascais

O presidente da Camara Municipal de Cascais, sr. tenente-coronel Raposo Pessoa, inaugura amanhã, pelas 15 horas, a central elevatória de águas de São Domingos de Rana e os chafarizes de São Domingos de Rana, Zambujal, Rana e Rebelda. Estas obras custaram cerca de dois mil duzentos e cinquenta contos.

Teatros e Cinemas



João Villaret recebeu há dias, no Itamarati, das mãos do chanceler Macedo Soares, as insígnias de oficial do Cruzeiro do Sul, durante uma cerimónia em que o ilustre actor português recitou poemas brasileiros e portugueses

(Continuação da 4.ª página)

um cinquentão grisalho, de cara rasgada de rugas, sorriso pérfido, impecávelmente vestido, seduz fácilmente Yvonne de Carlo, Zsa Zsa Gabor e muitas outras raparigas inocentes e não inocentes.

Sanders-Sabourin é um indivíduo tenebroso mas elegante, um grande bandido, que supera Al Capone e Dillinger, com uma rosa na botoeira. Sanders-Sabourin é um personagem de Poe e Maurice Leblanc, um triunfador da vida pelo crime, um crime praticado com uma luva branca.

O publico do Eden estremeceu com as terríveis proezas deste diabólico sujeito. Note-se que muitos de nós somos pequenos sabourines potenciais e este filme é uma esplêndida lição para todos. As jovens enfrentaram o sedutor em toda a sua glória horrível, esse sedutor que a menina Sagan exalta num estilo soberbo que reveste uma pavorosa pobreza de pensamento. Filme interessante e bem realizado, «Amores de um canalha» é uma obra inteligente e sombria que o publico gostará de ver.

Entre os documentários vimos a curta metragem do S. N. I. intitulada «Quatro anos de vida da Nação» em que são narradas as viagens do Chefe do Estado ás províncias ultramarinas.—*A. P. F.*

«Um criminoso á solta», no Condes

O filme «Um criminoso á solta», ontem apresentado em estreia no Condes, é um «clássico policial», muito ao gosto dos amadores do género. Vale, sobretudo, pela actuação de Wendell Corey, um actor que vem a brilhar cada vez com maior intensidade no firmamento das estrelas cinematográficas. Vimo-lo a ultima vez em «No reino da calunia», e impressionou-nos bastante a forma perfeita, muito acima do bom corrente, com que actuou no referido filme, em que não era a estrela principal.

Em «Um criminoso á solta», Corey revela-se, mais uma vez, um actor de categoria superior, ao incarnar a figura de um criminoso singular, que mata com relutancia, em cumprimento de um destino cruel que os homens lhe proporcionaram e para o qual ele próprio contribuiu.

No desempenho salientam-se, também, Joseph Cotten, Rhonda Fleming, Alan Hale, Michael Pate, Virgínia Christine e Jhon Larch.

O realizador Budd Boetticher, pela maneira como aproveitou o argumento de Harold Medford, mostrou conhecer bem os segredos da arte de «suspense».

Complementos curiosos. — *Visor 55.*

Amália

em Barcelona

BARCELONA, 26 — Procedente de Lisboa, chegou hoje de avião a esta cidade, a artista portuguesa Amália Rodrigues que actuará numa série de espectáculos organizados por um dos mais conhecidos salões publicos de Barcelona. — (F. P.).

Novas maravilhas de Circo

Hoje, no Coliseu, a primeira Companhia de Circo Internacional que, ontem, se estreou com clamoroso êxito. Ao espectáculo desta noite podem assistir crianças com 6 anos

Hoje, segundo dia da grandiosa companhia de circo do Coliseu, que, ontem, na estreia, o publico aclamou em delírio.

Todas as crianças, a partir dos 6 anos, podem ir esta noite, ao Coliseu. Cartaz maravilhoso. Dezenas de atracções prodigiosas, vindas de toda a parte do Mundo. A genial banda cómica «El Empastre», com 25 figuras, verdadeiro vulcão de gargalhada. Leões do Atlas, Ciclistas, Malabaristas, Palhaços, Cães amestrados, Ilusionistas e muitos outros fenómenos, como nunca se viram.

Amanhã, domingo, espectáculo á tarde ás 16 horas, com entrada gratuita ás crianças dos 6 aos 10 anos, quando acompanhadas.

FEIRA DAS INDUSTRIAS PORTUGUESAS

I SALÃO DE ARTES DOMÉSTICAS

HOJE e AMANHÃ

Às 21.45 h.

O COMITÉ FRANÇAIS DE L'ELEGANCE

APRESENTA

MISS MUNDO 1957
MLLE. MARITA LINDAHL

MISS FRANÇA 1957
MLLE. CLAUDE NAVARRO

MLLE. JACQUELINE TAPIA
MISS TUNISIA 1957

E

MISS ELEGANCE 1957
MLLE. FRANÇOISE BRILLOUET

NOS «SHOWS» INTERNACIONAIS

LA JOURNÉE D'UNE PARISIENNE
COMO A MULHER PARISIENSE SE DEVE VESTIR NAS 24 HORAS
UMA PARADA DE ELEGANCIA

E

LE MONDE EN COSTUMES
GRANDE DESFILE DE TRAJOS FOLCLÓRICOS FEMININOS, OFERECIDOS PELAS DELEGAÇÕES DE TURISMO E GOVERNOS DE 21 NAÇÕES

Comentadores: ERICO BRAGA e JEAN RENAULT (do Comité Français de l'Elegance)

Fundo musical pelo conjunto Sousa Machado

Bilhetes a 30$00, 40$00 e 50$00 — Camarotes a 250$00

Os bilhetes estão á venda na Sucursal de «O Século», no Rossio, e nas bilheteiras da F. I. P. na Avenida da India

2.ª TIRAGEM

Acabou o satélite?

MOSCOVO, 26 — O satélite artificial deixou definitivamente de transmitir os seus sinais de identificação pela rádio — anuncia a emissora moscovita. — (A. N. I.).

Taverna-Sevilhana
BOITE DE NUIT
Gonzalo La Puerta e seu conjunto
L. REGEDOR, 7
Telef. 34982

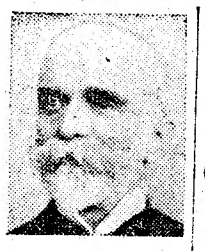
Em ALCACER DO SAL, o «Diário de Lisboa» é vendido por José Maria da Silva.

Cartaz do Porto

para amanhã, dia 27

COLISEU — A's 15 e 30 e 21 e 30 — «Paulo e Carolina».
SA DA BANDEIRA — A's 21 e 45 — «Viva o homem!».
S. JOÃO — Ás 21 e 30 — «A Escondida».
AGUIA DE OURO — A's 15 e 30 e 21 e 30 — «Perseguição Infernal».
OLIMPIA — A's 21 e 30 — «O Grande Bluff».
BATALHA — A's 15 e 30 e 21 e 30 — «Dois dias no paraiso».
TRINDADE — A's 15 e 30 e 21 e 30 — «O belo sexo».
NUN'ALVARES — A's 21 e 30 — «Sissi, a jovem imperatriz».
VALE FORMOSO — A's 21 e 30 — «O Anjo negro».
JULIO DINIS — A's 21 e 30 — «O Grande Bluff».

Anedotas e episódios da vida de pessoas célebres



XLIV — Bernardino Machado

Uma vida agitada. Conselheiro na monarquia, chefe de Estado na República, o douto professor da Universidade de Coimbra foi, na Política, tudo quanto quis. A sua amabilidade fez época e algumas boutades se popularizaram. Bernardino Machado tinha uma prole numerosa. Conta-se que, estando um dia a trabalhar, no seu escritório, chamou um dos seus filhos:

—Sebastião!

Ninguém respondeu e ele voltou a chamar:

—Sebastião!

Após um pequeno silêncio, apareceu a esposa que interrogou o distraído catedrático:

—Por quem é que tu chamas?

—Pelo meu filho Sebastião.

—Mas nós não temos nenhum filho Sebastião.

—Então manda-me um qualquer.

* * *

A sua gentileza tocava as raias do record. Um dia, seguia com a mulher pela Avenida, e viu um cavalheiro sorrir-lhe cordialmente. Ele correspondeu e a senhora pergunta-lhe quem era.

Ele disse-lhe que não sabia, mas ao abraçá-lo, apresentou-lhe a esposa nestes termos:

—Minha mulher e este senhor... este senhor nem é preciso dizer quem ele é! Saiu desta forma airosamente do embaraço...

* * *

Certa manhã passeava em Matosinhos e viu uma mulher do povo que lia, com bastante dificuldade, uma carta a outra mulher.

Bernardino Machado, cumprimentando-as, ofereceu os seus préstimos:

—Se quiserem, eu leio a carta.

—E' quem o mandou ao senhor meter aqui o nariz?

O futuro chefe do Estado saudou-as e retirou com a sua serenidade habitual. Junqueiro dizia dele:

—«Bernardino não é de ferro. E' de borracha. Pode passar-lhe um cilindro de estrada por cima, que ele levanta-se logo, todo lépido, a tirar o chapéu».

* * *

Na sua casa da Cruz Quebrada, aparecia a miudo um seu correligionário e compadre que ia pedir para apanhar uma couve no quintal do sr. doutor.

—Vá Joaquim, vá, dizia o dr, explicando á pessoa que o acompanhava. «E' meu compadre e um bom democrata. Coitado! Vem buscar a sua couvinha».

* * *

Em Belém, apareceu-lhe um dia, o jornalista Silva Passos a pedir-lhe que o nomeasse cônsul. O doutor reparou no fato coçado do pretendente e aconselhou-o:

—«Está bem, meu caro Silva Passos, mas como um representante de Portugal se deve apresentar bem, trate de me aparecer com um fato digno de si e do cargo». Silva Passos, com sacrifício, lá arranjou um fato novo e voltou, todo janota. O dr. olhou-o muito contente e disse-lhe:

—«Ainda bem, meu caro Silva Passos. Pelo que vejo, já não está em dificuldades e, portanto, não precisa do emprego».

Mas afinal, lá o nomeou como ele queria.

* * *

No Verão de 1925, foi veranear ás Pedras Salgadas. Acompanhava-o Nuno Simões, ministro do Comércio.

Discutiam o problema da mendicidade. Era preciso tomar providências. Mas os pobres não paravam pelo caminho, pedindo esmola. O ministro dava a esmola. E o chefe do Governo, exclamava sempre:

—E' impossivel. Tem de se tomar providências urgentes». Mas os pedintes continuavam e Nuno Simões esvaziou a bolsa. Então Bernardino, mudando de tom, sentenciou:

—«Isto é demais!' Não pode uma pessoa dar um passo ,que não apareça logo uma nuvem de pedintes!»

* * *

Bernardino Machado saía do Ministério ás duas e três da madrugada. Uma vez, duas mulherzinhas aguardaram a altura de serem recebidas, mas alta madrugada, ao retirar, uma das mulheres dirigiu-se-lhe:

—Sr. ministro. Ainda cá estamos para fazer um pedido a V. Ex.ª

—Já é tão tarde! Tenham paciência. Venham amanhã que serão atendidas».

A mais velha, desalentada, protestou:

—«Dessa está o senhor doutor livre! A's três da madrugada? Só se o senhor ministro nos der de jantar e almoçar!».

L. R.

Mais prisões evasões e atentados em Cuba

HAVANA, 26 — Onze presos políticos fugiram da cadeia desta cidade, anunciando-se, ao mesmo tempo, que foram presos 60 elementos revolucionários que prestavam serviço nas fileiras das forças motorizadas radiotelegráficas da Polícia de Havana.

O comandante da Polícia, general Hernando Hernandez, destituiu das suas funções o director da cadeia do Principe, coronel Daniel G. Martinez Mora, logo que teve conhecimento da fugo dos presos.

Foi demitido também o coronel Lutgardo Martin Perez, comandante das forças motorizadas radiotelegráficas da Policia.

Sete bombas explodiram nos arredores desta cidade, durante a madrugada, provocando alarme.

As primeiras informações recebidas dizem haver mortos e feridos, sendo consideráveis os estragos materiais.

Foram abatidos a tiro dois dos terroristas e outro foi detido, segundo informa a Polícia. — (A. N. I.).

As visitas do Presidente de Pasquitão

(Continuação da 1.ª página)

alguns dias de repouso, seguidos de outros na Inglaterra, antes de ir a Lisboa.

Um membro da comitiva presidencial informou que a visita oficial a Portugal terá início no dia 11 de Novembro, prolongando-se até 14, data em que o presidente do Paquistão seguirá para a Espanha, antes de regressar a Karachi.

O presidente Mirza foi cumprimentado no aeroporto internacional de Ciampino pelo subsecretário de Estado dos Negócios Estrangeiros, Alberto Folchi, pelo embaixador Corrado Baldoni, chefe de gabinete do presidente Giovanni Gronchi, e pelo ministro Guerino Baldoni, chefe do protocolo do Ministério dos Estrangeiros.

Entre outras individualidades presentes, destacavam-se o embaixador paquistanico em Roma, S. K. Dehlavi, e o embaixador italiano em Karachi, Alberto Calisse.

Depois de passar revista á guarda de honra, constituída por um destacamento da Aeronáutica italiana, o presidente Mirza seguiu de automóvel, escoltado por motociclistas da Polícia, para a embaixada do Paquistão, onde foi hoje oferecido um almoço em sua honra. — (A. N. I.).

Bispo francês morto pela gripe

MONTPELLIER, 26 — Faleceu esta noite mons. Jean Duperray, bispo de Montpellier.

Atacado de gripe asiática, há uma semana, ao regressar de uma viagem a Paris, mons. Duperray recolheu ao leito. A doença parecia evoluir de maneira satisfatória, mas o estado do enfermo agravou-se de subito esta noite, e a morte sobreveio. — (F. P.).

391 mortos nos Estados Unidos

CHICAGO, 26. — As autoridades sanitárias estão alarmadas com o alastramento da epidemia da gripe asiática nos Estados Unidos, onde morreram ontem mais 63 pessoas, atacadas do mal, elevando-se para 391 o numero de casos fatais já registados no país.

O numero de mortos de ontem é o maior até agora registado num só dia.

As estatísticas revelam que 1.357.684 pessoas estão atacadas pela gripe. — (A. N. I.).

45.000 casos em Estocolmo

ESTOCOLMO, 26. — A epidemia da «gripe asiática», que está a alastrar, atingiu agora as províncias setentrionais da Suécia. Os Serviços de Saude calculam que a doença atingirá cerca de 20 por cento da população do país. Até agora, só em Estocolmo foram registados já mais de 45.000 casos.—(A. N. I.)

O Grémio Lisbonense festeja hoje os seus 115 anos

A mais antiga colectividade de recreio da capital — o Grémio Lisbonense — comemora hoje o 115.º aniversário da sua fundação. Frequentada por elevado numero de sócios — actualmente cerca de 300 — de todas as classes sociais que nela confraternizam diáriamente, dispõe a velha e conceituada associação de bons salões nobre e de bilhares — este dos melhores da capital — salas de biblioteca e de jogos, restaurante, com excelente bufete, etc.

A conhecida colectividade ainda hoje bem dirigida, orgulha-se de contar entre a sua massa associativa altas patentes do Exército e da Armada, os mais considerados comerciantes da nossa praça, engenheiros e médicos dos mais distintos, etc.

Entre os seus sócios destaca-se, não só pelo seu elevado cargo, como por ser o mais idoso de todos, o sr. general Alfredo May, que conta actualmente 93 anos de idade.

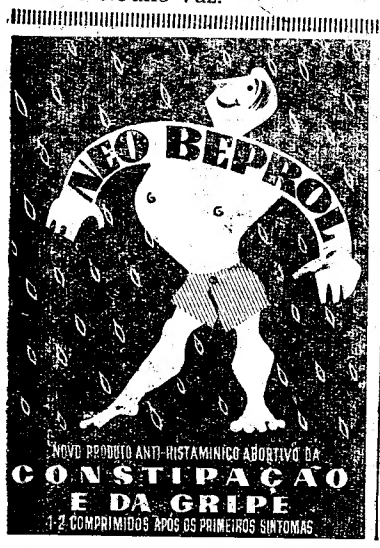
O Grémio Lisbonense mantém na sua organica associativa o grupo de beneficência «Os Pelicanos», que todos os anos, especialmente pela Páscoa e pelo Natal, distribui donativos em dinheiro, tabaco e vestuário a crianças, indigentes e internados.

Também pelo seu aniversário— como aconteceu hoje, a exemplo dos anos anteriores — «Os Pelicanos» vestiram e calçaram vinte meninas, para o que senhoras das famílias dos directores se deslocaram ali ás 14 e 30.

A' noite, na sede do Grémio Lisbonense, realiza-se um jantar de confraternização, seguido de baile e variedades para o qual já estão inscritas algumas dezenas de sócios e suas famílias.

Mercês honoríficas

Foram agraciados, com o grau de cavaleiro da Ordem Militar de Cristo, o sr. dr. Adam Wandruszka, de nacionalidade austríaca; com a comenda de Avis, o sr. tenente-coronel Humberto dos Santos Pereira; e com o oficialato da Ordem de Instrução Publica, os pintores Lino António e Julio Vaz.



Restaurante Clementina

A casa onde melhor se come...

Refeições por lista e mesa redonda; preços acessíveis.

R. Jardim do Regedor, 37-1.º — Telefone 24669.

O ESPIRITO DOS OUTROS

Notas, ditos e anedotas sobre e de Alexandre Dumas

ALEXANDRE DUMAS

Alexandre Dumas era filho de um heroico general francês. Nasceu na ilha de S. Domingos em 1762, e morreu em Villers — Cotterêts, em 1806, localidade onde nasceu seu filho Alexandre o célebre comediógrafo. Foi o romancista e dramaturgo mais popular do seu tempo pela imaginação e rara fecundidade.

Produziu, ele só, ou com colaboradores, centenas de volumes de romances e dezenas de dramas.

Um resumo da sua biografia dá-no-la ele próprio numa curiosa confissão de fé que publicou quando em 1841 se propôs deputado por Paris.

Aos Trabalhadores: eis os meus títulos: Sem contar seis anos de educação, quatro de notariado e sete de burocracia, trabalhei vinte anos a dez horas por dia. Compus quatrocentos volumes e trinta e cinco dramas, que produziram, os primeiros, 11.853.600 francos e, os segundos, 6.360$00.

Enumera depois a distribuição destas somas e afirma ter dado trabalho a 3.140 pessoas. Não foi eleito.

Aos 20 anos, Dumas tinha por vizinha uma rapariga que dirigia um «atelier» de costura. Passaram a viver juntos. Jenny, activa e corajosa, alegrava a casa do pobre empregado. Dumas filho contou a Claretie que o pai escrevia, á luz de um candeeiro, numa mesa junto da mãe. «Eis que uma noite em que eu chorava e gritava, minha mãe tomou-me nos braços para me adormecer sem o conseguir. Meu pai, que não podia trabalhar, pegou-me por uma mão e atirou-me para a cama. Depois desta cena com minha mãe, meu pai fechou-se no quarto. No dia seguinte, foi pesaroso, jantar com minha mãe e levou-lhe um melão!»

Dumas, que ganhou milhões, passou a vida com dificuldades de dinheiro; não sendo nem jogador nem bebedor, viu-se mesmo a contas com a justiça. Era um verdadeiro «mãos-rotas».

Confessando que nunca escrevia as suas despesas, Roger de Beauvoir ofereceu-lhe um caderno em que escreveu:

Sur ce carnet, Dumas écrit
Chaque jour tout ce qu'il dépense
Il n'y pourrai mettre, je pense,
Tout ce qu'il dépense d'esprit.

Assim que tinha dinheiro mantinha mesa aberta de que oportunistas atrevidos abusavam, trazendo sempre novos convivas. Dumas fez abrir na porta da sala de jantar de sua casa, um oculo por onde podia observar o que lá se passava. Certo dia em que se preparava para entrar com o filho, viu pelo óculo que os parasitas já estavam á mesa.

—Vamos, meu filho, não conheço nenhum!

Certa manhã perguntou-lhe o cozinheiro:

—Para quantas pessoas é o jantar de hoje?

—Convidei oito, fá-lo para trinta.

Um dia que o actor Fèbvre foi convidado para almoçar no campo, encontrou Dumas ainda em mangas de camisa e de colher na mão, preparando um prato da sua especialidade. Começaram a chegar os convivas.

—Aquele conheço — dizia Dumas — aquele outro conheço menos.

Chega um ultimo que não conhecia:

—Sabes quem é? — perguntou a Fèbvre, que lhe respondeu que não. E logo o autor de «Monte Cristo» tornou, voltando-se para o recém-chegado:

—Bom dia meu caro, não posso recordar o seu nome...

—E' verdade... desculpe. Há tanto tempo que não nos vemos!

—Onde foi a ultima vez?

—No Monte Sinai... o sr. Dumas estava sobre um camelo e disse-me que viesse almoçar um dia consigo...

—Vês, Fèbvre, e ele veio!

Dumas era dotado de grande bondade. Encontrando no boulevard em estado miserável um antigo confrade que lhe contou as suas desgraças, disse-lhe:

—Vai almoçar lá a casa.

O outro aceitou e voltou sempre, durante anos, até que morreu. O pobre tinha porém remorso de comer o pão que não ganhava. Mas, um dia, disse-lhe:

—Ouve lá, isto não pode continuar. Se não me dás o meio de ganhar o almoço, não voltarei. Em que te posso ser util?

—Podes fazer-me um grande serviço.

—Qual?

—Passas todos os dias pelo Pont Neuf e vês o grau de temperatura no termómetro de Chevalier. Tem importancia para as receitas de teatro.

(Continua na 10.ª página)

HOTEL EDUARDO VII

AV. FONTES PEREIRA DE MELO, 5
Telef. 730141 (15 linhas)

LISBOA

UM HOTEL MODERNO A PREÇOS CONVENIENTES

Aposento :	1	Pessoa desde	110$00
	2	» »	165$00
Diária :	1	» »	182$50
	2	» »	310$00

«VARANDA»

RESTAURANTE - BAR (10.º ANDAR)

— * —

HOTEL DE TURISMO

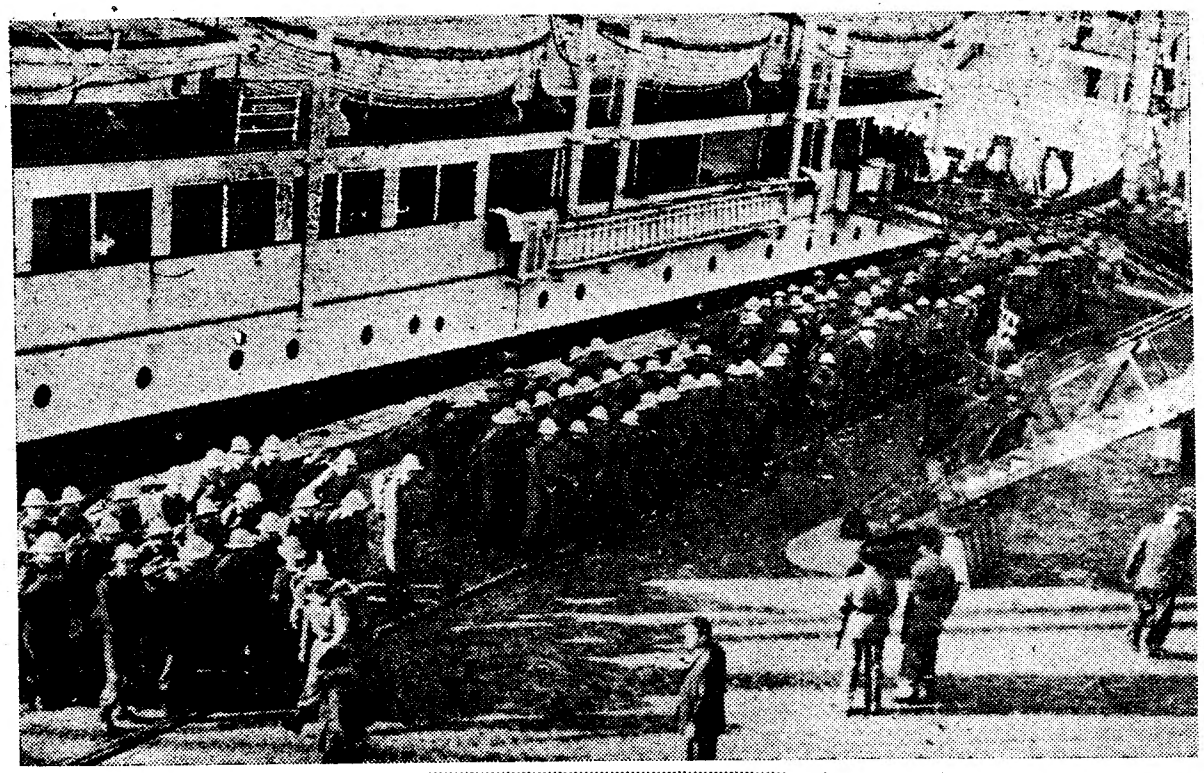
Telef. 206

GUARDA

COMPLETAMENTE REMODELADO

— * —

Direcção de : J. PAREDES ALVES
L. RIBEIRO DA SILVA



As tropas formadas no cais junto ao costado do «Lima»

De ontem para hoje

TRADIÇÃO E ACTUALIDADE

NA posse do novo provedor da Misericórdia (dr. José Guilherme de Melo e Castro, até há pouco subsecretário de Estado da Assistência) o ministro do Interior acentuou a desnecessidade de traçar directrizes a quem, necessáriamente, estava bem dentro dos problemas da função que ia exercer, mas que lhe era muito grato continuar a ter como colaborador quem tão de perto tem acompanhado os referidos problemas. Esses problemas são, efectivamente, do maior realce — pois vão directamente ao encontro das necessidades mais vivas de camadas populacionais carecidas de tudo. As Misericórdias têm uma grande tradição que não se pode perder, embora sem perder de vista o propósito de actualizar os seus meios de acção com as condições do tempo.

TUDO SERÁ ACABAR...

DE um modo ou de outro, sempre é possível acabar quando menos se esperava. Acaso aguardavam a morte estes três que hoje vão a enterrar? E, no entanto, eles ali estão, com o sinal de fim de tudo no rosto, o «consummatum est» da vida transitória: António Zeferino das Neves, ajudante de motorista da Fábrica Portugália, mandara parar a camioneta em que seguia para ir beber água e de apressado que estava nem deu tempo a que parasse, ficando sob o seu rodado; em Moinhos da Barosa (Leiria) morreu esmagado contra um muro um menino de 4 anos, filho de Silvina da Trindade, que se havia pendurado na camioneta; e e mVale Pereiro (Azeitão) nos trabalhos da abertura de um poço, rolou lá de cima uma pedra que matou Augusto Dinis, do sítio dos Oleiros. Tinha 43 anos, mulher e filhos menores.

CAMINHOS DE EXPORTAÇAO

PORTUGAL tem necessidade de alargar o seu comércio externo, abrir novos mercados e neles interessar novos mercados e neles interessar novos produtos. Uma técnica rotineira e sem estímulos obrigou, muitas vezes, certos motivos do nosso ogulho tradicional de exportadores a recuar lá fora e a ceder o passo á concorrência de melhores produtos. Deste modo, abandonando uns campos, outros teremos de conquistar. A exportação do figo algarvio, seco ou em pasta, parece um dos caminhos novos a trilhar pelo comércio externo português. Assim o permitirão Eisenhower e os técnicos dos seus departamentos, ao dar-lhe entrada livre no mercado americano. Anunciaram-no e tanto basta para que o cumpram.

JORNAL PEQUENO

O Chefe do Estado recebeu, no Palácio de Belém, o reitor da Universidade Clássica de Lisboa; os generais Flávio dos Santos e Luís da Camara Pina e o padre José Feliciano Alves. No seu livro de cumprimentos, inscreveram-se o embaixador de Portugal em Espanha; o director do Instituto Profissional dos Pupilos do Exército; o presidente da Associação Paulista de Municípios do Estado de S. Paulo e o reitor da Universidade Técnica de Lisboa. * Com o presidente do Conselho, trabalhou o ministro do Interior. * Assumiu o comando do Centro de Instrução Militar do Campo Divisionário de Santa Margarida o coronel tirocinado João Duarte Marques; o tenente-coronel Vassalo Pandaio tomou posse do comando de Infantaria n.º 2 (Leiria).

Em 3 linhas

Por motivo de doença dó sr. ministro das Obras Publicas, foi adiada «sine die» a inauguração do Matadouro Municipal de Almada.

///

O sr. ministro das Comunicações concedeu um subsídio para melhoramentos a efectuar na pista do aeródromo de Beja.

///

No terrapleno da doca de Paço de Arcos, vão ser construídos os edifícios destinados á instalação da Direcção de Farois e Escola de Faroleiros. Importarão em 1.805 contos, dispendidos pela Comisão Administrativa das Novas Instalações para a Marinha.

Vão ser inaugurados seis edifícios escolares nos concelhos das Caldas da Rainha e Obidos; e treze nos concelhos de Alcobaça, Marinha Grande e Porto de Mós.

///

O abastecimento de água a Murça custará 2.100 contos (cinquenta por cento do custo será para mão-de-obra). O de Felgueiras, custará 1.660.

///

A igrejinha de Ferreirim (Lamego) belo monumento nacional da escola romanica, vai ser restaurada, importando os trabalhos em 81 contos.

///

Mascarenhas vai ter a sua Casa do Povo, com o respectivo centro social e cultural. A construção custará 188 mil escudos, em parte cobertos pelo Desemprego.

///

Uma portaria do Ministério do Ultramar nomeia os vogais para reconstituição da Junta Central do Trabalho e Emigração.

Em menos de um minuto!

Em 30 segundos apenas prepara-se um delicioso e fortificante prato de Corn Flakes Kellogg's. É um magnífico produtor de energias, alimentício e de fácil digestão. Nada melhor para o pequeno almoço.

Tropas dos Açores para a India

No paquete «Lima» chegou hoje uma companhia de Infantaria, de Angra do Heroismo, sob o comando do capitão Fernando Monteiro, que será incorporada num contingente que partirá para a India no paquete «Timor», nos primeiros dias do mês de Novembro.

O referido contingente desembarcou, de manhã, na Estação Marítima de Alcantara e seguiu para o Depósito do Ultramar, onde ficará aquartelado até o dia do embarque.

Acordo comercial entre Timor e a Indonésia

JACARTA, 26 — A Indonésia e a província portuguesa de Timor vão encetar negociações para a assinatura de um acordo comercial, segundo foi anunciado hoje nesta cidade.

O administrador do sector indonésio da ilha de Timor, que tem a sua sede em Kupang, informou que irá brevemente conferenciar com o governador e outras autoridades da província portuguesa, a fim de ser elaborada uma lista dos produtos agrícolas e industriais que poderão ser permutados, a qual servirá de base a um acordo que será ratificado, mais tarde, pelo Governo Central indonésio, em Jacarta. — (A. N. I.).

Caiu um avião com 20 passageiros

SAN SEBASTIAN, 26 — O avião da carreira regular entre Madrid e esta cidade caiu no mar, hoje de manhã, quando ia a poisar no aeródromo de Fuenterabia. Devido a manobra errada, o aparelho precipitou-se no estuário do Bidassoa com os 20 passageiros que levava. Estes, como os tripulantes, foram salvos pelos bombeiros. Só uma senhora ficou contusa. — (F. P.).

O MOMENTO POLÍTICO

Um despacho ministerial sobre um requerimento dos candidatos da lista oposicionista do Porto

Acerca de um requerimento, com data de 24 do corrente, que lhe foi dirigido pelos candidatos oposicionistas pelo círculo do Porto proferiu o sr. ministro do Interior o seguinte despacho, que ontem foi publicado:

«Requerem os signatários, candidatos a deputados á Assembleia Nacional pelo círculo do Porto:

a) A entrega de cópias completas dos cadernos do recenseamento eleitoral do distrito do Porto;

b) Que sejam dadas instruções aos presidentes das mesas eleitorais, no sentido de que se constituam as referidas mesas com a inclusão de um secretário e um escrutinador idóneos, indicados, por procuração, pelos signatários;

c) Que seja utilizado um unico boletim de voto no qual estejam inscritas as duas listas de candidatos, competindo ao eleitor eliminar a lista de nomes em que não votem.

Decidindo sobre os vários pedidos formulados:

a) Nos termos do art.º 21.º da Lei n.º 2.015, de 28 de Maio de 1946, existe na Direcção-Geral de Administração Política e Civil, bem como nos governos civis respectivos, *uma* cópia dos cadernos eleitorais elaborados oportunamente, com todas as garantias de seriedade, nas secretarias das camaras municipais e das administrações dos bairros de Lisboa e Porto. Essas cópias, porém, não podem ser desviadas dali, pois é á face delas que a todo o tempo se poderia verificar e reprimir qualquer irregularidade que porventura se viesse a praticar relativamente aos exemplares utilizados nos actos eleitorais.

Assim, e porque, segundo informações colhidas, as administrações de bairro possuem, apenas, os exemplares indispensáveis para a eleição, não se julga possível fazer entrega de cópias dos cadernos eleitorais. Deu-se, no entanto, ordem ao senhor governador civil do Porto para que faculte o exame do exemplar que se encontra na secretaria do Governo Civil a quem se apresente com credencial dos candidatos a Deputados, permitindo que dele sejam extraídos todos os elementos que pretendam obter.

b) No que respeita á constituição das mesas das assembleias e secções de voto, não compete ao ministro do Interior cercear o direito que a lei concede ao respectivo presidente. E foi, certamente, porque a este pertence a responsabilidade pela ordem e regularidade do acto eleitoral, que o legislador entendeu dever confiar ao seu prudente critério a escolha daqueles que lhe hão-de prestar colaboração.

Aliás também em outros países europeus, designadamente na Inglaterra e na Bélgica, se adoptou a solução de não impor ao presidente das mesas a escolha para secretários e escrutinadores de delegados especiais dos candidatos.

Isto não impede, evidentemente, que os candidatos componentes das listas admitidas designem representantes para, junto das mesas, exercerem a fiscalização que entendam, assistindo á votação e requerendo certidões do numero de votantes e do numero de votos obtidos por cada uma das listas submetidas a sufrágio.

c) Conforme dispõe o art.º 6.º do Decreto-Lei n.º 37.570, que vigora desde 1949, as listas para a eleição de deputados, ou seja, os boletins de voto, devem conter os nomes e profissões dos candidatos a seguir á designação alfabética que, nos termos do art.º 16.º do mesmo diploma, lhes foi atribuida pelo governador civil. Desta disposição, como de todas as demais que ao assunto se referem, designadamente o art.º 68.º do citado decreto-lei, ressulta com evidência a impossibilidade legal de se incluirem numa só lista os candidatos das várias listas admitidas a sufrágio.

Notar-se-á, ainda, que a Lei n.º 3, de Julho de 1913, também não admitia a solução que os requerentes agora sugerem».

Uma sessão presidida pelo prof. Marcelo Caetano

O ministro da Presidência, sr. prof. dr. Marcelo Caetano, vogal da comissão central da União Nacional, preside na próxima quarta-feira, a uma sessão de propaganda eleitoral que se realiza no Porto, promovida por aquele organismo político. Usarão da palavra na sessão, que se efectua no Coliseu daquela cidade, alguns candidatos a deputados e outras individualidades de relevo na vida nacional.

A ultima sessão eleitoral da U. N. em Lisboa

A ultima sessão de propaganda eleitoral promovida pela comissão concelhia de Lisboa da União Nacional realizar-se-á no dia 31 do corrente, ás 21 e 30, no Pavilhão dos Desportos do Parque Eduardo VII, sob a presidência do sr. dr. Albino dos Reis.

A sessão de hoje em Faro

A União Nacional promove hoje, ás 21 e 30, em Faro, uma sessão a que preside o sr. eng.º Sebastião Ramires, candidato pelo círculo e antigo ministro. Serão oradores os srs. comandante Henrique Tenreiro, major Sousa Rosal e dr. Mário de Oliveira candidatos a deputados pelo círculo; dr. José Correia do Nascimento, presidente da comissão distrital da U. N. de Faro, e dr. Ramiro Valadão, chefe dos Serviços de Imprensa do mesmo organismo político e também candidato a deputado pelo círculo de Angra do Heroismo.

O dr. Rolão Preto fala amanhã no Rádio Clube

O sr. dr. Rolão Preto profere amanhã, ás 20 horas, aos microfones do Rádio Clube Português, uma palestra sobre o momento político actual.

Actividade em Bragança

O sr. ministro do Interior presidirá amanhã, pelas 16 horas, no Cine-Teatro Camões, de Bragança, a uma sessão de propaganda eleitoral. Antes, no salão nobre da Camara Municipal, aquele membro do Governo reunir-se-á com os presidentes das Camaras Municipais e das comissões concelhias da União Nacional de todo o distrito.

O sr. dr. Trigo de Negreiros discursará na sessão de propaganda eleitoral.

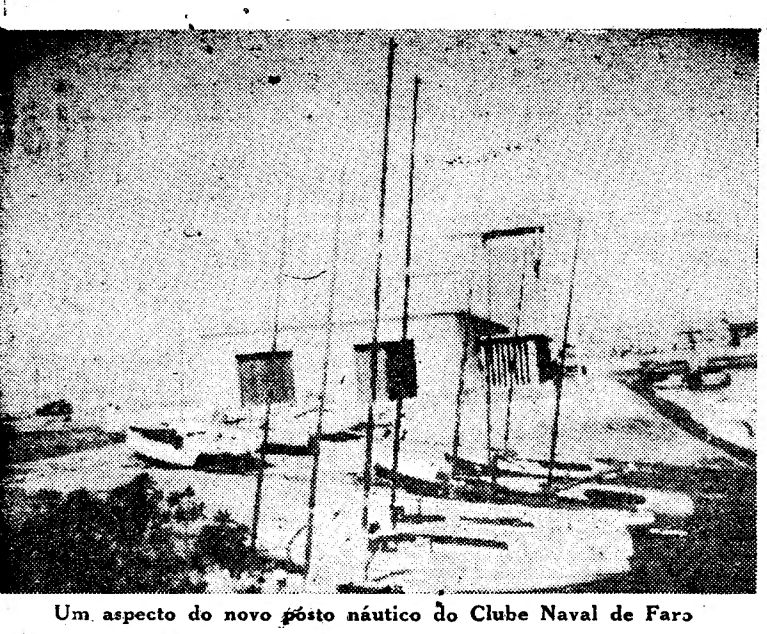
Em Vila Verde (Braga)

No próximo dia 27, realiza-se em Vila Verde, na Camara Municipal, uma sessão promovida pela União Nacional. Será presidida pelo sr. dr. António Abranches, governador civil de Braga, e nela usarão da palavra os srs. dr. António Santos Ferreira, presidente do Município; dr. Olindo Casal Pelaio, director da Escola do Magistério Primário; dr. Manuel Freire de Andrade, dr. Jaime Ferreira e Alberto Azambuja.

AS TEMPERATURAS DE HOJE

Temperaturas extremas registadas hoje em Lisboa, até ás 16 horas: *máxima, 23°,1; mínima, 11°,9.* No mesmo dia do ano passado: *máxima, 19°,9; mínima, 13°,8.*

— Temperaturas registadas na Costa do Sol, ás 10 horas de hoje: na atmosfera, 17°,7; na água do mar, 16°,1.



Um aspecto do novo pôsto náutico do Clube Naval de Faro

Inaugurou-se hoje em Faro

o posto náutico do Clube Naval

FARO, 26—(Pelo telefone)—Com presença de muitas individualiades realizou-se esta tarde, pelas 5 e 30, a cerimónia da inauguração do novo posto náutico do Ginásio Clube Naval desta cidade, cerimónia á qual presidiu o sr. comandante Henrique Tenreiro, deputado pelo Algarve e presidente da Federação Portuguesa de Vela.

Ao usar da palavra, o sr. comandante Tenreiro exaltou a importancia dos desportos na formação dos homens de amanhã e lembrou o que tem sido o esforço para a criação de uma verdadeira Vela Nacional.

E afirmou:

—Não devemos esquecer que os desportos náuticos, em muito contribuiram para o aumento do turismo em Portugal, tornando-o mais conhecido e trazendo ao nosso País centenas de pessoas que vão depois ser os nossos melhores propagandistas. Já por muitas vezes as velas portuguesas, mercê do esforço dos nossos velejadores, fizeram subir aos mastros de honra a bandeira nacional. Refiro-me a realidades palpáveis e que por todos podem ser verificadas, pelo que não devo ofrer qualquer censura ao comparar o conjunto total das realizações náuticas de hoje com as de há 0 anos e o prestigio da vela nacional com o de então.

Falaram a seguir o presidente da Camara Municipal de Faro, o presidente do clube sr. António Baptista e os srs. drs. Torres Vieira, Campos Coroa e Luís Sabo, os quais, useram em destaque a importancia daquele melhoramento — dos mais belos do País no seu género— e a acção desenvolvida pelo sr. comandante Henrique Tenreiro para que aquela aspiração dos desportistas náuticos do Algarve se tornasse em realidade. No final serviu-se um lanche aos convidados.

Elevado número

de deserções

nas fileiras americanas

HEIDELBERG, 26—Segundo uma estatística publicada pelo quartel-general das forças americanas na Alemanha Ocidental, a maior parte dos desertores das forças americanas na Europa desaparecem para lá da «Cortina de ferro», ou fogem para a Escandinávia e Africa. Desde o principio do ano, 3.354 soldados fugiram das unidades sem licença. Destes, 176 estiveram ausentes mais de 29 dias, pelo que se consideram desertores. Actualmente há uma média de 400 ausências irregulares e de 22 deserções por mês.—(F. P.).

PASTA MEDICINAL Couto TRATA TODAS AS DOENÇAS DA BOCA

UM CASO RARO DE MALFORMAÇÃO CONGÉNITA

Veio de Leiria para Lisboa a criança

que nasceu com o coração de fora

a fim de ser operada hoje mesmo

LEIRIA, 26 *(Pelo telefone)*.—O destino da criança que ontem nasceu no Hospital D. Manuel de Aguiar, desta cidade, com o coração fora do peito, continua a despertar o maior interesse e toda a gente se mostra ansiosa por saber se será, de facto, possível dar-lhe condições de sobrevivência.

Neste momento, as esperanças de êxito parecem aumentar. Por um lado, embora a criança tenha nascido com o coração á vista, salientando-se de uma cavidade aberta no peito a verdade é que desde logo pareceu revelar as melhores condições de viabilidade.

A criança nasceu efectivamente de um parto absolutamente normal. Com 3,150 kg., peso considerado muito bom para uma menina recem-nascida, a pequenita revelava todas as outras condições de robustez e só a posição do coração, que logo surpreendeu os médicos e enfermeiros, fez levantar duvidas sobre a possibilidade de sobreviver.

Dado, porém, que o coraçãozinho palpitava normalmente, sem a mais leve arritmia, começou a admitir-se que a criança resistisse e que as suas condições físicas permitissem vir a operá-la com êxito. Esta circunstancia levou a deslocar-se a Lisboa o director da clínica-cirurgica do Hospital, sr. dr. Francisco Dias, que, assistiu ao parto e que, como ontem o «Diário de Lisboa» noticiou, foi consultar especialistas de cardiologia e de cirurgia do coração.

A fim de observarem a criança, têm acorrido ao hospital muitos médicos, quer desta cidade, quer doutros pontos da região, muito interessados em ver o caso e conhecer as condições em que este se revelou, pois, como já se disse, não se conhece outro igual na literatura da especialidade.

Por determinação superior, só os médicos, aliás, têm podido visitar a pequenita, pois seria altamente inconveniente a romagem constante de pessoas estranhas junto do leito onde a recem-nascida estava com a mãe, na enfermaria de partos.

Hoje, ao princípio da tarde, veio a esta cidade o dr. Décio Ferreira, cirurgião especializado em cirurgia cardíaca, segundo conseguimos, a custo apurar, com o objectivo expresso de examinar a criança e de verificar as possibilidades numa intervenção salvadora.

A pequenita foi transferida, então, da enfermaria para a sala de observações e foi logo examinada por aquele cirurgião. Assistiram apenas ao exame o director dos serviços clínicos do hospital, dr. Rui Acácio da Silva Luz, e o inspector-mordomo, padre Pires.

Após demorada observação, foi decidido transferir imediatamente para Lisboa a criança, a fim de se tentar hoje mesmo a operação, no Centro de Cirurgia Cardio-Vascular, de Lisboa, instalado no Laboratório D. Carlos I, no Lumiar.

Sabe-se que ontem, ao terem tido conhecimento do estranho caso de que não há nenhum outro descrito em todo o Mundo, nas mesmas circunstancias, isto é, com viabilidade para a sobrevivência da criança, os especialistas decidiram aguardar que passassem 24 horas sobre o nascimento, para verificar se se confirmavam as condições de vida reveladas á nascença.

Embora se não pudesse verificar se a criança apresentava outras malformações que não permitissem assegurar a reparação que se impunha, havia razões para admitir com certo optimismo a intervenção que permitiria colocar o coração da recém-nascida na caixa torácica, com a protecção necessária para a sua melindrosa e fundamental formação. Hoje, depois de ter resistido um dia completo, a pequena parece que oferece realmente as condições para a operação, que se vai tentar—e que será a primeira do género que se fez no Mundo!

E' certo que não se podem considerar absolutamente seguras as possibilidades de êxito, mas a operação impunha-se como unica solução para assegurar a vida da pequenita.

Enquanto a criança segue para Lisboa, num automóvel de praça, a mão permanece no hospital, em estado satisfatório. A Inácia Maria, já deu á luz, com esta, seis filhos e com nenhum dos anteriores se verificou qualquer anormalidade. Pobrezinha, casada com o trabalhador rural José Mateus Costa, a parturiente tem vivido com os seus filhos em Sobral, na freguesia de Santa Catarina da Serra. Há dias, porém, começando a sentir que se aproximava o termo da sua sexta gravidez, veio para o hospital desta cidade, a fim de aguardar a hora do bom sucesso. E nada fazia prever o que se ia passar.

Além da curiosidade dos cientistas e dos leigos, sentiu um certo choque ao afastar-se da sua menina, mas, compreendendo, mais por instinto maternal, do que propriamente por raciocínio, a situação grave da pequena, aguarda, com serenidade e confiança, que a ciência lhe permitia levar para a casinha humilde qué habita, em Santa Catarina da Serra, mais uma boquinha para alimentar — e também para sorrir entre o rancho numeroso dos seus filhos.

As nações ocidentais

têm o dever de assegurar

as condições da sua independência

—*disse MacMillan no Canadá*

(Continuação da 1.ª página)

tidos aos demais participantes da aliança atlantica, mas foram elaborados entre o presidente dos Estados Unidos e o primeiro-ministro da Inglaterra. Além disso, nem tudo o que se discutiu nas conversações está no comunicado, e algumas decisões permanecem secretas. Todavia, os princípios contidos na declaração de intenções que terminou com a conferência constituem mais uma reafirmação solene da política ocidental em relação com o Mundo comunista, do que propriamente a definição dessa política.

A decisão mais importante foi a de o Governo americano pedir ao Congresso que modifique a lei Mac Mahon àcerca da energia atómica, para que os Estados Unidos possam partilhar com as outras potências amigas os seus segredos nucleares. Como o Congresso só reune em 2 de Janeiro próximo, só depois dessa data poderá o presidente Eisenhower apresentar-lhe uma proposta com esse fim. Mas a proposta terá apoio util com o estreitamento da aliança atlantica, que decerto se decidirá na reunião do Conselho da N. A. T. O. em Dezembro. Quanto ao mais, o comunicado afirma confiança nos organismos existentes, que já exprimem a política comum, em especial nos pactos regionais como o de Bagdad.

Propositadamente, o comunicado é pouco prolixo a respeito do Médio Oriente. Mas coloca solenemente a Turquia sob a protecção do conjunto da N. A. T. O., e adverte claramente a U. R. S. S. de que qualquer agressão contra a Turquia seria considerada ataque contra todos os membros da aliança atlantica. Todavia, o Médio Oriente ocupou nas conversações um lugar mais importante do que poderia concluir-se do comunicado.—(France Presse).

A constituição de uma verdadeira força de polícia internacional

WASHINGTON, 26 — Nos mais autorizados meios americanos, qualifica-se a conferência anglo-americana que acaba de terminar como «um ponto de partida de uma acção histórica».

Declara-se, nesses meios, que vão efectuar-se negociações internacionais entre os países da N. A. T. O., por via diplomática, ácerca de assuntos que foram examinados, durante estes ultimos três dias, pelo presidente Eisenhower e por Harold MacMillan. As propostas que resultarem destas negociações serão apresentadas á reunião do Conselho da N. A. T. O. que se realizará em Paris, em 16 e 17 de Dezembro, e á qual assistirá, provávelmente, o presidente dos Estados Unidos.

Sublinha-se também, nos mesmos meios, a importancia do parágrafo V do comunicado final, que deixa entrever a constituição duma verdadeira força de política internacional para ser posta á disposição do mundo ocidental, desde que não exista, tal força, nas Nações Unidas.

Indica-se também que foi Paul Henri Spaak que ontem durante a sua entrevista com o presidente Eisenhower e MacMillan, sugeriu que se desse á próxima reunião do Conselho da N. A. T. O., um brilho especial, convidando a nela tomarem parte o presidente dos Estados Unidos e o primeiro-ministro da Grã-Bretanha. Henri Spaak submeterá esta sugestão á N. A. T. O. a fim de que parta de Paris o convite oficial. — (F. P.).

O «pool» das investigações científicas

NOVA YORK, 26—«O «New York Times» comenta a nota distribuida no final das conversações anglo-americanas e dá especial relevo ao «pool» das investigações científicas projectado pelo presidente dos Estados Unidos e o primeiro-ministro da Grã-Bretanha. Recomenda a modificação da legislação americana que se opõe àquele projecto, acrescentando: «A segurança nacional continua a ser importante. A experiência deveria ter-nos ensinado, a nós e aos nossos aliados, a preservá-la». — (F. P.).

As declarações de MacMillan

OTTAWA, 26 — A' sua chegada a Ottawa, o primeiro-ministro MacMillan declarou ao microfone da rádio e da televisão canadianas que as negociações de Washington tinham feito surgir uma tese nova, isto é, «que se as nações têm o direito de ser independentes, têm também o dever de ser interdependentes».

Acrescentou que o comunicado comum de Washington «é uma declaração de interdependência ao serviço do mundo livre». — (F. P.).

SERVIÇOS DE CHÁ
GRANDE VARIEDADE — FABRICO PROPRIO/
OURIVESARIA PIMENTA
Rua Augusta, 253 — Telef 24564

Serviço telefónico

para os desesperados

BONA, 26 — «Para os desesperados» é um serviço telefónico de conselhos, que funciona com êxito em várias cidades alemãs.

Conservando o anonimato, as pessoas desamparadas podem aconselhar-se com médicos, psicólogos, pedagogos e advogados-conselheiros, que ofereceram o seu concurso á Obra Católica Popular.

Em Berlim, onde tal serviço existe há cerca de um ano, registaram-se por dia trinta telefonemas: 300 pessoas foram submetidas a observação médica e 750 pedidos chegaram de todas as partes da Republica Federal, não tendo ficado um só por atender. — (A. N. I.).

Dr. Ernst Roechling

Em visita privada, e no seu avião particular, acompanhado de sua esposa, chegou ontem a Lisboa, hóspede do Ex. Sr. Eng. Joaquim d'Arriaga de Tavares, o grande industrial do Sarre, Dr. Ernst Roechling.

Foi morto

o guarda de uma oficina

por 3 meliantes

que roubaram 15 contos

J. A. Carvalho

Nas oficinas da firma Viuva Ferrão, Ld.ª, no Cais do Tojo, cometeu-se esta madrugada um crime de morte cujas circunstancias estão ainda envolvidas em denso mistério. A vítima foi o guarda João António Carvalho, de 69 anos, natural de S. Lourenço, Elvas, e residente na Rua dos Mastros, 16, 1.º, guarda fiscal reformado, que há catorze anos prestava serviço naquela empresa. Às 4 e 25, quando o guarda-nocturno da área do Conde Barão, Manuel dos Anjos, se encontrava á esquina da Calçada do Marquês de Abrantes, na sua missão de vigilancia, viu sair de uma das portas das referidas oficinas três rapazes, que corriam desvairadamente uns atrás dos outros. Suspeitando de que alguma coisa de anormal se passava, pediu o auxílio de um guarda da P. S. P. que se encontrava perto e que foi em perseguição dos fugitivos. Não foi possível, porém, alcançá-los.

O «sereno» dirigiu-se, então, para as oficinas, tocou a campainha, mas ninguém lhe respondeu.

Correu a casa do gerente da firma, sr. Luís Fontes Mata, que não se fez demorar em comparecer na fábrica. Ao entrarem na oficina de funileiro, viram o guarda caido no solo, amarrado de pés e mãos com uma corda, a cara vendada e diversos ferimentos na cara e nas mãos. Estava morto. A gaveta da secretária do pagador estava aberta e faltavam 15 contos.

Presume-se que entre o guarda e os assaltantes se travou luta.

Verificou-se que os meliantes entraram na fábrica por meio de escalamento, saltando um muro baixo do Boqueirão do Duro e alcançando uma clarabóia do telhado do edifício, por onde conseguiram descer para as oficinas.

E' sempre prova de carinho dar uma prenda de gosto ás pessoas de amizade
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
Rua da Prata, 257

TEMAS DA NOSSA HISTÓRIA

Dignidade de D. João III

A recente demolição do Teatro Apolo trouxe-me outro dia á memória o espectáculo, a que assistira ali em fins da Monarquia, da peça de Marcelino de Mesquita «O rei maldito». Parece-me que estou a ver ainda o actor que fazia o papel do monarca detestado e ser vaiado e invectivado pelo publico que enchia a casa, quando no final aparecia, repetidamente chamado para os aplausos frenéticos envolvido ainda na sua indumentária da cena, tão forte fora a impressão dramática sobre a alma da multidão liberal mais primitiva... A reacção que mais tarde se desenhou em favor da reabilitação, intelectual, moral e política do monarca, creio bem que a selou o meu malogrado amigo Alfredo Pimenta, magistralmente, com o seu «D. João III».

1557... 11 de Junho. Morre subitamente D. João III.

Quatro séculos decorridos, no presente 1957, quem há aí que se tenha lembrado desta data?

«Contemporaneo de Carlos V no trono lusitano foi o seu cunhado João III (1521-1557), cujo largo reinado tem sido julgado de maneira muito diversa pelos historiadores portugueses, pois enquanto uns proclamam as excelentes qualidades do soberano, outros escritores assinalam a decadência de Portugal, porque este monarca permitiu a entrada dos jesuitas no seu reino e estabeleceu a inquisição». Assim se exprime concreta e sucintamente o grande historiador da peninsula, D. António Ballesteros, acerca do nosso *Piedoso*. Devo confessar que nunca me merecera atenção nem curiosidade o seu soturno reinado... E a sua figura, no admirável retrato psicológico de Cristóvão Lopes, jamais me deixara outra impressão que a de um lorpa brutamontes. Visão falsa, reconheço-o agora, na *revisão joanina* a que, por um acaso, me encontro levado...

Num ponto curioso incidiu, antes de tudo a minha atenção...

O rei D. Manuel enviuvara da sua primeira mulher, D. Isabel de Castela, a filha dos Reis Católicos, viuva já do infeliz filho de D. João II. Morrera ela, ao fim de menos de um ano, do parto de um filho que lhe sobreviveria menos de dois. Sem sucessor pois, tornara D. Manuel a casar, depois da morte deste filho. E fora esse novo casamento, com uma irmã da defunta, D. Maria de Castela, de quem nasceriam agora vários filhos: D. João em 1502; D. Isabel (a futura esposa de Carlos V) em 1503; D. Beatriz (a futura duquesa de Saboia) em 1504; D. Luís (o ilustre infante cultor das ciências e letras, que viria a ser o pai de D. António, o prior do Crato) em 1506; um D. Fernando em 1507; um D. Afonso em 1509; D. Henrique (que viria a ser o cardeal-rei) em 1512; uma D. Maria que durou dois anos apenas; um D. Duarte (talentoso, de memória prodigiosa, que casaria com uma filha do 4.º duque de Bragança) em 1515; e finalmente um D. António (morto logo depois de nascer) em 1516.

Falecida, porém, esta fecunda rainha em 7 de Março de 1517, com 35 anos incompletos, D. Manuel, sem que a necessidade nacional de sucessão o justificasse, e tendo o futuro D. João III, seu primogénito, já quase 15 anos, resolve casar, pela 3.ª vez... A principio, intentara deixar o Mundo e recolher-se ao serviço de Deus; depois, deixando os maiores cuidados ao filho, «ficar-se apenas com o reino do Algarve e com o mestrado de Cristo»; mas por fim... «determinou-se em terceiras vodas» (segundo o pitoresco dizer do cronista frei Luís de Sousa). «E sem esperar mais tempo que quanto correu de Março a Setembro do mesmo ano», tratou rápida e secretamente do casamento com a irmã de Carlos V D. Leonor, sobrinha pois das duas defuntas, donzela de 19 primaveras apenas... (Ele completara em Maio 48 anos).

«Espantou-se o reino, sentiu-se o principe», diz o cronista, por ver um rei tão prudente pensar tão depressa em casar-se, em idade crescida, «com a casa cheia de herdeiros; e, sobretudo, com barbas brancas, buscar mulher muito moça e com fama de formosa para madrasta de oito filhos»...

Mas o principe D. João sentira-se em especial magoado por interesse próprio: «que era tomar-se-lhe a dama, que já em espírito era sua, e querer seu pai para si, em segredo e como a furto, a mesma mulher que para ele tinha muitas vezes publicamente pedido».

Todavia «nunca por palavra nem obra mostrou a seu pai sinal de sentimento nem desgosto». D. Manuel, para se justificar do seu procedimento, fez crer que se casava para evitar da parte do filho qualquer deslealdade... E deu mesmo azo a fazer crer que o filho era um insignificante e até um insuficiente; por tal forma que, quando a princesa chegou e viu o principe D. João tão diferente do que lhe haviam dito para o deprimir, não se pôde conter que não exclamasse irónicamente para as damas que a acompanhavam: *Este es el bobo?* D. João tinha então 17 anos e seria de gentil presença, galante. Como D. Manuel, e com ele toda a côrte, passara a vestir á maneira castelhano-flamenga, D. João manteve-se inalterávelmente trajando á portuguesa, não querendo nunca aceitar a mudança de trajo.

Casara pois D. Manuel em 14 de Novembro de 1518. E deste 3.º casamento nasceram: em 1520 um efémero principe D. Carlos e em Junho de 1521 a célebre e erudita infanta D. Maria. Em 13 de Dezembro desse ano falecia, porém, D. Manuel, sucedendo-lhe naturalmente D. João III.

Ora «pouco depois do falecimento de el-rei D. Manuel, formou-se opinião geral de que o novo monarca devia casar com sua madrasta, a rainha viuva D. Leonor. Não havia discrepancias: a nobreza, o povo, a Camara de Lisboa, os procuradores dos mesteres — todos queriam o casamento. A rainha — diziam — era nova, não era estéril, era conhecida e amada de todos; e como já era bem sentida a amarga condição da fazenda real, acrescentava-se que por tal casamento se poupava o pagamento de grossas arras que eram devidas á rainha D. Leonor». (F. de Almeida).

A Camara de Lisboa chegou mesmo a fazer um modo de protesto publico!... Os procuradores dos mesteres foram mesmo ter com a rainha «e propôr-lhe a mesma matéria» (diz frei Luís de Sousa). «Ao que a boa senhora respondeu palavras gerais, sem fazer de si outra demonstração, agradecendo-lhes o zelo»...

Enfim... «não havia na terra quem tivesse por desacertado este conselho senão só a pessoa a quem mais tocava e melhor estava, que era o mesmo rei. Não lhe sofria o animo haver de chamar esposa a quem dera o nome de mãe; haver de tratar por igual a quem reconhecera por senhora; e enfim não acabava com sua honestidade haver de tratar amores, inda que santos e castos, com a mulher que o fora de seu pai. Parecia-lhe cousa feia para seu nome, agravo para o defunto e ajuntamento indigno de uma rainha de Portugal, inda quando em toda a cristandade faltassem casamentos».

Neste estado estavam as coisas, quando... Carlos V mandou pedir licença para a rainha viuva, sua irmã, regressar a Castela. Ela queria levar consigo a filha, D. Maria. Ponto melindroso, que todavia se resolveu, deixando a infanta e indo-se ela em Maio de 1523.

D. João III casou com uma irmã de D. Leonor: D. Catarina, mais nova, nascida em 1507, cinco anos, pois, mais nova do que ele, em Fevereiro de 1525. Dava assim satisfação digna ao... *interesse nacional* que tão unanimemente o quisera empurrar para a mais sórdida das soluções «para remediar tudo». D. João não quisera contudo deixar de assegurar a valiosa negociação do casamento de seu cunhado Carlos V com sua irmã D. Isabel de Portugal, conforme se verificou em Sevilha em Março de 1526 — a excelsa D. Isabel que, tendo sido em Espanha a paixão secreta do duque de Gandia, o levaria, diante do seu cadáver (como se sabe), a renunciar *a servir senhor que se lhe pudesse morrer*, reduzindo-se a ser o humilde padre Francisco de Borja...

FRANCISCO FERNANDES LOPES

O espírito de Dumas

(Continuação da 7.ª página)

O infeliz aceitou e todos os dias dizia os graus que faziam á sombra. E Dumas, que nunca pensara em termómetros, dizia-lhe:

—Obrigado! obrigado! não imaginas o serviço que me prestas!

Uma manhã Aurélien Scholl foi buscá-lo para almoçar. Antes de sair, meteu na algibeira algumas notas que estavam sobre a chaminé, deixando 2 luises.

—Esqueceu duas moedas — disse-lhe Scholl.

—Ah! não, essas ficam sempre aí... é para repartir, se vier alguém.

O autor de «Os três Mosqueteiros» detestava a avareza, que repugnava á sua conhecida generosidade. Saindo de uma festa, encontrou no vestiário um arquimilionário que, em troca do seu casaco, entregou ao criado 5 cêntimos. O escritor, envergonhado pelo acto que não praticara, deu uma nota de 100 frs.

—Perdão, o senhor engana-se, certamente?—disse o homem, querendo devolver a nota.

—Não, meu amigo — disse Dumas, com um olhar desdenhoso para o milionário — é este senhor que se engana!

Num dos momentos de fraqueza económica, acercou-se-lhe Porcher, rico cambista, queixando-se de ser o unico a quem ele não tratava por tu, como era seu costume, e que vinha pedir-lhe um favor.

—Vejamos, que deseja?

—Ser tratado por tu, pelo maior homem do meu tempo.

—Oh, certamente, meu querido Porcher, «empresta-me» 50 luises!

Dumas escrevia com enorme facilidade, a sua letra era característica e magistral. Dezenas de páginas sem um retoque, sem riscar uma palavra. Tudo saía de um jacto. O filho, pelo contrário, corrigia muito e, para chegar ao seu estilo admirável de limpidez, riscava, juntava, substituia.

O pai, entrando uma vez em sua casa, viu sobre a mesa uma folha onde na maior parte as linhas estavam cortadas por um traço, e algumas palavras por cima.

—Mas isso não é literatura, é musica!

Tinha o defeito de ser algo pretensioso. Quando Amédée Achard publicou o romance *Belle-Rose*, enviou um exemplar a Dumas. Encontrando mais tarde, Achard, perguntou-lhe se tinha lido o seu.

—Certamente, e divertiu-me como se fosse meu — acrescentou.

Um dia, Dumas encontrou Victor Hugo que amarrotava um jornal.

—Queres saber que este jornalista pretende que é Vigny o inventor do drama histórico?...

—Que imbecil — replicou Dumas — como se todo o Mundo não soubesse que *sou eu!*

Charles Monselet resumiu assim, admirávelmente, o lado vaidoso e ingénuo de Dumas: «A vaidade faz parte do seu talento; é como um balão que não se eleva senão quando está cheio».

Alguns traços do seu espírito:

Certo médico não pago e injuriado, disse-lhe:

—Vou enviar-lhe as minhas testemunhas!

—Espere que eu esteja doente, terá a certeza de não falhar!

Balzac e Dumas, que estavam desavindos, encontraram-se numa casa amiga. A' saída, Balzac ao passar por Dumas disse sem o olhar:

—Quando estiver gasto, farei teatro.

—Comece já! — respondeu Dumas.

Um jornalista, vindo da Turquia, contou que um banqueiro escapou de ser suprimido em Constantinopla por um *mau café* moca com pó de diamante para ferir os intestinos.

—Pó de diamante? — disse Dumas algo incrédulo. — E' assassinio para gente rica!

Uma noite, no Teatro Francês, Dumas, sentado ao lado de Soumet viu um espectador a dormir durante uma peça deste, e diz-lhe:

—Veja o efeito que produzem as suas peças?

Na noite seguinte, representava-se uma comédia de Dumas, e este encontrava-se na entrada da plateia. Subitamente Soumet bate-lhe no ombro, mostra-lhe um senhor que dormia e diz-lhe:

—Você vê, meu caro Dumas, que também se dorme ouvindo a sua prosa...

—Qual! — responde; Dumas, aquele é o de ontem, ainda não acordou!

Na noite da *première* do «Demi Monde», no Ginásio de Paris, Dumas encontrou, segundo diz nas suas «Memórias», um cavalheiro que, sorridente, lhe disse:

—Oh! sr. Dumas, tem parte no êxito desta noite!

—Certamente, tenho toda!

—Como, foi o senhor que fez a peça?

—A peça, não, o autor!

Envelhecido, Dumas sofria com o desdem dos editores e teatros pelas suas ultimas criações, o que explica esta frase melancólica dita a Albert Wolff, que foi dizer-lhe adeus, á partida para Itália:

—Então não quer ficar entre nós? — perguntou Wolff.

—O menos possível — respondeu. — Para mim, a posteridade começa na fronteira.

AMADEU F. D'ALMEIDA

O caso que vitimou

um guarda da P. V. T.

O comando da Polícia de Viação e Transito enviou-nos hoje uma nota em que esclarece as condições em que encontrou a morte, anteontem, num acidente de estrada, o guarda daquela corporação Manuel Pinto Correia. As primeiras notícias vindas a publico falavam de perseguição a um transgressor, mas convém saber que o infeliz agente não perseguia o autor de uma transgressão vulgar, mas sim um indivíduo — Manuel Simões, que conduzia o carro CB-23-86 — que cometera uma infracção classificada de crime, pois atropelara momentos antes, próximo de Alverca, um ciclista de nome João Manuel Cerejo e deixara-o na estrada, ferido, sem lhe prestar assistência. Ao verificar o caso, o infeliz guarda lançou-se na perseguição do infractor e foi nessa ocasião que um brutal acidente o vitimou. O motorista acima referido foi preso pouco depois e enviado a tribunal.

O funeral do guarda Pinto Correia realiza-se amanhã, ás 7 horas, da igreja da Pena para o cemitério de Pinho (S. Pedro do Sul).

Um prédio inteiro

destruido pelo fogo

VILA DO CONDE, 26—(*Pelo telefone*)—Esta manhã, cerca das 8 horas, manifestou-se incêndio numa casa de habitação do lugar de Gião, perto desta vila, na qual residiam duas famílias. O fogo foi provocado por um fósforo que uma criança lançou, aceso, sobre moliço. As chamas destruiram totalmente o prédio, bem como todo o seu recheio. Os prejuizos estão cobertos pelo seguro.

CRIANÇA COLHIDA

pelo desabamento de um muro

EVORA, 26. (Pelo telefone).—Na freguesia da Igrejinha, desabou um muro, em cima do qual brincava António Joaquim Murteira Prates, de 6 anos, filho de Francisco Prates e de Jerónima Maria Murteira. A criança sofreu fractura da perna esquerda e outros ferimentos pelo corpo e recolheu ao hospital de Evora.

O misterioso caso

do coronel Abel

WASHINGTON, 26.—O sargento Roy Rhodes, uma das principais testemunhas de acusação no julgamento do coronel Rudolf Abel, foi colocado sob vigilancia no Fort Belvoir (Virgínia). O processo do julgamento será examinado a fundo, para determinar as medidas a tomar contra o sargento Roy Rhodes.—(F. P.).

Kelvinator

PODEROSA E MAIS ANTIGA ORGANIZAÇÃO DE RENOME MUNDIAL DE REFRIGERAÇÃO ELECTRICA PARA O LAR

MOD. UK12G4—4.5 p. c. = 127 litros

DE CLASSICAS LINHAS DE IMPRESSIONANTE BELEZA

DE APROVEITAMENTO TOTAL DE TODA A SUA CAPACIDADE DE ALTO A BAIXO

DE TECNICA INSUPERAVEL

num conjunto de real valor, harmónico e utilitário mantendo assim de direito o seu renome mundial

Preço SENSACIONAL

Escudos 6.230$00

CORRENTE 220 V SEM TRANSFORMADOR

EM EXPOSIÇÃO NOS DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS:

Alvo
R. José Falcão, 57-A
Rua António Pedro, 147

Casa José Costa
R. S. Paulo, 11

Construtora Frigoríficos
R. Acácio Paiva, 21

Electro Luminosa, Lda.
R. Alves Torgo, 127-B

Freijota, Lda.
Av. Liberdade, 136-A

J. E. Moreira
R. Prior Crato, 33

Rádio Moçambique, Lda.
R. Cavaleiros, 72

Sabel
Av. Praia Vitória, 1-B

Soter
R. 1.º Maio, 138
Rua Luís de Camões, 2

Vapedrone
R. Vitória, 54

e nas Companhias Reunidas Gás e Electricidade—R. Garrett, 2—R. Boa Vista, 39

Agentes gerais: A. C. Torres Fernandes—Rua S. Paulo, 142—Tel. 26021/2, 24535, 20474—LISBOA

Pequenas notícias

PELA POLICIA

PRETENDIAM VENDER RELÓGIOS ROUBADOS — Em 9 do mês findo, os gatunos arrombaram as portas do 2.º e do 3.º andares dum prédio da Rua dos Sapateiros. Num dos andares furtaram 4 relógios de pulso de homem e senhora, no valor de 39 contos, e no outro, um relógio e vários artigos no valor de 1.500$00. Foi apresentada queixa na Polícia Judiciária, que por sua vez expediu circulares para todas as casas de penhores, com as marcas e características dos relógios. Sucede que os autores do furto se ausentaram para Coimbra, e, quando um deles pretendia vender a uma mulher bastante humilde o relógio, ela ao ver que eles tinham mais, desconfiou que se tratava de roubo. Chamou então um polícia a quem comunicou as suas suspeitas pelo que os dois indivíduos foram presos e remetidos para Lisboa. Interrogados pelo chefe Graça e agente Canhoto confessaram o roubo. Os gatunos chamam-se Paulino da Silva Valente e João Francisco e foram remetidos a tribunal, com o respectivo processo.

ONDE PARA A MAQUINA DE CALCULAR? — A 5.ª Secção da Polícia Judiciária pede á pessoa que transaccionou uma máquina de calcular de cor cinzenta, que foi furtada, para a entregar na referida secção, pois de contrário será incriminada como cumplice.

EXCURSÃO ADIADA — Fernando Pratas de Carvalho, com oficina de bonecos na Rua de Santo Amaro á Estrela, n.º 10, queixou-se á P. S. P. de que os gatunos entraram ali por meio de chave falsa, e roubaram a quantia de 1.390$00 que guardava numa pequena caixa de madeira e que pertencia a diversos indivíduos que se andavam quotizando para fazer uma excursão.

AUTOMÓVEL ROUBADO — Queixou-se á P. S. P. o agente técnico de engenharia sr. Fernando Manuel Rodrigues Gameiro, morador na Rua António Pedro, n.º 159, 1.º, de que, tendo o seu auto-ligeiro estacionado na Rua Luciano oCrdeiro, os gatunos lho roubaram.

PELOS HOSPITAIS

MORTE SUBITA — Morreu subitamente o porteiro reformado Bernardino Rosa Dias, que residia na Rua de Belém, 23-1.º, Dt.º. O cadáver foi removido para o Necrotério.

QUEDA FATAL — Faleceu no Hospital de S. José, para onde entrara há dias, por ter sido vítima de uma queda, a octogenária Maria Germana Jerónimo, que habitava na Travessa do Alcaide, 12-1.º andar.

DESASTRE NO TRABALHO — Recolheu á sala de observações do Hospital de S. José o jornaleiro Joaquim Pinheiro Gonçalves, de 25 anos, de Valhelhas (Guarda), que foi atingido por um poste de madeira quando trabalhava próximo daquele concelho.

ACIDENTE DE VIAÇÃO — O cobrador António Maria Galveas Junior, de 59 anos, residente em Moscavide, na ocasião em que seguia de bicicleta motorizada pela Avenida do Brasil, chocou com um camião, pelo que sofreu ferimentos na cabeça e contusões nas pernas. Deu entrada na sala de observações do Hospital de S. José.

QUEM FAZ OS FUNERAIS? — Faleceram nos hospitais de S. José e de D. Estefania, respectivamente Agostinho Serrano, de 53 anos, solteiro, marítimo, de Vila Real de Santo António, e José da Cruz Matias, de 3 anos, filho de António da Cruz Matias e de Maria da Assunção, de Trancoso. Aguarda-se que apareça quem faça os funerais.

COLHIDO POR UM AUTOCARRO — Francisco Ferreira Branco, de 52 anos, pedreiro, residente na Rua da Penha de França, 163, foi colhido por um autocarro perto da residência. Recolheu aó hospital de São José muito ferido na cabeça.

CONFERÊNCIAS

Foi transferida para data a anunciar oportunamente a conferência sôbre turismo italiano e algarvio que o sr. dr. Amadeu Ferreira de Almeida hoje devia proferir na Casa do Algarve.

—Está marcado para esta noite ás 22 horas, na Casa das Beiras, baile que decorrerá até de madrugada. Para amanhã ás 16 horas, está marcada uma «matinée» dançante com a orquestra «Oasis».

—Também amanhã, á tarde e á noite, haverá baile na Academia 1.º de Setembro de 1867.

FESTAS ASSOCIATIVAS

Abrilhantadas por orquestras e especialmente dedicadas aos respectivos associados e suas famílias, realizam-se festas, esta noite, na Academia Recreativa Francisco Gomes Lopes, Casa do Ribatejo, Sociedade Alunos de Apolo e Lisboa Clube Rio de Janeiro; e amanhã, á tarde, na Casa do Alentejo, Casa do Algarve, Sociedade de Instrução Guilherme Cossoul, Clube Estefania (organizada por um grupo de antigos alunos do ensino técnico) e na Casa da Comarca de Arganil (teatro seguido de baile).

— Esta noite, na Casa do Concelho de Gouveia, na Avenida da Liberdade, 42, 3.º, a ilustre sr.ª D. Lita Scarlatti faz a sua anunciada conferência sobre «A condessa de Vinhó e de Almedina — Casa de Pais, escola de filhos». Completará o ambiente evocativo uma exposição de pintura.

PRINCIPIO DE INCENDIO

Hoje, cerca das 11 e 30, na Avenida 5 de Outubro, 129 a 133, declarou-se incêndio na dependência das sanitárias do estabelecimento de drogaria que ali existe. Arderam jornais e rolhas de cortiça. O fogo foi extinto com o emprego de três agulhetas de espuma e uma de nevoeiro, da 3.ª companhia dos Sapadores Bombeiros. Dirigiu os trabalhos o chefe Ventura.

QUEM PERDEU ?

Relação dos objectos achados em 25 do corrente mês e entregues na P. S. P. de Lisboa (Governo Civil):

Duas notas do Banco de Portugal; três sapatinhos de criança; uma pequena chapa de automóvel marca «Bedford»; uma radiografia, pertencente a Miguel R. Leite Ribeiro; um estojo de carneira com uns óculos graduados; uma carteira de plástico verde com 8 fotografias; duas bolsas de prata com dinheiro; uma sombrinha; uma boquilha de osso; um cartão de identidade do Clube Internacional de Futebol, pertencente a Elvino das Chagas Basílio; um bilhete de identidade pertencente a Wolfgang Kurt Gruner, de nacionalidade alemã; um bilhete de identidade em nome de Manuel Rodrigues Neves de Carvalho; quatro luvas desirmanadas para senhora; três tampões de depósito de gasolina automóvel; dois tampões de roda de automóvel; um porta-chaves com chaves; diversas argolas com chaves e chaves desirmanadas.

INFRACÇÕES AO TRANSITO

A P. S. P. procedeu ontem, em Lisboa, ás seguintes autuações por motivo das infracções ás regras do transito adiante mencionadas:

Veículos — por estacionamento, 47; excesso de velocidade, 1; ultrapassagens irregulares, 2; desobediência á sinalização (placas e sinais luminosos), 24; fumos e escape livre, 5; uso desnecessário do sinal sonoro, 5; impedimento da circulação de outros veículos, 1.

Peões—por atravessamentos irregulares, 40; estacionamento irregular nos passeios, 37; menores dependurados nos veículos, 10.

Eleições na Turquia

ISTAMBUL (Turquia), 26.—Realizam-se amanhã eleições gerais na Turquia e considera-se muito possível que seja esse o momento escolhido para levar ao máximo a crise turco-síria, de nítida inspiração russa. Não deve esquecer-se que a União Soviética tem repetidamente afirmado que os Turcos, apoiados pelos Estados Unidos, tencionam invadir a Síria logo depois das eleições. — (A. N. I.).

EXCURSÃO DA C. P. A FIGUEIRÓ DOS VINHOS—BARRAGEM DO CABRIL — CASTANHEIRA DE PERA

No domingo, dia 3 de Novembro, a C. P. leva a efeito mais uma das suas apreciadas excursões, desta vez a FIGUEIRÓ DOS VINHOS-BARRAGEM DO CABRIL-CASTANHEIRA DE PERA.

Para o efeito, os excursionistas utilizam comboios rápidos no percurso entre Lisboa (Santa Apolónia) e Pombal e autocarro no restante trajecto por estrada.

Incluído no preço da excursão, apenas 150$00, por pessoa, está compreendido o almoço no conhecido Hotel Terrabela, de Figueiró dos Vinhos, e ainda a visita á Barragem do Cabril, por amável deferência da Ex.ma Administração da Hidro-Eléctrica do Zêzere.

Os bilhetes para este passeio podem adquirir-se na estação de Lisboa (Rossio) até ás 18 horas do dia 31 do corrente, sendo a lotação muito limitada.

LIVROS NOVOS

«Nas Encruzilhadas do Pensamento» (Vol. II)

de Agostinho Veloso

Não abundam os estudos filosóficos em Portugal. Apesar disso há quem procure, na melhor das intenções, identificar uma escola de pensadores através do tempo. Mas hemos de confessar que a excepção não faz regra. Quando muito alguns pensadores de voo alto, mais comentaristas das doutrinas alheias, do que propriamente criadores de base, ou, então, solitários moralistas, observando, porventura, mais o ego do que o todo, através do formalismo socrático, platónico, agustiniano, ou de qualquer outro grande mestre do pensamento.

Modernamente, porém, com nobre esforço cultural, a filosofia começou a ser entre nós uma disciplina de investigação e de expressão. Referimo-nos, apenas, evidentemente, aos que sem «árgot» escolástico, nos dão com intensa luminosidade, irrefragável lógica e verdade racional, não *herméticos* e confusos, mas abertos e claros, o melhor dos produtos da sua inteligência ou do seu espírito.

Entre outros, quer-nos parecer que Agostinho Veloso ocupa um lugar de relevo. Periódicamente, quase sempre buscando pontos de contacto, paralelismos, se não exegeses positivas da mistica cristã, ele publica os seus estudos filosóficos. Bem estruturados, fazendo o *tour de horison* de um vasto humanismo, com uma larga bagagem, que transporta sem esforço, através de uma comprida jornada, com juizos próprios e interpretações, por vezes audaciosas, se as não quisermos classificar de originais—o ilustre escritor católico tem aberto, na verdade, largos sulcos de razão e de intuição perduráveis.

Saiu, há meses, o seu segundo volume, intitulado: «Nas encruzilhadas do pensamento». O titulo é bastante explicito. Agostinho Veloso faz uma ampla revisão de problemas, teorias, doutrinas, conceitos, analisando-os á luz da contemporaneidade. Evidentemente, se há noções de ética fixas, pensamentos enunciados cujo valor se tem afirmado indestrutivel, muitos outros sofreram com o tempo, um desgaste, uma depreciação, uma redução que é preciso ter em conta.

«Nas Encruzilhadas do Pensamento» (Volume II), Agostinho Veloso colocou o seu trabalho «sob o signo de Husserl». Obra fundamental, ela vive, palpita, como que nos magnetiza através da análise dos temas, superiormente versados. Entre outros: a «fenomenologia»; «a psicologia da forma»; «psicanálise»; «micro-sociologia»; «pragmatismo»; «filosofia dos valores»; «existencialismo... avant la lettre»; «evolucionismo e evolução». Estes e outros capitulos, que reflectem o homem e os seus problemas, uns eternos, outros, porém, efemeros, constituem a base desta obra magna que, de certa maneira, se deve considerar, mesmo no seu substracto filosófico, um documento do que é, o que faz, o que pensa, o que pretende, e mesmo onde claudica o tão orgulhoso «homo-sapiens» do século XX.

Na Faculdade de Letras

o prof. Serafim da Silva Neto começou hoje um ciclo de lições sobre «O Português do Brasil»

Na Faculdade de Letras, esta manhã, o prof. Serafim da Silva Neto, da Universidade do Brasil e da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, iniciou uma série de três lições subordinada ao título «O Português do Brasil: conceito, história e expressão literária».

A lição do ilustre mestre brasileiro foi pronunciada no salão nobre da Faculdade de Letras, onde o conferente foi apresentado pelo prof. Prado Coelho, que se referiu á vasta obra do prof. Serafim da Silva Neto, citando, entre outras obras, a «História da Língua Portuguesa», «Manual de filologia portuguesa», e «Revista filológica». O prof. Prado Coelho traçou o elogio da obra e da personalidade cativante o ensaista brasileiro.

Depois, o prof. Serafim da Silva Neto, acentuando que a sua presença ali era devida ao Instituto de Alta Cultura, pronunciou uma lição magistral, profunda e documentada, considerando, no decorrer das suas palavras sobre a língua portuguesa no Brasil e o problema dos falares brasileiros, factores de ordem histórica, étnica sociológica e artística.

No final da conferência, o prof. Serafim da Silva Neto foi muito cumprimentado pelos professores portugueses presentes, entre os quais se encontrava o director da Faculdade, prof. Vitorino Nemésio, e por várias individualidades como o historiador Jaime Cortezão e o dr. Celso Cunha, da Biblioteca do Rio de Janeiro.

O mestre brasileiro fará, nos dias 29 e 30, ás 15 horas, duas outras lições, integradas no mesmo assunto, e intituladas «As três fases da história da língua portuguesa no Brasil» e «Expressão literária».

A gripe

Um hospital de emergência em Evora

EVORA, 26. (Pelo telefone). — Apesar de ter diminuido de intensidade o surto da gripe asiática na cidade, baixando de 300 para 161 o numero de doentes tratados no Hospital da Misericórdia, verifica-se que nas zonas rurais o surto aumentou de extensão, tendo-se constituido já duas brigadas médicas chefiadas pelos srs. drs. António Lacerda e Fontes de Castro, sob a direcção do delegado de Saude, sr. dr. Bivar Branco. Esta brigada visita todos os locais onde grassa a epidemia, ministrando tratamento e distribuindo remédios. O Instituto de Assistência á Família, que acompanha estas brigadas auto-transportadas, está a fazer também uma distribuição de roupas aos enfermos.

Na próxima segunda-feira, abre um hospital de emergência, montado pela Direcção-Geral de Saude, com a colaboração da Camara Municipal de Evora e da Defesa Civil do Território. Várias entidades patronais estão a colaborar com as autoridades na distribuição preventiva de medicamentos aos seus empregados.

Condecoração da bandeira

dos Pupilos do Exército

O sr. Presidente da Republica, por ocasião da abertura do novo ano lectivo do Instituto dos Pupilos do Exército, que se realiza amanhã, pelas 15 e 30, procederá também á cerimónia da aposição, na bandeira do Instituto, das insignias de comendador da Ordem Militar de Cristo.

O rei da Arábia

vai casar ?

BEIRUTE, 26 — Confirma-se de origem competente o projecto de casamento do rei Saud da Arábia com Ferial Mumtaz Solh, sobrinha do primeiro-ministro libanês Sami Solh.

Vários jornais árabes e os círculos elegantes desta cidade falavam insistentemente daquele projecto. O soberano saudita conheceu a rapariga, que conta 16 anos, numa visita que fez ao chefe do Governo libanês. Consta que lhe oferecerá, como presentes de noivado, segundo o costume muçulmano, 500.000 libras libanesas, jóias de valor aproximadamente igual e um prédio em Beirute. — (F. P.).

DE LUTO

José Pedro da Silva

José Pedro da Silva

FARO, 26 — Faleceu nesta cidade o sr. José Pedro da Silva, de 72 anos, casado com a sr.ª D. Eugénia Martins da Silva, proprietário do Hotel Aliança e dos Estabelecimentos Aliança.

A notícia da sua morte causou dolorosa impressão em toda a província.

Exemplo de trabalho e honestidade, pode ser apontado aos vindouros como homem de grandes iniciativas. Amigo da sua terra, quis ser-lhe útil, construindo nela o Hotel Aliança, cujo belo edifício está dotado de todos os requisitos modernos. O seu maior desejo era assitir á sua inauguração.

O funeral realiza-se esta tarde, para jazigo de família, no cemitério local.

D. Julieta Gomes

PORTO, 26—No Hospital de Santo António, faleceu, esta madrugada, após melindrosa operação, a sr.ª D. Julieta Gomes, de 44 anos, esposa do sr. Alexandre Gomes, administrador-delegado do nosso prezado colega «Jornal de Notícias» e filha da sr.ª D. Maria de Jesus Oliveira.

A extinta era mãe da sr.ª D. Maria Teresa da Conceição Gomes Ferreira, casada com o sr. tenente da G. N. R., José Ferreira, e do sr. Mário Alexandre da Conceição Gomes. Era, também, sobrinha do sr. Manuel Morgado, inspector-chefe da Sociedade Estoril, a quem, bem como a toda a família enlutada, apresentamos sentidas condolências.

Amanhã, ás 10 horas, sairá o funeral para o cemitério de Paranhos, onde ficará em jazigo de família.

Dr. César Fernandes Ventura

MONTIJO, 26 (Pelo telefone) — Faleceu, esta madrugada, na sua residência nesta vila, o sr. dr. César Fernandes Ventura, de 90 anos, médico e proprietário, daqui natural. Foi o fundador do orfanato que tem o seu nome e era pessoa muito estimada por toda a população. Deixa viuva a sr.ª D. Elvira Fernandes Ventura e era pai do sr. César Ventura Junior.

A Camara Municipal, de que o extinto foi presidente, e muitas colectividades montijenses puseram a bandeira a meia haste, sendo geral a consternação.

O funeral é amanhã, a hora ainda não determinada.

Capitão-capelão João da Costa Lobato

EVORA, 26 *(Pelo telefone)*.— Realizou-se hoje nesta cidade, da igreja de S. Francisco para o cemitério dos Remédios, o funeral do capitão do Exército, João da Costa Lobato — o velho padre Lobato — figura muito conhecida e respeitada nesta cidade. O feretro foi conduzido numa viatura motorizada de Artilharia e, no funeral, incorporaram-se o ministro da Justiça, representantes da 4.ª Região Militar e do arcebispo, presidente da Camara e outras entidades civis e militares.

Alvaro de Lemos

FARO, 26—Vítima de um colapso cardíaco, faleceu esta madrugada, nesta cidade, o conhecido jornalista Alvaro de Lemos, antigo director e proprietário do «Correio do Sul» e chefe da secretaria do Grémio dos Exportadores de Frutos do Algarve.

Natural de Gavião, contava 71 anos, deixa viuva a sr.ª D. Judite Pacheco de Lemos e era pai do sr. Alvaro Pacheco de Lemos, funcionário superior da T. W. A.

O seu funeral efectua-se amanhã, pelas 7 horas, para o cemitério do Lumiar, em Lisboa, onde deverá chegar cerca das 17 horas.

A sua morte foi muito sentida em todo o Algarve.

AGENCIA MAGNO
Fundada em 1874
TELEFONES 43189 — 43189
55301 — 66 27 72 — 08 00 22

USE DIÀRIAMENTE um creme dentífrico **Kolynos**

DOMINGO, 3 DE NOVEMBRO

EXCURSÃO DA C. P.

A FIGUEIRÓ DOS VINHOS, BARRAGEM DO CABRIL e CASTANHEIRA DE PERA

Preço 150$00

(Compreendendo: comboios rápidos — autocarros — almoço no Hotel Terrabela, em Figueiró dos Vinhos).

HORÁRIO DA EXCURSÃO

IDA		VOLTA
	Comboio Lisboa	
8-37 p.	Santa Apolónia)	c. 23-35
10-54 c.	Pombal	p. 21-10
	Autocarro	
11-00 p.	Pombal	c. 19-15
12-30 c.		
14-50 p.	Fig. dos Vinhos	
15-25 c.		
16-15 p.	Bar. do Cabril	
17-00 c.	Cast. de Pera	p. 17-45

Bilhetes á venda na Estação de Lisboa (Rossio) desde as 8 horas do dia 25 do corrente até ás 18 horas do dia 31 também do corrente. Lotação limitada.

Não compre sem consultar

afari

OCULISTA

(Tudo para óptica)

PREÇOS INFERIORES AOS DA CONCORRÊNCIA APESAR DOS DESCONTOS POR ELA ANUNCIADOS

afari selecção de artigos com alta qualidade.

RUA AUGUSTA, 112 A 118

OLIGORY

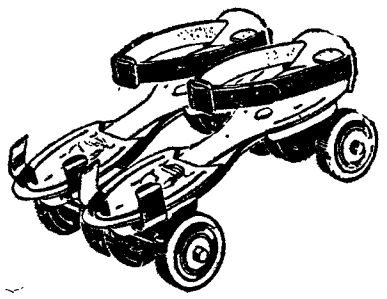
Dist. Rua Sapateiros, 115-3.º, Esq. — Tel. 27180/24110

No 1.º Salão de Artes Domésticas com a presença de professora enviada pela Fábrica

exija sempre

patins

PHILLIPS



Mais fortes, mais rápidos, mais suaves, mais seguros.

A venda nas boas casas da especialidade

Agentes Exclusivos: MARTIN LESLIE & C.ª LDA

Campo das Cebolas, 43, 3.º — Lisboa — Telef. 3 52 34

DINHEIRO

COLOCA SOBRE AUTOMÓVEIS OU PRÉDIOS EM 1.ª HIPOTECAS

RAPIDEZ E SIGILO

A FINANCIADORA

EM LISBOA - AV. DA LIBERDADE, 3

NO PORTO - P. DA LIBERDADE, 17

CAFÉ CORUJA

Restaurante típico

Coruche — Telefone 114

Pratos regionais

Caldeirada á Sorraia

Ensopado de Enguias

Lombo de porco no espeto

Caril á Indiana

Lombo de vaca á Coruja

e fandango regional animado com folclore

PIANOS

Verticais e de Cauda

ALUGAM-SE

Esl. Valentim de Carvalho, Lda.

95, Rua Nova do Almada, 99

LISBOA

DUAS PICARIAS

na Feira das Mercês

Amanhã e depois são os dois últimos dias da populár e importante Feira das Mercês, que certamente vai registar mais duas enchentes.

A tradicional feira será valorizada, nestes dias, pela realização de duas picarias, num terreno á saída da estação, que terão lugar ás 16 horas, sendo lidados quatro novilhos. A tradicional procissão realizar-se-á na tarde de segunda-feira,

TELEVISÃO

Hoje, ás 21 e 30: Abertura; 21 e 33: «Musica para todos», com o barítono Robert Merrill, da Metropolitan Opera House, de Nova York; 21 e 53: O Palácio dos Doges (documentário cinematográfico); 22: Noticiário e actualidades; 22 e 20: Teledisco: Anny Gould; 22 e 25: «Musica e Artistas»: o pianista Gleb Aksselrod, 2.º classificado no Concurso Viana da Mota; 22 e 35: «O Desporto no Mundo»; 22 e 50: «A Anedota da Semana», com Vasco Santana, Maria Helena e Henrique Santana; 23 e 5: Ultimas notícias e fecho.

CARRO ROUBADO

Automóvel AUSTIN A-30
(Cor cinzenta)
TS-14-48

Desaparecido em 3 do corrente no PORTO. Gratifica-se quem indicar o seu paradeiro.

Informações á Rua do Comércio, 8-3.º, ou pelo telefone 36 66 02.

Licenças de condução

Pessoas com defeitos físicos podem obter carta de ligeiro, pesado, moto ou «scooter», pelas tolerancias legais. Projectos mecanicos e veiculos adaptados. Informa e legaliza—CENTRO TÉCNICO DO NORTE — Escrever ao Apartado 256 (Correio) — Porto.

EXCURSÃO DA C. P. A FIGUEIRÓ DOS VINHOS—BARRAGEM DO CABRIL — CASTANHEIRA DE PERA

No domingo, dia 3 de Novembro, a C. P. leva a efeito mais uma das suas apreciadas excursões, desta vez a FIGUEIRÓ DOS VINHOS-BARRAGEM DO CABRIL-CASTANHEIRA DE PERA.

Para o efeito, os excursionistas utilizam comboios rápidos no percurso entre Lisboa (Santa Apolónia) e Pombal e autocarro no restante trajecto por estrada.

Incluído no preço da excursão, apenas 150$00, por pessoa, está compreendido o almoço no conhecido Hotel Terrabela, de Figueiró dos Vinhos, e ainda a visita á Barragem do Cabril, por amável deferência da Ex.ma Administração da Hidro-Eléctrica do Zézere.

Os bilhetes para este passeio podem adquirir-se na estação de Lisboa (Rossio) até ás 18 horas do dia 31 do corrente, sendo a lotação muito limitada.

SERVIÇO COMBINADO, DE, E PARA AYAMONTE, HUELVA E SEVILHA (Via Vila Real de Santo António)

Este serviço combinado contiua a executar-se trissemanalmente (ás 3.as, 5.as-feiras e sábados, no sentido de Portugal-Espanha e ás 2.as, 4.as e 6.as-feiras no sentido de Espanha-Portugal), com horários conjugados, no apeadeiro de Vila Real de Santo António-Guadiana com as partidas e chegadas dos comboios semidirectos n.os 8011 e 8012 (chamados «rápidos do Algarve).

Para as estações que servem as localidades onde se realizam, no decorrer do mês de Outubro, as feiras e romarias que a seguir se indicam, a C. P. vende, em algumas das suas estações, bilhetes a preços reduzidos.

LEIA O «SEMPRE FIXE»

LEIA SEMPRE O «FIXE»

No discurso que hoje pronunciou no Porto

o ministro do Interior passou em revista

a obra levada a cabo pelo Governo no domínio das realizações hospitalares

(Continuação da 1.ª página)

pecável administração tonaram possível a grande transformação.

Dali têm saído milhares de crianças curadas de todos os males que as esmagavam. Valeram-lhes os cuidados do melhor corpo clínico, a dedicação e os carinhos das irmãs franciscanas missionárias de Maria, e o magnífico apetrechamento com que o hospital está dotado. Nada falta, tudo está previsto, de tudo se cuidou, ao valorizarem-se as velhas instalações ou ao construirem-se as novas que hoje são inauguradas. O bom gosto, a própria disposição do mobiliário, o aproveitamento do espaço, o impecável aceio de todas as dependências que em pleno funcionamento nos dão a imagem de simples exposição, tudo isso preside ao novo Hospital da Criança.

Um pequeno pormenor, dando a conta de que o hospital, mais parece uma linda vitrina de bonecas, que uma casa onde a morte faz desesperadas tentativas para entrar: um dos consultórios instalados numa extensa galeria, é o da estomatologia, com toda a aparelhagem — em ponto pequeno, claro. Pois, em frente da cadeira, está suspenso do aparelho de broquear os dentes, um pequeno «écran» onde, durante a operação, a criança vê desenhos animados, de que todas tanto gostam, e que naquela hora muito mais devem servir para as distrair.

Das importantes obras que acabam de ser levadas a efeito, mercê de um legado superior a dois mil contos, devido á generosidade da condessa de S. Tiago de Lobão, e algum mais — talvez quase o dobro, que há-de aparecer — foram hoje inauguradas: o gabinete de raios X, laboratório de análises, elevador monta-cargas, aquecimento central em todo o edifício, lavandaria, bloco de cirurgia ortpédica; 9 consultórios destinados aos serviços de consulta externa de pediatria, oftalmologia, otorrinolaringologia, cirurgia, ortopedia e estomatologia; balneários; secção de «hiberons» (cozinha de leite) e outros pequenos departamentos.

Toda esta instalação comporta o melhor e mais moderno material, tal como se usa nos mais modernos estabelecimentos congéneres das maiores capitais. E tão igual a outros lá de fora, que também aqui surgem problemas graves de aspecto moral. Muitas crianças são abandonadas pelos pais, sem deixar o menor rasto. Crueldade desumana? Premência de circunstancias? Quantas vezes, até, o sacrifício de dar aos filhos um destino melhor do que o do seu amparo sem amparo...

Foram estas instalações, as novas e as renovadas, que o ministro do Interior, em visita a vários melhoramentos desta região, veio hoje inaugurar.

Aguardavam aquele membro do Governo, á entrada do edifício, além de muitas senhoras, individualidades civis e militares e candidatos a deputados, os srs. Ramiro Leão, provedor do hospital; dr. Vasco Mourão, comendador António Augusto da Silva, João Lobo Bandeira, Albino Baptista, José Mendes Félix, António Pinto Machado, dos serviços directivos; o director clínico honorário, dr. Almeida Garrett, e o subdirector clínico, dr. Fonseca e Castro.

O sr. dr. Trigo de Negreiros, acompanhado das entidades nomeadas e, ainda, do chefe do distrito, dr. Elísio Pimenta; general Joviano Lopes, comandante da 1.ª Região Militar; dr. Frazão Nazaré, presidente substituto da Camara Municipal; comandante João Pais, do Departamento Marítimo, e D. António Ferreira Gomes, prelado da diocese, visitou as principais instalações do hospital que a todos mereceram as referências mais elogiosas.

Na sessão que a seguir decorreu no salão nobre e a que presidiu o ministro do Interior, ladeado pelo chefe do distrito, pelo comandante da Região Militar, pelo presidente substituto da Camara, pelo director clínico honorário e pelo prelado da diocese, falou primeiro o sr. Ramiro Leão que saudou o ministro e restantes convidados e agradeceu a colaboração de todos quantos possibilitaram a obra hoje visitada, sem esquecer a contribuição da Imprensa e da Rádio.

Lembrou muitos passos dessa obra, a favor da criança desvalida e enferma, e disse ter esperança de que, quando todos conhecerem o seu amplo significado, as suas dificuldades desaparecerão finalmente. Depois de recordar a visita do ministro do Interior, em Junho de 1954, pôs em confronto a acção assistencial de então com a de hoje, através de numeros que podem traduzir a realidade: em 1948, as consultas externas eram 24.016; em 1956, 70.917; este ano, não andarão longe das 79 mil, incluindo, desde sempre, tratamentos diversos. Terminou com um agradecimento especial para a dedicação de médicos e religiosas e solicitou do ministro do Interior toda a sua colaboração a esta obra, para servir o País e «as crianças pobres, gente grande de amanhã que tanto melhor será, quanto melhor a tratarem agora».

O sr. dr. Vasco Mourão evocou, seguidamente, as visitas anteriores do sr. dr. Trigo de Negreiros áquele hospital, quando ainda era governador civil do Porto, tendo ainda palavras de carinhoso agradecimento para os beneméritos e para o pessoal que tem acompanhado esta obra.

Por fim, o sr. dr. Trigo de Negreiros ergueu-se, para usar da palavra.

O discurso do ministro do Interior

Eis os termos do seu discurso:

«Se há muito não tivesse a ideia de que os Municípios constituem factores naturais de estabilidade, de equilíbrio e de progresso, teria hoje chegado a essa conclusão após a visita que acabo de fazer ás importantes obras que a Camara Municipal do Porto, por si ou em colaboração com o Estado, está a realizar nesta cidade e que tanto vão contribuir para a melhoria das suas condições higienicas e habitacionais.

Mais uma vez verificamos que, pela riqueza da sua tradição histórica, pela magnitude dos seus problemas, pelas virtudes da sua gente laboriosa, sóbria, tenaz e patriótica e pelo seu valor na economia nacional, o Município do Porto é uma esplendorosa realidade. Não poderá dizer-se que o País goze de saude moral ou política, quando o Porto estiver doente.

Felizmente que o Município do Porto constitui hoje organismo são que em nada perturba a vida do País. E de tal modo assim é, que, estando quase a passar o «aguaceiro» que nos ultimos dias sobre ele caiu, os seus dirigentes podem prosseguir tranquilamente nas obras em curso, pois estas não foram afectadas pela crítica da oposição que, as mais das vezes, se caracterizou pela falta de objectividade, de justiça e pelo excesso de paixão política.

Aqueles que nada fizeram para que esta cidade perdesse o qualificativo de «cidade-cemitério», com que em tempos foi designada, dada a sua elevada taxa de mortalidade, falam agora da «batalha contra a fome, a miséria e a doença». abstendo-se, porém, de referir qualquer providência ou medida legislativa a que esteja ligado o seu nome e de que houvesse resultado aumento de defesa da saude do povo ou diminuição da sua miséria.

Mas, como águas passadas não movem moinhos, não nos deteremos a apreciar a forma como determinadas pessoas interpretam a frase de Bergson «pensar é agir», dando a impressão nítida de que quando pensam não agem ou então de que quando agem não pensam.

Daí a sua habitual incoerência entre o pensamento e a acção.

Admitimos que os abstencionistas mais ou menos activos pensem nessa batalha, de que em tempos se abstiveram, deixando-nos o encargo de a travar e em termos de vencer o extraordinário atraso que nos legaram.

Com esse objectivo, aumentamos de ano para ano os meios de combater a doença e defender o primeiro dos capitais humanos — a saude.

Esses meios estão á vista de todos.

Acham-se presentes neste hospital que sucessivamente vê acrescido o numero de doentes internados, de operações de grande e pequena cirurgia, de transfusões de sangue, de consultas, de exames de Raios X, de análises, etc.

Por isso, se não diminuem a dedicação e zelo dos seus dirigentes, se se mantém a devoção e espírito de sacrifício das Irmãs e mais pessoal, que aqui vemos encontrar quando da nossa primeira visita em 1938, é todavia inegável que o hospital, quanto ás suas instalações e capacidade para prestar assistência, é hoje outro e os melhoramentos que acabamos de inaugurar ainda contribuirão para aerescer o seu grau de eficiência.

Esses meios estão ainda patentes nos hospitais construídos, ampliados ou remodelados, ao abrigo da lei n.º 2.011, de 2 de Abril de 1946, que definiu as funções e a forma de distribuição dos hospitais gerais.

Pela referida lei foram estabelecidos três tipos de hospitais:

a) Hospitais sub-regionais;
b) Hospitais regionais;
c) Hospitais centrais.

E criada a Comissão das Construções Hospitalares, orgão executivo do pensamento do Governo, a sua acção traduz-se pelos seguintes numeros:

1) Hospitais sub-regionais:
   a) Obras efectuadas:
   Hospitais construídos de novo — 50
   Beneficiados com obras de remodelação, ampliação e apetrechamento — 91
   b) Obras em curso:
   Hospitais novos — 15
   Remodelados e ampliados — 29

2) Hospitais regionais:
   a) Hospitais construídos de novo — 1
   Hospitais remodelados — 15
   b) Obras em curso:
   Construção de novos hospitais — 2
   Grandes remodelações — 6

No que respeita aos hospitais centrais, basta dizer que o Hospital de Santa Maria, em Lisboa, instalado e a funcionar no maior edifício construído até á data em Portugal, tem a lotação de 1.500 camas; e que o Hospital de São João, no Porto, cuja inauguração está prevista para o próximo ano, tem a de 1.200. Trata-se de empreendimentos que atestam, por igual, a nossa capacidade realizadora e o nosso espírito de organização.

Com a construção, ampliação, remodelação e apetrechamento destes hospitais despendeu-se cerca de um milhão de contos, tendo quadruplicado o numero de camas postas ao serviço dos doentes.

Há faltas?

Necessáriamente que as há entre nós, como as há em maior ou menor grau nos outros países; mas, se medirmos o caminho percorrido ultimos anos, verificar-se-á que não temos perdido o tempo em discussões bisantinas, antes, pelo contrário, o temos aproveitado por forma a vencer o estado de penuria em que nos encontrávamos.

Ao lado dos edifícios, houve necessidade de preparar pessoal médico e de enfermagem qualificado e em numero suficiente para satisfazer as necessidades da população doente e, bem assim, a de formar técnicos de toda a ordem e administradores capazes de extrair o maior rendimento dos meios materiais postos á sua disposição.

Com vista á melhoria da preparação dos médicos, têm-se realizado cursos de aperfeiçoamento nos Hospitais Civis de Lisboa, no Instituto Superior de Higiene Dr. Ricardo Jorge, e no de Assistência Nacional aos Tuberculosos, no Maternal, no de Malariologia, tendo ainda o Ministério do Interior colaborado com a Ordem dos Médicos nos cursos que de há alguns anos a esta parte ela vem organizando com critério e perseverança dignos do maior elogio.

Paralelamente, enviaram-se ao estrangeiro numerosos médicos com o fim de melhorar a sua preparação nas especialidades a que se dedicam.

Abriram-se cursos para dietistas, preparadores, ajudantes de radiologia e ainda para outros técnicos cuja actividade se considera necessária á vida hospitalar e á defesa da saude.

O problema mais agudo com que se deparou foi o de falta de profissionais de enfermagem. Para, na medida do possível, o solucionar foram criadas 15 escolas, existindo, assim, actualmente 17, em vez das duas que se contavam em 1926; isto sem ter em atenção as especializadas na formação de enfermeiros destinados a prestar assistência psiquiátrica e materno-infantil.

Quando aludimos aos hospitais construídos, ampliados ou remodelados, consideramos apenas os hospitais gerais. Ao lado destes, porém, há os hospitais especializados — assistência materno-infantil, assistência psiquiátrica, luta contra a lepra e contra a tuberculose — em que a melhoria verificada é ainda mais notável.

Para não alongar demasiadamente esta exposição, referir-nos-emos apenas á mortalidade infantil e pela tuberculose, especialmente focadas durante a actual campanha eleitoral.

No que respeita á primeira, o prof. Ricardo Jorge salientava no começo deste século que, por mil crianças que nasciam no Porto, a morte ceifava no primeiro ano 236 — «cifra agigantada e assustadora», que mereceu justos reparos do mestre. Esta cifra manteve-se sem diferença sensível até 1930, acusando, porém, grande baixa nos ultimos anos, pois não ultrapassou 98,15 em 1954; 100,86 em 1955; e finalmente, 91,01 em 1956.

Quer dizer: ainda que estejamos longe do objectivo que nos propusemos ao iniciar a luta contra a mortalidade infantil, a verdade é que o numero de vidas poupadas é superior em 50% ao que a morte anteriormente levava.

Quanto á tuberculose, que nesta cidade causava tão grande numero de vítimas, a mortalidade desceu de 191.6 por 100.000 habitantes em 1930, para 63,2 em 1956.

Mortalidade pesada, há toda a esperança de a reduzir, dado o esforço desenvolvido nesse sentido de há uns anos para cá.

O acréscimo de meios materiais afectos á luta contra a tuberculose pode inferir-se pelos seguintes numeros:

Em 1926 existiam apenas 1.000 camas; actualmente dispomos de 10.029, das quais 7.959 destinadas ao tratamento da tuberculose pulmonar, 1.261 á tuberculose óssea, havendo ainda 739 em preventórios e 70 nos serviços de readaptação.

Só nos ultimos anos o Estado, fora o que despendeu com a construção e ampliação de sanatórios e enfermarias-abrigos, consignou importantes verbas á luta contra a tuberculose, cujo montante sobe de ano para ano: 41.615 contos em 1951 e 116.912 contos no corrente ano.

E se entre as causas que mais concorriam para a excessiva mortalidade do Porto se contava a insalubridade das habitações, porquanto, no dizer do prof. Ricardo Jorge, mais de uma sexta parte dos trabalhadores viviam nos «alvéolos imundíssimos das ilhas» é de esperar apreciável melhoria na respectiva taxa, pois no decreto-lei n.º 40.616, de 28 de Maio de 1956, em que se prevê a construção de 6.000 habitações higiénicas e de rendas económicas, foi encarado o problema em toda a extensão e com o animo de o resolver em definitivo.

Como resultado deste esforço, e para encurtar razões, diremos apenas que a mortalidade geral por mil habitantes verificada nos ultimos anos é inferior a metade da acusada no primeiro quartel deste século. As respectivas taxas, nos ultimos anos, são inferiores ás verificadas, entre outros países, na França, Bélgica e Inglaterra. E isto tanto no País como na cidade do Porto.

Não podemos, entretanto, diminuir o ritmo das realizações. O que fizemos é apenas garantia do que há a fazer. Tudo está em que se mantenha a nossa unidade moral em volta das grandes tarefas de interesse colectivo e da integridade e independência da Pátria.

A gente do Porto, fiel á sua tradição patriótica, não faltará á chamada na luta contra tudo o que tenda a dividir os Portugueses ou a enfraquecer a resistência moral da Nação».

Outras visitas do sr. dr. Trigo de Negreiros

O sr. dr. Trigo de Negreiros que, ontem, á noite, chegou a esta cidade, visitou hoje a convite do Município portuense, algumas obras em construção e outras em vias de acabamento.

Nos Paços do Concelho, acompanhado pelo dr. Elísio Pimenta, chefe do distrito, foi aquele membro do Governo recebido pelo dr. Frazão Nazaré, presidente substituto da Camara do Porto e por toda a vereação, encontrando-se também presentes os candidatos a deputados pela União Nacional.

No salão nobre do edifício o dr. Frazão Nazaré saudou o ministro, salientando o interesse e o valor que trazem a esta cidade as obras construídas e outras que estão prestes a ser terminadas, e muitas mais que se encontram já em projecto, e se iniciarão dentro em breve.

O sr. ministro do Interior agradeceu as palavras que lhe foram dirigidas, salientando que o esquema apresentado pelo dr. Frazão Nazaré, ao contrário do que a oposição afirma, é a demonstração de que o Porto tem trabalhado e continuará a trabalhar com a brevidade necessária para o progresso da cidade.

Seguiu-se uma série de visitas ás diversas obras que começaram pelo bairro Pio XII, localizado no cimo das Antas. Depois, o sr. ministro esteve nos acessos do Hospital Escolar, bairro do Carvalhido, escola do Monte Pedral, quartel do Batalhão de Sapadores Bombeiros, e bairro do Bom Sucesso.

O sr. dr. Trigo de Negreiros ficou muito bem impressionado com todas estas obras.

A Mocidade Portuguesa

retomou as actividades

do novo ano escolar

Recomeçaram hoje, em todos os Centros de Formação Geral da Mocidade Portuguesa, que funcionam em liceus, escolas técnicas e colégios particulares, as actividades da Mocidade Portuguesa.

As cerimónias da reabertura dos referidos centros, cujas actividades de instrução vão decorrer até Junho do próximo ano, foram todas elas assinaladas com reuniões e festas de camaradagem, formatura geral dos filiados, recepção dos novos infantes e apresentação da bandeira da M. P. e alocuções de dirigentes, além de diversas manifestações culturais.

Os actos efectuaram-se de manhã e de tarde. Os srs. dr. Leopoldino de Almeida, delegado provincial da Estremadura e os majores Sales Grade e João José Domingues, respectivamente subdelegado regional e chefe de zona das escolas técnicas, da Mocidade Portuguesa, estiveram em vários centros de instrução onde assistiram a cerimónias.

Também o sr. Freixial Janeiro e outros dirigentes da M. P. assistiram ao decorrer das sessões de abertura das actividades em várias alas da província da Estremadura.

A erupção vulcânica

na Ilha Nova

O sr. prof. dr. Orlando Ribeiro, chefe da missão científica que esteve no Faial a estudar o vulcão da Ilha Nova, foi esta tarde recebido pelo subsecretário da Educação, a quem expôs os resultados das observações a que procedeu a referida missão.

O patriotismo dos Portugueses do Ultramar

não sofre que sobre ele se formulem reservas

(Continuação da 1.ª página)

tendi que não devia deixar de lhe acrescentar alguns esclarecimentos, dentro do meu alcance.

E' bem de ver que não posso, porque seria materialmente inexequível, contestar tudo o que por por vezes se diz em desacordo com as verdadeiras linhas de orientação da nossa política ultramarina. São desvios inevitáveis, filhos de desconhecimento, em grande parte por culpa de quem dirige, por via de regra mais ocupado a agir do que a explicar. E' esta carência de informação muito caracteristicamente portuguesa. Na verdade, desde os fastos gloriosos dos Descobrimentos e da Expansão até á modesta mas séria actividade construtiva dos dias de hoje, não têm abundado os cronistas, o que, se por um lado nos qualifica mais como homens de acção do que de palavras, também muito nos tem prejudicado.

Mas se é impossível, como dizia, comentar tantas informações consideradas inexactas, não se pode dar o mesmo tratamento ás opiniões expressas por um destacado homem publico, como é o caso presente.

* * *

Considera-se, no artigo, aspiração respeitável a unidade política decretada do alto do Poder, mas não se vê viabilidade para esta contextura artificial de novo tipo de pátria. Seria o primeiro exemplo de uma construção deste tipo, na História. Estas palavras e estes conceitos são todos do artigo em exame.

Os argumentos explicativos são bem poucos, parecendo que apenas um se concretiza: quando se avançar na transformação local (nas províncias ultramarinas) das matérias-primas... verificar-se-á a artificialidade de uma construção política que assenta em palavras, etc.

Todas estas afirmações de extrema gravidade atingem a própria essência da nossa existência como Nação. Estou certo de que o seu autor desejará, no fundo da sua consciência, estar enganado, como felizmente está. Como Português não pode, em boa verdade, deixar de querer a grandeza da sua Pátria. E essa, tal como a concebe o povo português, cheio de tradições e responsabilidades, não se há-de encontrar em moldes mesquinhos, naquela pequena aspiração que seria a de lavrar a terra e cumprir as leis, se não tivéssemos embarcado para a India e sofrido os naufrágios, os desastres e... as glórias, como com tanto brilho comentou Oliveira Martins. Porque me parece que a Nação Portuguesa ou é, como foi, como se formou, marítima, intercontinental, ou não existirá. Ora, só a unidade nos pode manter no caminho do passado, o mesmo que neste momento estamos francamente trilhando.

Creio, portanto, que a aspiração respeitável é não só do Governo mas de todos nós; e que sobre a sua efectividade também não pode haver duvidas.

O Poder decretou, de facto, a unidade e fez muito bem. Mas antes de o ter feito já ela existia por consenso unanime de todos, pelo génio do povo, pela orientação de todos os governante . de há séculos para cá. Com mais ou menos clarividência ou oportunidade, o que os vários sistemas políticos deste País têm procurado consolidar é essa unidade que o povo, pelas suas qualidades inatas, iniciou. E neste momento político não devemos esquecer que foi em 1820, em plena floração das ideias liberais, que se publicaram as mais ousadas disposições legais consagrando a unidade da Nação Portuguesa. Se então não produziram os benefícios que se esperavam foi porque, na verdade, eram ainda deslocadas para o tempo.

Mas o que há um século não foi possível atingir, vamo-lo hoje alcançando com mais segurança, graças a novos meios de que dispomos, de técnica, de experiência e, sobretudo, de comunicações e transmissões.

Concordo que será este o primeiro exemplo da História, pelo menos da História Moderna. E' ainda mais certo que já hoje o é. Mas isto é sabido, é bem conhecido de nós todos e referido com frequência por estranhos. E nada tem de milagroso. Permito-me em breves palavras explicar o facto, para aqueles que porventura não estejam bem a par destes aspectos.

As políticas ultramarinas inglesa e portuguesa podem ter-se como limites extremos de concepções. A primeira, visando a elevação dos povos nativos, procurou fazê-la pela valorização dos seus quadros tradicionais (e nem sempre os havia merecedores de salvaguarda), no caminho duma futura independência política. Nada de misturas nem fusões dos indígenas com o povo inglês. A Inglaterra era fundamentalmente a nação tutelar, educadora, fomentadora de riqueza. Tudo se resumia a exploração económica e educação cívica separada. E' um sistema digno de respeito, que tem dado os seus bons e maus resultados, como todos conhecem e me dispenso de citar.

Nós, não. A ideia política—porventura mal definida no começo da Expansão, mas em breve consolidada em formas imutáveis que chegaram até hoje — foi de, cristianizando, civilizando e povoando, em todas as terras criar prolongamentos do povo português. Nas terras desertas, como na Madeira e nos Açores, houve povoamento europeu; europeu e africano, sendo este ultimo assimilado, em Cabo Verde; europeu e africano em presença do aborígene, com a fusão orientada pelo europeu, detentor de valores decisivos, como no Brasil; europeu influenciando os naturais, tal como na India; etc. De todos os recursos demográficos se lançou mão para dilatar a grei, sem nunca se pensar em separações raciais nem se pôr o problema do desenvolvimento económico separado, nem ir á procura de quadros nativos, porventura sem apreciável valor. O que generosamente se pretendeu foi moldar um povo á maneira e semelhança do povo original. No entanto, houve o natural respeito pelas tradições que não eram bárbaras e pelas religiões, onde as havia.

O processo de assimilação foi coroado pelas célebres leis de Albuquerque ácerca dos casamentos na India. Elas traduzem a consagração oficial do sistema fraternal de vida do povo português, em qualquer parte do Mundo em que habitasse.

O que se visava, portanto, era alargar a própria Nação, tanto quanto possível unindo os seus componentes pela língua, pela religião e pelo sangue. Bem sabemos qu houve, e há, dificuldades em atingir inteiramente esses objectivos. Mas, a realidade incontestável é que se formou um ideal nacional de tal natureza homogéneo que nos permite a certeza de que são verdadeiramente portugueses todos os que as leis designam como tal. Não são meras conjecturas, mas factos. Sabe-se o que foi o calvário de Timor na ultima guerra e qual a dedicação patriótica dos Portugueses nativos. Todos assistimos diáriamente aos lamentáveis acontecimentos da India Portuguesa e ao patriótico comportamento não só dos que lá vivem como dos que lá nasceram e habitam terra estrangeira, por vezes hostil. São felizmente factos que temos á mão e que não oferecem duvidas.

Mas isto não é novo. Como há dias dizia o «Diário de Lisboa», referindo-se a um notável discurso do senhor ministro do Ultramar, entre nós os laços económicos não têm sido indispensáveis para garantir a união política. E senão vejamos. Quase não havia relações económicas de espécie alguma entre Timor, Macau, Estado da India e a Metrópole e, contudo, mesmo nos períodos de maiores vicissitudes e incertezas, desde os ataques dos Holandeses no século XVII, passando pelas duas Grandes Guerras Mundiais, não se verificou a mais pequena ameaça de rompimento.

Não temos, portanto, que lançar duvidas sobre factos incontroversos, sobre realidades vitais para a nossa existência como Nação. O patriotismo dos Portugueses do Ultramar não sofre que sobre ele se formulem tais reservas.

* * *

Apreciada a parte essencial do artigo, no seu capítulo sobre o Ultramar, a sua ideia fundamental, pouco mais haveria a dizer. Todavia, procurarei explicar algumas passagens que podem deixar impressões inexactas.

Não vejo que a diversidade entre as províncias portuguesas seja tão acentuada e sobretudo tão perigosa como se aponta no artigo. Não me refiro á homogeneidade somática das populações pois que, como disse, apesar do muito que se tem conseguido, o que mais interessa ainda é a unidade de espírito, de ideal. Mas no aspecto de produtos e condições de vida, as diferenças não são de molde a provocar cisões. O próprio preconceito do clima, cujos rigores levaram noutros tempos tanta gente a recear a «Costa de Africa», está hoje em franco descrédito. A electricidade abundante, as estradas, as condições higiénicas, a mecanização e tantas aquisições da vida moderna, permitem ao homem europeu viver e trabalhar normalmente nos trópicos. As culturas da terra têm sido alargadas e intensificadas dentro da ideia de coordenação nacional, tal como se se tratasse de províncias puramente metropolitanas. O açucar, que nas províncias europeias se poderia cultivar em boas condições, segundo julgo, é exclusivo das províncias de Africa; por outro lado, o chá produz-se em Moçambique e nos Açores, sem que dos factos resultem graves inconvenientes para a economia e muito menos para a unidade.

Quanto aos perigos da industrialização, também os não vejo. As industrias vão-se progressivamente instalando nas províncias ultramarinas segundo uma visão de conjunto, procurando fazer-se a sua localização no território nacional de modo a obter o maior rendimento económico.

A industrialização separará porquê? Há fábricas de lanifícios no Minho e na Beira e nunca ouvi de tendências separatistas dessas províncias.

Outro aspecto que merece um reparo é o que se refere ás compensações que na Metrópole se desejariam para os sacrifícios da tarefa colonizadora. Nunca tal ouvi, podendo sem hesitação afirmar que semelhante ideia não cabe nas directrizes da política nacional. Não têm os Governos procurado quaisquer compensações para a Metrópole, á custa do Ultramar. Que os comerciantes queiram auferir certos lucros, invocando as razões que lhes ocorram, será outra coisa. Contra tal tendência, quando desmedida, têm os Governos trabalhado. Se em alguns períodos os produtos ultramarinos tiveram cotações abaixo do que seria desejável, não tendo em contrapartida o Ultramar iguais benefícios dos produtos metropolitanos, o facto, de anormal, não pode fixar uma doutrina.

De resto, a correcção acaba sempre por fazer-se. E' o caso, por exemplo, do algodão, cujas cotações em Angola e Moçambique estiveram baixas durante alguns anos; estudada a questão, a elevação de preços que se seguiu mostrou bem que se tinha acertado, visto que a produção imediatamente subiu, a ponto de hoje estar completamente abastecida a industria nacional com fibra portuguesa, do Ultramar.

Nestas situações episódicas não é justo ver uma orientação política. Deve, de preferência, procurar-se nos remédios.

Bem sabe o Ultramar que a Metrópole pagou durante longos anos o açucar aos plantadores de Africa a cerca de 2.500$00 a tonelada, quando a cotação do mercado internacional, em Londres, era de 500$00, e por este mesmo preço se recebia de Cuba. E também se sabe que o Ministério da Economia tem em várias ocasiões, nos tempos que vão correndo, fixado os preços de alguns produtos ultramarinos para consumo na Metrópole num valor superior ao do mercado livre.

Não. Não é no exame de factos incidentais, sejam ou não favoráveis a um raciocínio, que se pode definir um sistema. O que se tem procurado, através de fixação de contingentes de produtos e de outras maneiras, é assegurar a colocação dos produtos e garantir uma estabilidade de trabalho e aumento crescente de produção.

Quanto ás rápidas alusões feitas ás decantadas mais valias, apenas direi que, áparte «o natural desgosto» que causaram — não sei de impostos que tenham agradado ao contribuinte — não houve confusão possível, derivada dos textos legais, a respeito do seu verdadeiro destino: fixar capitais nas províncias de origem (sem deles privar o proprietário) e contribuir, em pequena percentagem, para o orçamento também da própria província. Se especuladores houve, antipatrióticos, que insinuaram que a Metrópole beneficiava dessa medida, a consciência os atormentará, se eram Portugueses, pela mentira e pelo verdadeiro crime que cometeram.

Finalmente, não posso, de maneira alguma, admitir como solução, por mais longínqua que fosse, a ideia de federação ou confederação, se ela significar menor coesão do que o sistema actual. As razões já as expuz.

Foi neste assunto que o artigo—que apenas se limitou a apontar males imaginários sem contudo lhes receitar os remédios — apresentou a unica medida salvadora: o Poder Central deambulante pelos vários continentes. Nada haveria a opor-lhe, se fosse exequível. Mas não será mais eficiente que os continentes, isto é, os seus homens tenham acesso a esse Poder e nele participem, tal como hoje sucede?

* * *

Seria meu ardente desejo que, nestes e noutros aspectos profunda e verdadeiramente nacionais, se abatessem todas as bandeiras políticas. Temos uma bela tradição que engloba os regimes políticos mais diversos entre nós; porque todos, sem excepção, colocaram acima das próprias existências transitórias a ideia superior e permanente da unidade nacional.

Não tenha o sr. eng. Cunha Leal tantos cuidados, mas tenha fé (não se lhe pede confiança no Governo) no nosso destino como Nação. Estou certo que, por mais seguro que se encontre dos seus juízos — neste caso apenas duvidas e pessimismos — há-de também desejar, como eu, como todos nós, estar enganado. Quem conhece a nossa História e o nosso povo, das aldeias serranas e das ilhas ás terras dispersas do Ultramar, não tem a esse respeito a menor preocupação.

SARMENTO RODRIGUES

DIARIO DE LISBOA

PROGRAMAS DE RÁDIO

EMISSORA—Ás 18, Noticiário e danças; 18 e 30, Trechos de filmes; 18 e 45, Trechos de operetas; 19, Desdobramento; 21, Noticiário; 21 e 15, Desdobramento; 23 e 45, Noticiário, boletim meteorológico e fecho.

Programa «A»—Ás 19, Emissão infantil; 19 e 30, Trechos em piano; 19 e 45, Aguarela brasileira; 20, Jornal sonoro; 20 e 15, Musica ligeira sinfónica; 20 e 30, Que quer ouvir?; 21, Junção dos emissores; 21 e 15, Trechos em viola espanhola; 21 e 30, Comentário político; 21 e 45, Serão para trabalhadores, organizado pela E. N. e pela F. N. A. T. e transmitido do Ginásio do Liceu Camões. No intervalo, 22 e 30, «Vozes do Mundo»; 23 e 30, Danças.

Programa «B»—Ás 19, Aspectos da musica moderna; 19 e 50, Noticiário regional; 20, Concerto de camara, em que colaboram o flautista Tiago Velez, a pianista Maria Manuel Vargas e o cantor Hugo Casais. No intervalo, ás 20 e 26, «Temas Portugueses»; 20 e 52, Musica de Paganini; 21, Junção dos emissores; 21 e 15, 3.º acto da ópera «O Rapto do Serralho», de Mozart, pelos sopranos Wilma Lipp e Emmy Loose; tenores Walter Ludwig, e Peter Klein; baixo Endré Korch; coro da ópera de Viena, e Orquestra Filarmónica de Viena, sob a direcção de Josef Krips; 21 e 45, «Noite Transfigurada», de Schoenberg, em viola, por Dinking, violoncelo por Reher e pelo Quarteto Hollywood; 22 e 15, Musica sinfónica: Abertura da ópera «As Bodas de Figaro», de Mozart, pela Orquestra Filarmónica de Berlim, dirigida por Fritzs Lehmann: «Sinfonia n.º 8», «Incompleta», de Schubert, pela Orquestra Sinfónica de Bamberg, dirigida por Keliberth; 22 e 45, Que quer ouvir? «Sonata n.º 1, em fá menor, op. 2 n.º 1», de Beethoven, e «Sonata n.º 3, em dó maior, op. 2 n.º 3», pelo pianista Wilhelm Kempff; 23 e 25, Os dois ultimos quadros da cantata «Carmina Burana», de Carl Orff, por solistas, coro e orquestra da Rádio Baviera, dirigida por Jochun.

RÁDIO CLUBE—Ás 17, Cantares de Espanha; 17 e 30, Variedades; 18, Musica das seis; 18 e 20, Motivos portugueses; 18 e 45, Orquestra de Les Elgart; 19, Trechos recreativos; 19 e 30, Jornal da A. P. A.; 20 e 15, Apontamento do dia; 20 e 20, Conjuntos; 20 e 30, Onda desportiva; 21, Programa dos senhores lavradores; 21 e 15, Brasil; 21 e 30, Língua portuguesa; 21 e 45, Imagens por musica; 22, Ritmos de baile; 22 e 30, Concerto; 23, Canconetas; 23 e 30, Ritmos de baile, do Casino Estoril; 23 e 45, Agenda; 23 e 50, Solistas; 0, Talismã apresenta: «Boa-noite e bons sonhos—Estrelas da meia-noite»; 0 e 30, Noticiário; 0 e 45, Ritmos de baile.

Estação de Miramar—Ás 18, Motivos portugueses; 18 e 30, Folhetim Tavol; 18 e 45, Recital de composições de Cruz e Sousa; 19, Ritmos de baile; 19 e 30, Isto é Portugal; 20, Boletim informativo; 20 e 10, Conjuntos vocais e instrumentais; 20 e 30, «Vida Desportiva»; 21, Noticiário (em colaboração com a E. N.); 21 e 15, Vozes portuguesas; 21 e 30, Reportagem da sessão de propaganda eleitoral realizada em Faro; 23 e 30, Variedades; 0, Ritmos de baile, do Nina.

RÁDIO RENASCENÇA—Ás 18 e 30, Terço e bênção da basílica dos Mártires; 19 e 25, Boletim do S. C. R.; 19 e 30, França horizonte do Mundo; 19 e 45, Solos de piano; 20, Canções em voga; 20 e 15, Suplemento falado de rádio e televisão; 20 e 30, Noticiário; 20 e 45, Fados; 20 e 55, Meditando; 21 e 5, Variedades; 21 e 30, Cançonetas portuguesas; 21 e 50, Selecções, 22 e 25, Revista da Imprensa francesa; 22 e 45, Noticiário; 22 e 57, Boletim religioso; 23, Musica fim de semana.

POSTOS CENTRALIZADOS—Das 19 e 30 ás 22, Voz de Lisboa; das 22 á 1, Clube Radiofónico de Portugal.

SEMANA DO CONTRIBUINTE

(Apontamentos)

IMPOSTO SOBRE AS SUCESSÕES E DOAÇÕES, POR AVENÇA, E SELO DE AVERBAMENTO

—«Ás cotações que servem de base ás avenças são as da Bolsa de Lisboa *trinta dias* antes daquele em que as sociedades fecharem o seu exercício, nos termos dos seus estatutos ou contratos sociais, ou *trinta dias* antes da data neles fixada para o pagamento das remunerações do capital *quando não for anual esse pagamento*».

—Art. 8.º do Decreto n.º 4692, de 12-7-1918.

Dispôs, no artigo 1.º, o Decreto n.º 4692 citado:

«A contribuição de registo (hoje imposto sobre sucessões e doações) nas transmissões por título gratuito dos títulos ao portador... passa a ser paga *por avença*, nos termos do presente decreto».

Esta forma de pagamento foi extensiva aos títulos *nominativos*, e o selo devido por averbamentos de títulos no acto da sua transmissão deixou, igualmente, de ser pago nesse acto, passando a ser pago também por *avença* (Artigos 2.º dos Decretos n.º 36494 e 4692).

Nestas condições, e segundo o que se dispôs naquele artigo 8.º, as cotações a considerar são *unicamente* as verificadas *trinta dias antes*, ou do fecho do exercício social, ou então, se a remuneração do capital não for anual, da data fixada para o pagamento das remunerações (juro ou dividendo).

Assim, visto que para efeito da tributação (quer em imposto de sucessões, quer no selo de averbamento) a lei não estabelece para base de incidência dos impostos em referência o valor das acções anterior aos períodos previstos, nos termos em que se disse.

Anotação:

...Mas este preceito *(artigo 3.º do Decreto n.º 4748)* não pode, como se disse, absorver, amputar, ab-rogar ou derrogar aquele; tem de salvar-lhe o império, nos precisos termos em que ele é articulado.

De tudo isto se deduz que o regime legal é este:

Aplica-se o disposto no artigo 8.º do Decreto n.º 4692, quando se verifica a hipótese aí prevista — a de terem as acções sido cotadas na bolsa dentro do prazo de trinta dias, ou melhor dentro dos trinta dias imediatamente anteriores ao fecho do exercício social ou á data fixada para a remuneração do capital quando não for anual esse pagamento; e, quando se não verifica essa hipótese, aplica-se o disposto no artigo 3.º do Decreto n.º 4748.

Acórdão do Supremo Tribunal Administrativo de 10 de Outubro de 1956, in *Diário do Governo* n.º 230, ano de 1957.

AGENDA DOS LEITORES

Contribuição industrial

—Dos recursos das decisões sobre as reclamações apresentadas ao abrigo do disposto no artigo 7.º do Decreto n.º 24916.

Da deliberação da Comissão a que se refere o artigo 7.º do Decreto n.º 24916, de 10 de Janeiro de 1935, que desatender a reclamação contra a fixação do rendimento ilíquido tributável, podem os interessados, com fundamento em preterição de formalidades legais *exclusivamente*, recorrer no prazo de *oito dias* a contar da intimação da deliberação para o Tribunal de 2.ª Instancia do Contencioso das Contribuições e Impostos e deste para o Supremo Tribunal Administrativo (artigo 8.º do Decreto n.º 24916).

Acórdão do Supremo Tribunal Administrativo de 22 de Julho de 1953, in *Revista de Direito Fiscal*, ano 6.º, p. 16.

HÁ TRINTA ANOS

O directório do P. R. N. estava reunido e o «Diário de Lisboa» dizia, no dia 26 de Outubro de 1927, haver entre os nacionalistas partidários da eleição presidencial feita através o Legislativo ou por uma nova fórmula: o Legislativo apresentaria uma lista com três nomes, a fim de se dar representação ás maiorias, e de entre esses nomes o eleitorado escolheria depois aquele que mais convinha aos interesses da Nação. Assim se evitaria o perigo de presidentes partidários e muitos outros perigos.

O TEMPO QUE FAZ

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE—Em Portugal continental, o vento é fraco de Leste e o céu está pouco nublado por acção de uma crista de altas pressões situada sobre a Peninsula Ibérica.

Temperaturas registadas até ás 9 horas: Porto, 11°; Penhas Douradas, 11°; Lisboa, 14°; Faro, 17°; e Funchal, 19°.

PREVISÃO ATÉ ÀS 24 HORAS (T. M. G.) DE AMANHÃ—Céu pouco nublado, vento fraco de direcção variável.

PALAVRAS CRUZADAS

NOVA MODALIDADE

Problema n.º 2056

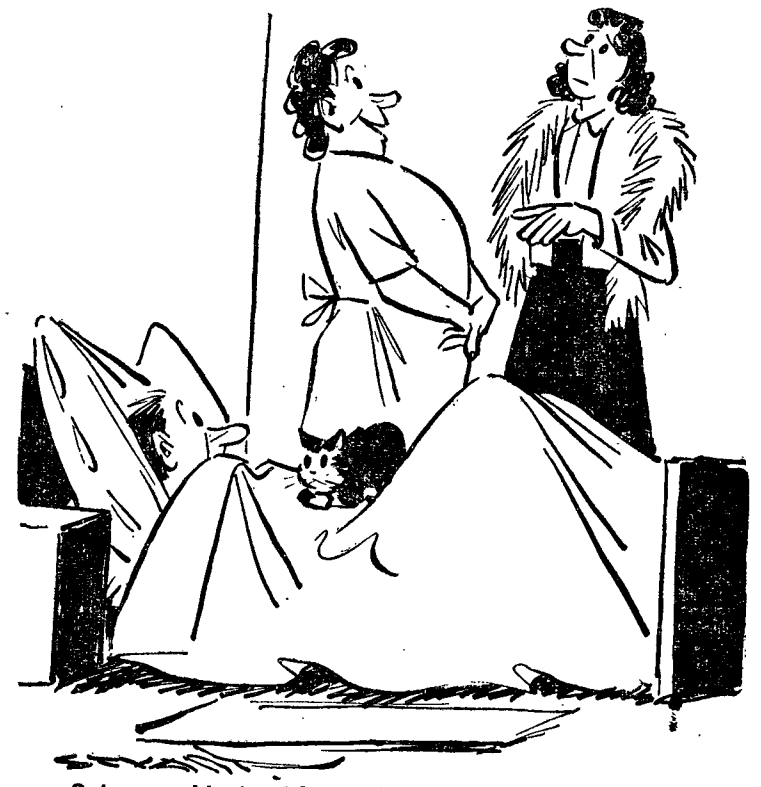
HORIZONTAIS: 1 — Cidade e porto da Sicília. 2 — Mulher que foi imortalizada por Petrarca. 3 — Nota musical. Senhora. Certo. 4 — Falda. Poente. 5 — Portuguesa. Pronome pessoal (pl.). 6 — Afirmação. 7 — Erva doce. Brisa. 8 — Bebedeira (pop.). Maior. 8 — Batráquio. Escalvados. Nota musical. 10 — Ribomba. 11 — Estrondearam.

VERTICAIS: 1 — Lago salgado do Turquestão. Irra! 2 — De marfim. 3 — Artigo definido (ant.º). Artigo definido. Comparecer. Céu. 4 — Chefe etíope. Tema. 5 — Parede. Viração. 6 — Lenda do Ceará, poema em prosa de José de Alencar. Ribeira que ajuda a formar o Sorraia. 7 — Em a. O mais. Algum. Em partes iguais. 8 — Que costumam fazer alguma coisa. 9 — Patrões. Canção.

Solução do problema n.º 2055

HORIZONTAIS: 1 — Semíramis. 2 — Alio. Má. 3 — Lia. Mês. 4 — Ia. Pã. Ara. 5 — Gala. Ir. 6 — Aru. Dor. 7 — Aí. Saro. 8 — Sol. Mó. Bê. 9 — Asa. Ien. 10 — A. C. Irra. 11 — Sarcófago.

VERTICAIS: 1 — Salir. Assás. 2 — Élia. Aio. Cá. 3 — Mia. Gr. Lá. 4 — Io. Paus. Sic. 5 — Mal. Ama. 6 — Até. Adro. If. 7 — Sá. Oó. Ira. 8 — Im. Rir. Berg. 9 — Sarar. Senão.



— O teu marido também está com a «asiática»?
— Não, está com uma hoje vulgar. Nós não temos dinheiro para essas extravagancias.

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

TURNO G — União — Estrada de Benfica, 592-594. Telef. 780092; Alegria — Estrada de Benfica, 180, Telefone 780511; Vitex — Estrada de Benfica, 300-A, Telefone 780548; Benfica — Estrada de Benfica, 678-E. Telefone 782532; Canto — Estrada das Laranjeiras, 202-B. Telefone 780841; Prates & Mota — R. da Beneficência, ao Rego, 91. Tel. 773728; **Fátima — Av. de Berna, 24 (perto da igreja de Fátima), Tel. 763107;** Central do Lumiar—R. do Lumiar, 77. Tel. 779480; Cabrita—Campo Grande, 220-222 Tel. 772397; Marbel—Avenida de Roma, lote JAA. Tel. 776235; Zil—Avenida da Igreja, 9-D Tel 778380; S. João de Deus—Rua Pedro Ivo, 1-A, 1-B. Tel. 725140; Imperial—Avenida Guerra Junqueiro, 30-B. Tel. 726860; Bentozinho—Av. Óscar Monteiro Torres, 38-A Tel. 774920; Jaime Mendonça—Avenida Duque de Avila, 125. Tel 45225; Ducal—Avenida Duque de Loulé, 21. Tel. 48946; Ascenso—Rua 27, 41, Bairro da Encarnação Tel. 399216; Olivais (Dos)—Rua Alves Gouveia, 19. Tel. 399237; Grijó— Rua do Grilo, 25; Banha—Estrada de Chelas, 173-175. Tel 392241; Frazão—Rua da Cruz de Santa Apolónia, 90-92. Tel 847019; Ziler—Rua de S. Tomé, 54-56. Tel 862835; Central da Penha — R. da Penha de França, 58-60. Tel. 849245; Vitalis—Rua Morais Soares, 66-A Tel 848011; Pancada, Ld.ª, Suc.—Rua Rebelo da Silva, 9. Tel. 43340; Confiança—Avenida Almirante Reis Tel 42453; J. Ribeiro, Ld.ª—Largo das Olarias, 33, Tel. 864643; Salutar—Rua B, 75-A/B, Bairro da Liberdade, Tel. 683694; Pinto — Rua de Campolide, 11, Tel. 682610; Almeida—Rua Silva Carvalho, 136. Tel. 681726; União — Rua Saraiva de Carvalho, 119, Tel. 663643; Albano—Rua da Escola Politécnica, 59. Tel. 26750; Restelo (Do) — Rua Duarte Pacheco Pereira, lote 9, Pedrouços. Tel 610741; S. Jerónimo—Rua dos Jerónimos, 8-C. Tel. 638916; Biotifar—Rua D. João de Castro, 27-B. Tel. 638824; Correia de Azevedo—Rua Luís de Camões, 48-50. Tel. 638625; Bairrão—Rua Prior do Crato, 25. Tel. 661321. Eduardo A. César—Rua das Trinas, 102. Tel. 662631; Moz Teixeira—Rua do Poço dos Negros, 115. Tel. 663961; Galénica—Rua das Pretas, 12-14 Tel. 22588; Azevedo, Filhos—Praça D. Pedro IV (Rossio), 31 Tel. 27478. Moura — Travessa da Memória, 55, Telefone 630944.

EFEMÉRIDES

No dia 26 de Outubro de 1884 foi por Pasteur descoberto o soro anti-rábico.

CARTAZ DO DIA

TEATROS

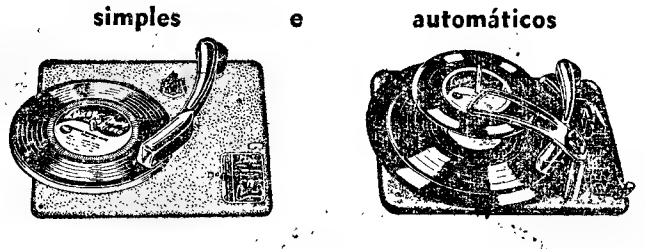
AVENIDA — A's 21 e 45 — «Como a verdade engana!...».
MARIA VITORIA—A's 20,30 e 22,45 —«Curvas perigosas».
ABC — A's 20,45 e 22,45 — «Casa da Sorte».
COLISEU — A's 21,30 — Companhia de Circo.

CINEMAS

TIVOLI—«O grande amor da minha vida».
SÃO LUIZ—«O falso culpado».
POLITEAMA—«A sombra no telhado».
EDEN—«Amores de um canalha».
IMPÉRIO—«A condessa descalça».
SÃO JORGE—«A batalha do rio da Prata».
ROMA—«Pais e filhos».
CONDES—«Um criminoso á solta».
MONUMENTAL—«O príncipe e a corista».
ALVALADE—«O falso culpado».
AVIS—«O ultimo couplet».
ODEON—«Ansiedade»
JARDIM—«Scaramouche».
CAPITOLIO—«Ao ritmo negro do Calypso».
TERRASSE—«Juventude de uma rainha».
RESTELO—«A vida apaixonada de Van Gogh».
OLIMPIA—«Os herois não se rendem».
PROMOTORA—«Furia das armas».

GRIPE
Proteja-se contra a Gripe desinfectando a sua casa com
PURODOR
o desinfectante desodorisante perfumado
Representantes:
SCHROETER & ALMEIDA
Rua da Madalena, 128, 2.º — Telef. 20649 — LISBOA

CAMISAS BRANCAS
AS MELHORES QUALIDADES
OS MELHORES PREÇOS
TORRE EIFFEL
104 — RUA DO CARMO — 106

GIRA-DISCOS
LUXOR
Construidos com a mais perfeita técnica da actualidade (patentes LUXOR)
simples e automáticos

Preços verdadeiramente moderados

O coelho atómico era... um cangurú

HAMBURGO, 26 — Cheio de terror, com o cabelo desgrenhado, um operário entrou excitadamente numa esquadra da Polícia para participar que vira um «coelho atómico», com mais de metro e meio de altura, a passar junto de um candeeiro.

As autoridades entraram em acção e capturaram o «estranho» animal: simplesmente, tiveram de restituir ao Circo Hagenbecks o cangurú que fugira da jaula. — (A. N. I.).

Parece consumada a divisão

dos países árabes em face do diferendo que opõe a Síria à Turquia

NOVA YORK, 26. — O delegado dos Estados Unidos, Cabot Lodge, respondeu violentamente aos ataques que Gromyko lançou, na passada terça-feira, contra os Estados Unidos, da tribuna da assembleia da O. N. U.

O ministro soviético acusara os Americanos de objectivos neocolonialistas no Médio Oriente e usara um tom altamente agressivo.

Servindo-se do mesmo tom, Cabot Lodge afirmou que os Russos pretendiam, nada menos, que reduzir á escravatura os povos do Médio Oriente, utilizando, para conseguir os seus fins, a ameaça e a chantagem.

Esta polémica quase fez esquecer as causas do debate que recomeçará segunda-feira na assembleia. Esta paragem foi bem aceite pelos dois campos, que ontem não se sentiam prontos a tirar quaisquer conclusões. Do lado árabe, a recusa da Síria em aceitar a mediação do rei Saud, não foi bem recebida. Damasco é acusado de esquecer a solidariedade árabe, em proveito da U. R. S. S., e de preferir o apoio de Moscovo a qualquer diligência medianeira de Saud. A esta censura respondem os Sírios acusando o Iraque e os Estados árabes anti-egípcios de apoiar de preferência a política dos Estados Unidos.

Estas divergências dentro do grupo árabe explicam a razão pela qual a Síria não apresentou ontem, sob forma de moção, o seu projecto de uma comissão de inquérito sobre as concentrações de forças turcas na fronteira.

Do lado americano tencionava-se apresentar uma contramoção no caso de a Síria apresentar o seu projecto, o que equivaleria a um adiamento do debate, contramoção que pedia ao secretário-geral que vigiasse atentamente a situação e interviesse, pessoalmente, em caso de necessidade.

Quando recomeçar o debate, na próxima segunda-feira, as posições estarão já suficientemente esclarecidas.—(F. P.).

A Arábia Saudita retirou a proposta de mediação

DAMASCO, 26 — O rei Saud comunicou ao Governo sírio que retirava a sua proposta de mediação na disputa turco-síria, segundo anunciou um informador oficial.— (A. N. I.).

No gabinete Mollet

que hoje ficará constituído

haverá um ministro coordenador das pastas de assuntos económicos

PARIS, 26 — A composição do segundo ministério de Guy Mollet deve ser conhecida ainda hoje. Depois, o secretário-geral da S. F. I. O. dará os ultimos retoques á declaração de investidura.

A distribuição das pastas vai requerer muitas trocas de impressões Primeiro, dois grupos políticos devem pronunciar-se definitivamente quanto á sua participação: os republicanos sociais e a União das Esquerdas Republicanas.

O futuro ministério Guy Mollet teria, de qualquer modo, duas características: um lugar de ministro de Estado seria atribuido aos dirigentes dos grupos participantes e cada ministro de Estado assumiria responsabilidades ministeriais efectivas. O segundo ponto mostra a importancia que Guy Mollet atribui aos problemas económicos.

O ministro das Finanças e dos Negócios Económicos, com o título de vice-presidente do Conselho, teria a responsabilidade do conjunto do sector económico e, portanto, de todos os ministérios e secretariados de Estado correspondentes: Industria e Comércio, Agricultura, Negócios Económicos e Reconstrução Sob a sua autoridade ficaria ainda um novo organismo, o Comissariado Permanente do Comércio Externo, cujo titular seria o presidente do M. R. P.. Pierre Pflimlin. — (F. P.).

Comentários de Imprensa

PARIS, 26 — Os comentadores continuam a falar do «Governo de Inverno» que Guy Mollet deve apresentar na segunda-feira á Assembleia Nacional. O «Figaro» nota que o chefe da S. F. I. O. tem de «chamar a si os hesitantes. A maioria de que precisa depende, portanto, da declaração de investidura e dos esclarecimentos que der quando do debate, nomeadamente no capítulo da política social». O «Aurore» insiste precisamente na «primeira prova de autoridade» que espera Guy Mollet, «porque o ambiente social será á medida da autoridade governamental, atendo ás greves que mais uma vez paralisaram o país. Para o «Combat», «quatro meses não bastam para governar. Não se prolongará grandemente, em contrapartida, a expectativa de todos e a marcha obstinada dos acontecimentos económicos, a evolução psicológica de uma opinião publica que esgotou a paciência? A crise não encontrou a sua conclusão. Fechou-se, simplesmente, um episódio...» O «Franc-Tireur» limita-se a verificar que na lista ministerial atribuída a Mollet, figuram «muitos antigos novos e novos antigos». — (F. P.).

Mollet ameaça desistir?

PARIS, 26 — Guy Mollet avisou hoje os dirigentes dos vários partidos de que deporá o mandato nas mãos do presidente Coty, se, até esta noite, não chegarem a acordo sobre a constituição do elenco ministerial.

A pedido de Mollet, o presidente da Assembleia Nacional, André le Troquer, convocou os 596 deputados para uma sessão especial, na segunda-feira á tarde, destinada exclusivamente aos debates sobre a investidura do novo presidente do Conselho. — —(A. N. I.).

O Satélite deixou novamente de se ouvir

LONDRES, 26 — Os postos de escuta não conseguiram captar os sinais emitidos pelo satélite russo «Sputnik» durante a noite e a madrugada. Os técnicos são de opinião que o posto emissor de rádio do satélite deixou de funcionar.

A poderosa estação da BBC de Jatsfield declara que ouviu pela ultima vez os sinais emitidos pelo satélite ás 19 horas e 50 minutos de ontem. — (A. N. I.).

NA ERA INTERPLANETÁRIA

O prelúdio do lançamento de um foguetão que fará o périplo da Lua

SILVER SPRING (Maryland), 26 — O dr. Fred Singer, um dos pioneiros da astro-náutica nos Estados Unidos, declarou ontem que o projecto «Far Side» podia ser o preludio do lançamento de um foguetão do mesmo tipo, o qual, depois de dar a volta á lua, regressaria tranquilamente á terra para revelar aos homens os seus segredos.

Acrescentou que o foguetão poderia, em princípio, alcançar a própria lua mas que, segundo todas as probalidades, falharia no seu objectivo e que os sábios deveriam contentar-se com uma volta dada á lua, seguida de um regresso á terra.

Declarou ainda que o «Far Side», que segundo certas informações, teria alcançado a altitude de 6.400 quilómetros, foi o primeiro engenho americano a atingir a velocidade de 30.000 quilómetros á hora. — (F. P.)

Sinais fracos e intermitentes emitidos pelo satélite

WASHINGTON, 26 — Os laboratórios de pesquisas de marinha anunciaram ontem que sinais emitidos pelo satélite artificial soviético foram captados ás 21 horas e 35 (TMG), quando aquele se encontrava por cima da capital do Peru.

Esclareceram, no entanto, que os sinais se tinham tornado «fracos e intermitentes». (F. P.)

Intercambio técnico e científico russo-americano

WASHINGTON, 26 — Começam ná próxima 2.ª feira, na capital americana, as conversações sovieto-americanas com vista a ampliar as relações culturais entre os dois países.

Estas conversações, segundo anunciou a Secretária do Estado, versarão sobre todos os aspectos de um programa de intercambio cultural inclusive aspectos técnicos e científicos.

As delegações americana e soviética serão presididas respectivamente por William Lacy, adjunto especial de Foster Dulles, e Zaburine, embaixador da U. R. S. S. nos Estados Unidos. — (F. P.)

Gomulka reafirma a unidade do bloco oriental

VARSÓVIA, 26 — Discursando ontem no X Plenário do Partido Operário Unificado polaco, Gomulka, primeiro-secretário do partido, salientou nomeadamente, em matéria de política internacional, «a solidariedade inabalável do campo socialista».

Quanto ao problema alemão, Gomulka declarou: «A nossa desconfiança quanto á política do Governo de Bonn acresceu com o corte das relações diplomáticas da Alemanha Ocidental com a Jugoslávia».

Passando á parte económica do seu discurso, criticou «a política errada seguida de 1950 a 1955, cujos resultados desapontaram grandemente tantos Polacos...» Se no VIII Plenário declarámos que a situação económica era tensa hoje dizemos que não melhorou. Para manter o equilíbrio do mercado nacional, o Governo e o directório do Partido têm de rever o plano de investimento, diminuir as importações e aumentar as exportações». Explicou então que, para conseguir exportar 15 milhões de toneladas de carvão em 1958, será preciso «recorrer ao trabalho voluntário dos mineiros, seis domingos do ano». Notou ainda que «apesar dos aumentos de salários, os mineiros não aumentaram a produção de carvão» e deplorou a indisciplina «em grande numero de sectores da economia nacional». — (F. P.).

Cruzador atómico para os Estados Unidos

WASHINGTON, 26. — Será lançada, no dia 2 de Dezembro próximo, nos estaleiros navais de Quincy, a quilha do cruzador atómico «Long Beach», que é o primeiro barco de superfície desta natureza a construir para a Marinha de Guerra norte-americana—anunciou a Secretaria da Armada.

Os Estados Unidos possuem já dois submarinos atómicos e outros estão em construção. — (A. N. I.).

O «Diário de Lisboa» vende-se em ESTREMOZ, na casa Reinaldo Luna & Irmão, Ld.ª

Ultimas notícias

• 68 pescadores afogados

TÓQUIO, 26—O tufão «Judy» provocou o afundamento de muitas traineiras, morrendo afogados 68 pescadores.

A traineira japonesa «Zuiko Maru», de 56 toneladas, com dezanove homens a bordo, enviou um SOS, captado em Tóquio, dizendo que estava a afundar-se e que o temporal lhe arrebatara os salva-vidas.

Outros quatro barcos nipónicos estão em perigo, tendo pedido, esta madrugada, socorro pela Rádio.

Receia-se que seja superior a 100 o numero de pescadores afogados em consequência do furacão.

O «Judy» desviou-se do arquipélago japonês, deslocando-se na direcção Nordeste, a 720 quilómetros horários.—(A. N. I.).

• Mãe e 5 filhos asfixiados

ARLINGTON (Minnesota), 26 — O trabalhador agricola Joe Garcia, ao regressar ontem do trabalho, encontrou mortos, vitimas de asfixia enquanto dormiam, os corpos de sua mulher e de cinco filhos.

A morte foi causada pelo mau funcionamento de um aquecedor a petróleo que existia no unico quarto onde todos viviam. — (F. P.).

• Polícia mordido por uma giboia

LONDRES, 26 — Uma gibóia que passeava esta manhã pelo bairro de Soho, mordeu um agente da polícia que foi hospitalizado.

O reptil, que é propriedade de um africano, tinha fugido do armário onde o dono costuma guardá-lo. —(F. P.).

• Tréguas tensas na Guatemala

CIDADE DE GUATEMALA, 26— O general Miguel Idigoras Fuentes, candidato á presidencia da Republica derrotado, aceitou tréguas por 24 horas para se procurar solução á crise política do país. Nós termos do acordo, concluido no plano das negociações da Junta Militar com o general Idigoras, este obrigou-se a convidar os seus partidários a absterem-se de toda e qualquer manifestação durante as tréguas. Por sua vez, as autoridades militares anunciaram que a força seria empregada contra todos os perturbadores da ordem. — (F. P.).

• 400 vidas em perigo

CALCUTA, 26 — A povoação de Aka, no Assam, foi subitamente invadida pelas águas de uma barragem natural que rebentou, receando-se que hajam morrido todos os seus 400 habitantes

A barragem natural fora criada por um grande desprendimento de terras, retendo as águas do rio Towang Chin e formando uma enorme represa. Esta abriu brecha e as águas precipitaram-se sobre a povoação, destruindo-a por completo. —(A. N. I.).

HOTEL EMBAIXADOR

Apresenta HOJE e todas as noites

no «TERRAÇO DAS ESTRELAS»

a famosa Orquestra

RAY MARTINO

um dos melhores Conjuntos da Europa

JUVENTUDE, ALEGRIA, ANIMAÇÃO E UM RITMO MARAVILHOSO!

(17 anos)

DOMINGO: Das 17-15 ás 19-15 «Matinée» Dançante, com RAY MARTINO Preço Esc 25$00 por pessoa incluindo chá completo

RIBATEJANO

SALVATERRA DE MAGOS — TELEFONE 14

Amanhã, almoço e chá-dançante, com festa Ribatejana e três ranchos folclóricos Ementa:—Caldeirada á fragateiro, Ensopado de enguias, Pescada á Campino, Dobrada á Portuguesa. Cabrito assado á Ribatejano, Febras de porco, na brasa, etc., etc. — Informações e reserva de mesas em Lisboa: Telefone 770320

Ensopado de enguias

FAMOSO PRATO REGIONAL do RIBATEJANO de Salvaterra

PASSAGEM DE MODELOS DAVID KIT

Apresenta a sua Colecção de Peles nos dias 28 e 29 do corrente

Marcações de lugares pelos telefones 48089 e 55076

AVENIDA SIDÓNIO PAIS, 24

Diário de Lisboa

A 8.ª JORNADA DA I DIVISÃO

Considera-se muito difícil a deslocação do Benfica a Evora

Entre os sete restantes jogos há apenas duas obrigadas

Com mais sete jogos, disputa-se amanhã a oitava jornada do Campeonato Nacional da Primeira Divisão. O desafio mais importante, sem duvida alguma, terá lugar em Évora, entre o Lusitano e o Benfica, mas algumas das outras questões também suscitam interesse. Vejamos como os concorrentes estão acasalados na jornada de amanhã (8.ª):

Caldas - Braga
Porto - Barreirense
Académica - Oriental
Lusitano - Benfica
Belenenses - Setubal
Sporting - Salgueiros
C. U. F. - Torriense

O grande encontro, repete-se, é o que se realiza em Évora, pela seguinte razão: intervir o Benfica, e entender-se que o seu adversário conta com forças suficientes para dar-lhe luta e porventura ganhar...

O jogo apresenta-se difícil para qualquer dos lados. Certamente, a engrenagem do Benfica funciona com mais regularidade, e a constituição do grupo é mais forte. Mas os eborenses dispõem de um onze afinado, que aceita, mantém e até provoca um ritmo rápido de jogada. Além disso, o ambiente também pesa...

Presume-se, naturalmente, que o jogo tenha alternativas de domínio ora de um lado ora de outro... Aquele que estiver em veia, ganhará o encontro.

Arbitra o sr. Alvaro Rodrigues, de Coimbra, apresentando os grupos as seguintes formações:

LUSITANO—Vital; Polido, Athos e Teotónio; Marciano e Paixão; Cardona, Flora, Caraça, José Pedro e Batalha.

BENFICA — Costa Pereira; Zèzinho, Artur e Angelo; Pegado e Alfredo; Palmeiro, Coluna, Aguas, Salvador e Cavém.

Quanto ás restantes partidas, dá-se o favoritismo aos seguintes clubes: Belenenses, Porto, Académica e Sporting.

E' certo que o Belenenses ainda não atingiu o regular funcionamento adequado ás unidades de que dispõe, mas o Vitória de Setubal, diminuido por algumas baixas, não parece dispor de capacidade suficiente para se pôr em duvida a vitória do Restelo. Quando muito, é de admitir apenas que o triunfo lisboeta seja dificultado...

Tudo indica que o Porto passará amanhã uma vida tranquila. A melhor classe dos seus elementos e até o seu mais perfeito e afinado jogo de conjunto devem prevalecer contra um grupo que, sabendo o que faz em campo, é, no entanto, de mais fraco nivel.

A visita do Oriental a Coimbra não deve constituir problema para a Académica, a qual dispõe de um conjunto mais equilibrado. São duas equipas de características diferentes, parecendo-nos indiscutível a vantagem da Académica.

O Sporting recebe o Salgueiros, grupo com vontade e energia. Julga-se que a linha de ataque leonina produzirá futebol em quantidade suficiente para obrigar o Salgueiros a ordenar-se completamente no sentido da defesa, olvidando por consequência o jogo de ataque.

Temos, por fim, dois encontros de desfecho assaz duvidoso. O quadro bracarense apresenta-se em Caldas da Rainha. E não há duvida de uma coisa, de que o seu jogo de conjunto é mais perfeito, devendo ainda ter-se em conta o nivel de várias das suas individualidades. O Caldas, pelo seu lado, produz uma espécie de futebol menos complicada. Mas há que atender ao factor «ambiente» que tanto pesa no trabalho das equipas. Daí o nosso convencimento de que o jogo, além de difícil para ambos os lados, se apresenta muito duvidoso.

Tal qual como o encontro do Barreiro, Entre a C. U. F. e o Torriense, em que as forças estão equilibradas, e se deverá atender á circunstância de quem joga em casa e de quem é visitante.

2.ª DIVISÃO NACIONAL

Atenção ao Algarve

onde os desafios Portimonense-Atlético e Olhanense-Beja suscitam o maior interesse

O Campeonato Nacional da II Divisão tem amanhã a sua oitava jornada. Assim, o torneio prossegue com a maior regularidade e interesse, com as equipas empenhadas na conquista dos melhores lugares nas tabelas das classificações.

A jornada de domingo passado, fértil em surpresas na Zona Norte, animou a competição, ainda que em cada uma das zonas exista um «guia» isolado. Todos contra ele, procurando arrebatar-lhe a invejável posição, parece ser a palavra de ordem.

Na Zona Norte disputar-se-ão os seguintes encontros:

Leixões (3)-Spt. Espinho (9)
Vianense (5)-Vila Real (7)
V. Guimarães (9)-Gil Vicente (5)
Tirsense (7)-Sanjoanense (6)
Peniche (5)-Marinhense (6)
Leões (5)-Spt. Covilhã (13)
Desp. Chaves (4)-Boavista (11)

Entre parêntesis indica-se a pontuação dos clubes.

O desafio a realizar em Matosinhos, ainda que a diferença de seis pontos que separa as duas equipas não deixe de ter significado, presente-se equilibrado. Na ultima exibição no seu campo, o Leixões deixou satisfeitos os seus adeptos e, por certo, quererá repetir amanhã a sua boa actuação. Um empate é hipótese de considerar.

O Vianense recebe o Vila Real. A perspectiva é a de uma partida bem disputada, ainda que possa acreditar-se mais nas possibilidades do Vianense — em casa sempre mais difícil de subjubar.

Ao Vitória de Guimarães bastará, certamente, um pouco de cuidado para evitar uma surpresa. Jogando no seu campo, os Vimaranenses não podem deixar de ser os favoritos, dada a carreira que o adversário tem feito.

O Tirsense-Sanjoanense adivinha-se um desafio ardorosamente disputado. As possibilidades das duas equipas nivelam-se. O factor «casa» poderá, no entanto, ajudar a esclarecer as duvidas que se levantam. Inclinamo-nos por uma vitória, embora pouco expressiva, dos Tirsenses.

O Peniche recebe o Marinhense. Recordando que os Penichenses, no seu campo, fizeram tropeçar o Boavista, é, também, de admitir que o Marinhense possa sofrer um percalço. A não ser que o aviso dos «axadrezados» tenha servido ao Marinhense. Cremos que o Peniche não perderá.

Os Leões de Santarém recebem a visita do Sporting da Covilhã. Bom desafio em perspectiva, sem duvida. Os Escalabitanos têm denunciado uma melhoria que pode ser um estorvo apreciável para os Covilhanenses. Julgamos, no entanto, que os «leões da serra» levarão a melhor... se não confiarem demasiadamente e não consentirem que o adversário se lhes adiante.

O Desportivo de Chaves joga no seu campo, contra o Boavista. Não deve, pôr-se de lado a ideia de que os Trasmontanos vençam. Os Portuenses não se têm exibido de modo que inspire confiança e os Flavienses, no seu campo, redobram de valor.

O programa da Zona Sul inclui os seguintes desafios:

Almada (3)-Montijo (8)
Arroios (8)-Juventude (7)
Estoril (3)-U. Montemor (5)
Olhanense (9)-Desp. de Beja (8)
Serpa (6)-Coruchense (8)
Portimonense (10)-Atlético (9)
Portalegrense (2)-Farense (12)

No conjunto, o programa é dos mais interessantes. Uma referência pode servir a todos estes desafios, com excepção do ultimo. E essa referência é a de que os vaticínios são difíceis. O acasalamento dos grupos está feito de modo que deixa supor lutas bastante niveladas.

Relativamente ao jogo de Almada, é de pensar que a maior cotação do Montijo possa ser prejudicada pelo facto da equipa ser visitante. Os Almadenses, em casa, têm obtido resultados que chegam a surpreender. Daí a duvida quanto ao desfecho do jogo de amanhã.

O Arroios recebe o Juventude. A equipa eborense sabe que os Lisboetas não são invencíveis no seu campo e isso pode levá-la a uma aplicacação esforçada. Porque não, um empate?

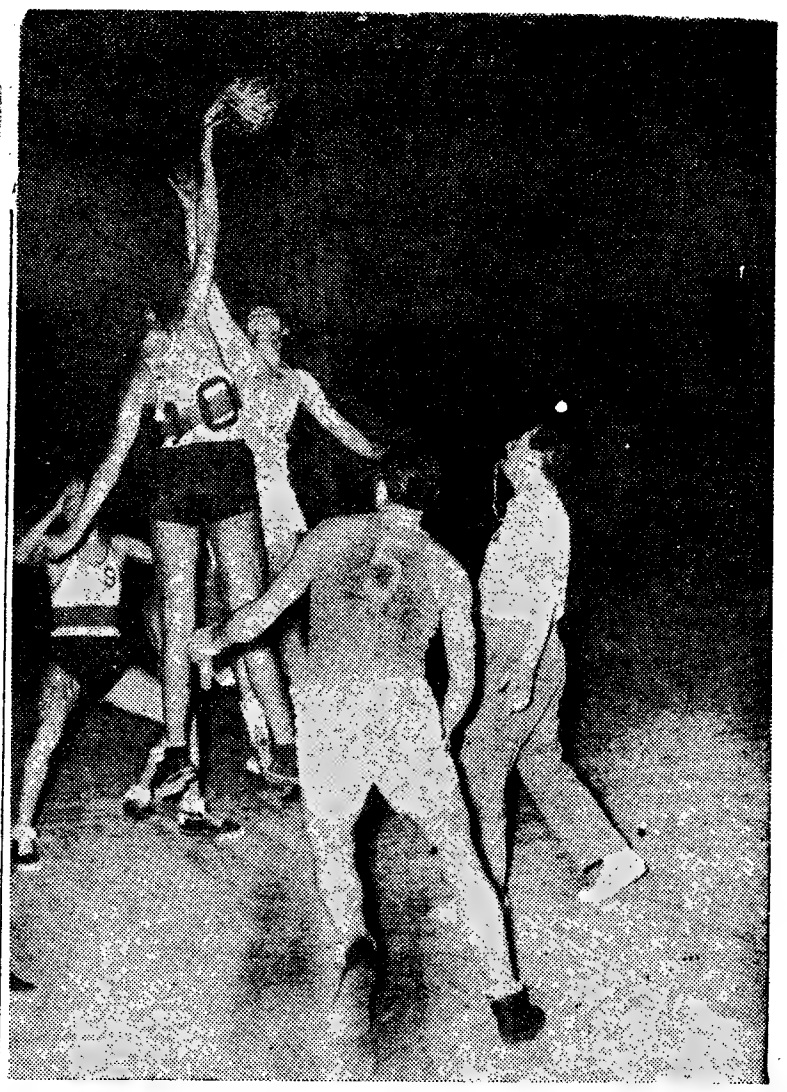
O Estoril joga na Amoreira contra o União de Montemor. Entre duas equipas com uma carreira modesta na prova, o despique não deverá atingir craveira elevada sob o ponto de vista técnico. Mas, o perigo da «zona perigosa», existente para os dois grupos, há-de provocar uma luta cheia de ardor. Não arriscamos um vaticínio.

O Olhanense-Desportivo de Beja não deixará de fornecer uma luta cheia de interesse. Os Algarvios já foram batidos no seu campo, nesta prova e o facto poderá influir no trabalho das duas equipas. Os Olhanenses empenhados em evitar segundo desaire; os Bejenses apostados em igualar o Coruchense (a equipa que ganhou em Olhão). Julgamos, no entanto, mais provável a vitória do Olhanense.

Em Serpa aguarda-se um desafio muito renhido. Os locais estão a fazer uma prova deveras interessante, atendendo a que vieram da 3.ª Divisão. E o Coruchense tem acusado melhoria. Vamos pôr um empate.

O Portimonense-Atlético é o «jogo do dia». O resultado é de grande importancia para as aspirações das duas equipas e outra coisa não pode esperar-se que não seja uma luta renhida de principio a fim. Julgamos a vitória ao alcance de qualquer dos contendores.

Finalmente, o Portalegrense-Farense. E' o desafio aparentemente mais desnivelado desta ronda. O ultimo contra o primeiro. Acreditamos que os Algarvios vençam a dificuldade da deslocação, pois o contrário acarretar-lhes-ia preocupações pela aproximação dos mais directos competidores.



BELENENSES-CAMPO DE OURIQUE — Aires Henriques, do Campo de Ourique, o melhor marcador da jornada (32 pontos), disputa uma «bola ao ar» com o belenense Neves, sob as vistas de Franco (5) e de Carlos Santos (9)

CAMPEONATO REGIONAL DE BASQUETEBOL

2 surpresas na 2.ª jornada

— as derrotas do Belenenses e do Atlético

Sporting,	**54-Nacional,**	**32**
Belenen.,	**70-C.A.C.O.,**	**79**
Técnico,	**58-Benfica,**	**57**
Atlético,	**39-Tabacos,**	**47**

Com a conclusão do programa já de madrugada, prosseguiu, ontem, no Pavilhão dos Desportos, o Campeonato Regional de Basquetebol da Divisão de Honra. Nesta jornada registaram-se já surpresas, como sejam as derrotas do Belenenses, frente ao conjunto do Campo de Ourique e do Atlético, perante o aguerrido grupo dos Tabacos.

O resultado da partida entre o Técnico e o Benfica, resolvido nos derradeiros momentos, a favor da primeira equipa, pode dizer-se que não constituiu surpresa. O Sporting vencendo o Nacional não fez mais do que confirmar os vaticínios da maioria dos adeptos.

Assim, ao cabo da segunda ronda temos apenas duas equipas invencíveis — o Sporting e o Tabacos. Isto é, o campeão da época transacta e o novo divisionário.

De uma maneira geral, a ronda não foi valiosa no aspecto técnico. As equipas actuaram — todas sem excepção — abaixo do nível que lhes é peculiar, tornando, assim, por vezes, monótona a jornada.

Os campeões não jogaram bem, principalmente durante o primeiro tempo. Registaram-se muitas falhas, que influiram no rendimento da equipa, que, de resto, como o «score» final indica (54-32), foi verdadeiramente pobre. O Nacional, por sua vez, também não esteve feliz, complicando jogadas que na boa verdade tinham antecipadamente o cunho da singeleza.

Os «azuis» confiaram em demasia nas suas possibilidades ao ponto de quando sentiram a derrota já nada poderem fazer para a afastar. A desclassificação de dois dos seus jogadores ainda mais veio agravar a questão. Os adversários — Sampo de Ourique — com uma equipa jovem, entusiástica, mas sabedora e perigosa aproveitaram alguns erros de táctica dos «azuis» para conseguir uma excelente vitória. Aires Henriques e Carlos Santos, quando á-vontade, são duas pontas de lança, «afiadas» e «cortantes», apontadas para o cesto. Assim, foi fácil áqueles dois jogadores fazerem 52 pontos dos 79 que a sua equipa conseguiu. Por outro lado, os campo-ouriquenses jogaram quase todo o encontro com o quinteto inicial — Aires Henriques, Arnaldo Silva, Carlos Portela, Carlos Santos e Osório. Só a desclassificação de um homem fez com que o técnico responsável pelo campeonato fizesse alinhar Coelho.

A partida que o Técnico e o Benfica disputaram foi, na verdade, singular, com duas fases diferentes. No primeiro tempo, tudo de bom que se fez pertenceu, sem duvida, ao Técnico. Os «encarnados» limitaram-se a estar presentes, mais por obrigação do que por devoção, presença que, na verdade, foi muito pouco profunda. Registe-se quatro ou cinco jogadas do Técnico que foram um modelo de precisão e que terminaram com encestamentos de Baptista — um homem a indicar bons progressos e, quiçá, um lugar na selecção nacional.

No segundo tempo, o Benfica, com a sua tradicional força de vontade — nada mais — forçou o adversário a perder o comando da partida e a arrebatar-lhe toda a vantagem da pontuação (máximo 13 pontos). Pode dizer-se que este período de recuperação benfiquista foi interessante, colocando em perigo a vitória do Técnico, que, afinal, veio, de novo, a sorrir ao grupo dos «engenheiros» nas derradeiras jogadas, e após a desclassificação de Bernardo Leite e de uma falta cometida por Pires, se-

(Continua na página seguinte)

Várias provas de amanhã

ATLETISMO

O «Primeiro Passo» de atletismo, um certame que corresponde a uma feliz iniciativa do Sporting Clube de Portugal, principia amanhã, ás 9 horas, nas pistas do Estádio Alvalade, com a participação de Portugal, Futebol Clube Bairro Académica da Amadora, União Desportiva Vilafranquense, Estrela de Vendas Novas, Clube Académico de oPrtugal, Futebol Clube Bairro Dias, de Setubal, Associação Desportiva do Fundão, Clube Intendente de Futebol, por onde correm os atletas do Mouraria, Sporting Clube Chamusquense, Clube Futebol Bucelense, Desportivo de Pontevel e Sport Lisboa e Fanhões.

A Associação Académica de Almada e o Clube dos Atómicos, por não estarem legalizados, incorporaram a sua representação no Sporting Chamusquense. O Clube Desportivo Flamengo, Juventude Católica de Santa Catarina e Atlético Clube Ponte Nova estão igualmente inscritos, mas a sua participação no torneio está dependente da legalização dos clubes.

(Continua na página seguinte)

Aqui, o que se regista não é bem o espectáculo que surpreendeu os Londrinos, ao ver passar dois modelos, um dentro da linha de «saco», outro de linha de «balão». Não, aqui o que se regista, precisamente, não é o espectáculo em si mas a atitude dos espectadores. Os fleumáticos Londrinos, habituados a todo o género de exibições publicas, passaram, pararam e sorriram. Na verdade, a surpresa e o sorriso dos transeuntes valem bem o espectáculo que os provocou...

Alvitra-se a criação

de um centro de estudos com o nome de Viana da Mota

O I Concurso Internacional de piano, feito sob o signo de Viana da Mota, foi um acontecimento de grande relevo na vida cultáral portuguesa. Para além do seu significado musical, merece, por isso, alguns comentários.

Em primeiro lugar, pelo preito de honra ao maior musico português de todos os tempos, projectado de novo no plano internacional, onde o seu talento, em sua época, se havia brilhantemente revelado.

Reunido em Lisboa um tal feixe de celebridades mundiais e de jovens de talento, veio assim estimular certa modorra no cultivo activo da musica pelas novas gerações — ao contrário de outros países — entregues á mera passividade de escuta do disco e da rádio.

Em segundo lugar, como sinal de gratidão e venera de um novo — Sequeira Costa, lançado já no seu próprio caminho, sem olvidar o mestre autêntico —, pela personalidade verdadeiramente excepcional que levantou o nível musical português a par dos grandes focos da cultura mundial.

Festejemos também a oportunidade de um melhor convívio inter-humano neste extremo atlantico da Europa. Em sadia emoção competitiva, liberando sem peias a diversidade de critérios e opiniões, podem assim, reunir-se uns tantos — os que cultivam as artes e as ciências — em dhana convivência internacional. Porventura, seja esta uma esperança de encontrar o caminho da melhor compreensão entre os homens — para além das diferenças de cor, de passaportes, de hábitos e de convicções.

Os mais radicais contrastes ideológicos e sociais esfumam-se perante o belo, perante o génio universal dos grandes artistas e sábios.

De Lisboa levam os jovens pianistas para os seus países a recordação de um grande entusiasmo e o facho de um foco de cultura portuguesa que nos cabe não deixar extinguir.

Assim como Egas Monis no ambito da Medicina, Viana da Mota consubstancia, no campo da musica, a presença de Portugal na cultura do Mundo.

Também Viana da Mota deixou devotados discípulos. Está aí a sua obra pedagógica — a aliança do saber e da técnica pianística ao estudo das humanidades.

Entre a beleza das formas sonoras e o espírito que as animava, situava-se a sua personalidade — um exemplo de seriedade e método no estudo e no trabalho.

Falta-nos Viana da Mota como pessoa; poucos documentos gravados ficaram lamentávelmente das suas execuções, pois os raros discos que existem são déficientes e não reproduzem a grandeza das suas clássicas interpretações. O advento da II Guerra Mundial impediu a gravação definitiva das suas obras e execuções.

Por isso, conservemos ao menos o seu espírito — em investigações sobre a sua obra, no incentivo aos estudos musicais, na ajuda aos novos talentos.

A exemplo do que se tem feito já, muito louvávelmente, no plano das ciências médicas — pensamos que a melhor forma de manter e desenvolver o facho cultural erguido por Viana da Mota seria a criação de um Centro de Estudos com o seu nome. Cabe a propósito lembrar que o Prémio Beethoven, instituído pelo próprio Viana da Mota, há muitos anos que não é atribuído. Por outro lado, a musicoteca e a biblioteca que pertenceram ao glorioso artista contêm vastíssimo material de pesquisas, tanto musicais como de cultura geral — que esperam a atenção dos estudiosos. Torna-se necessário auxiliar e fomentar o trabalho dos mais aptos na matéria, constituindo um nucleo de *estudos musicais* que possa contribuir para o seu progresso, como técnicas formais, como aperfeiçoamento da personalidade e como cultura do espírito.

C. L.

Lãs a peso

para tricotar á máquina e á mão
Grande sortido. Preços de fábrica
CASA GRILO
Rua da Conceição 71-73

(Continuação da 1.ª página)

BENFICA A ÉVORA

Amanhã, 27 de Outubro
PREÇO ESC. 55$00

PARTIDA A'S 7 HORAS
REGRESSO A'S 18 HORAS

EMPRESA ISIDORO DUARTE
Rua da Palma, 256 (Garagem Navarro)
Telef. 861034 — Cabinas 2 e 3
LISBOA

Ajudauto, L.da

Secção de desempanagem de automóveis

R. Damião de Goes, 18-B a 18-E
a Algés — T. 610051

Todos os dias até às 0 horas incluindo domingos

Várias provas de amanhã

(Continuação da página anterior)

As provas, a que concorrem atletas dos 16 aos 25 anos, constarão de corridas de 80, 250, 700 e 2.000 metros, saltos em altura e comprimento e lançamento do peso.

Serão efectuadas 29 eliminatórias de 80 metros, 19 eliminatórias de 250 metros, 10 eliminatórias de 700 e 6 eliminatórias de 2.000 metros.

Para efeito da entrada dos atletas o Estádio (porta 10-A) abrirá ás 8 horas.

A entrada do publico, que será franca, far-se-á pelo sector da bancada central.

BASQUETEBOL

Prossegue amanhã o campeonato regional de basquetebol da 3.ª Divisão, disputando-se os encontros correspondentes á 2.ª jornada da prova, que são os seguintes:

Série A—Internacional c. Arroios, nas Telheiras, ás 10 h.; Campolide c. Combatentes, no Passadiço, ás 9 e ás 10 h., respectivamente, em 2.as e 1.as categorias.

Série B — E. Física-Lisgás, em Torres Vedras, ás 11 h.; Cruz Quebradense-Santa Catarina, na Cruz Quebrada, ás 10 h.

FUTEBOL (A. F. L.)

A actividade dos filiados da A. F. L. é amanhã idêntica á de domingo passado, pois têm continuidade as três provas em curso. Assim teremos:

Campeonato da 1.ª Divisão—Sintrense-Sacavenense, em Sintra; Futebol Benfica-Operário, no campo «F. Lázaro»; Vilafranquense-S. L. Olivais, em Vila Franca de Xira; Alverca-Palmense, em Alverca — todos ás 15 h.; Casa Pia-Alhandra, no campo «Pina Manique», ás 15 e 30 horas.

Os mesmos clubes defrontam-se em reservas, duas horas antes.

Camp. de juniores, 1.ª Divisão — Série A — Atlético-Sacavenense, na Tapadinha; Belenenses-Torriense, nas Salésias; Vialonga-Povoense, em Vialonga — todos ás 10 e 30 h.; S. L. Olivais-Alhandra, nos Olivais, ás 9 e 45 horas.

Série B — Palmense-Oriental e Cascalheira-Benfica, em Palma, respectivamente, ás 9 e 15 e 11 horas; Arroios-Sporting, na Picheleira, ás 10 e 30 h.; Casa Pia-Estoril, em «Pina Manique», ás 11 horas.

«Torneio de Preparação»—Queluz-Belas, em Queluz; Cacém-Agualva, no Cacém — ambos ás 15 e 30 horas.

GOLFE

A temporada de golfe no Estoril prossegue amanhã com o terceiro torneio do calendário do Clube de Golfe do Estoril.

Disputar-se-á, pois, a taça «Dunlop», em pares-mistos, bandeiras, com abono. Por certo as magníficas instalações do C. G. E. registarão mais uma vez grande movimento e animação, pois a temporada de 1957-58, inaugurada sob os melhores auspícios está a decorrer com invulgar entusiasmo.

HANDEBOL

Principia amanhã mais um campeonato lisboeta de handebol de onze. A jornada inaugural comporta os seguintes desafios:

Sporting-Almada, no Estádio «José Alvalade», ás 9 e 30 (reservas) e 10 e 45 (honra); Hóquei-Glória, no Estádio Nacional, ás 10 horas; Oriental-Benfica, em Marvila, ás 10 horas (reservas) e ás 11 e 15, (honra); Belenenses-Liberdade, nas Salésias, ás 10 horas.

HIPISMO

As corridas de cavalos da «Reunião de Outono», prosseguem amanhã, no hipódromo do Joquei Clube com a 3.ª jornada.

O certame tem vindo a desenrolar-se com crescente interesse, esperando-se que a jornada de amanhã constitua mais uma animada tarde de hipismo. O programa comporta seis corridas—quatro de galope e duas de trote-atrelado e começa a ser cumprido ás 15 horas.

Funcionará a aposta-mutua—sempre um grande atractivo—estando assegurado o transporte de publico entre o portão do hipódromo e as tribunas.

RAQUEBI

Prossegue amanhã o Torneio de Abertura, dotado com a taça «António Valente».

Disputam-se, apenas, dois encontros: Belenenses A-Sporting A; e Belenenses B-Sporting B—ambos nas Salésias, respectivamente, ás 14 e ás 15 e 30 horas.

TÉNIS

Os campeonatos de ténis de Oeiras estão na fase final. O certame tem amanhã a sua quinta jornada com os encontros seguintes: a partir das 10 horas, no campo n.º 1, Maria Teresa Cunha-Pedro Vasconcelos contra Ruth Heller-Faustino David; Maria Helena Santos-Alvaro Santos contra Maria Teresa Capucho-António Capucho; campo n.º 2, Bia Santos-Luís Santos contra Isabel Costa-J. Fonseca; Pepa Santos-Rui Pereira contra Chantal Stucky-José da Silva.

De tarde, jogar-se-á, ás 15 horas, o encontro «final» de «singulares» para senhoras, entre Maria Teresa da Cunha e Pepa ou Bia Santos, conforme o resultado que estas duas ultimas tenham feito na tarde de hoje. Por fim, jogar-se-ão as «meias-finais» da prova de «pares-mistos», logo em seguida, entre os vencedores dos encontros marcados para de manhã.

TIRO

Na carreira de tiro da serra da Carregueira, disputam-se amanhã as ultimas provas do 14.º Concurso de Tiro de Lisboa, havendo duas sessões—das 9 ás 12 e das 14 ás 17 horas.

VELA

Em frente de Belém prosseguem amanhã as provas do «Torneio de Outono», em «Snipes» e «Moths».

Basquetebol

(Continuação da página anterior)

mi-convertida a segundos do «tiro» final.

A vitória do Técnico está certa pelo que jogou, mas esteve prestes a escapar-se por não ter sido mantido o mesmo ritmo de jogo da primeira parte. Que lhe sirva de lição o sofrimento de ver escapar um triunfo que lhe era já pertença ao intervalo (30-18).

O Tabacos, novo divisionário, pleno de energia, alegria e confusão... ganhou a um Atlético incerto com zangas entre os seus jogadores e, sobretudo, com falta de mão para dar conclusão condigna á infinidade de lances que realizaram.

A partida, que tinha o signo de ser a de maior interesse, pois reunia dois vencedores da primeira ronda, foi pródiga em choques, subtilezas e malabarismos, a atentar contra os processos modernos do basquetebol.

O embate, foi, portanto, de pouca clareza e não serviu para nos indicar com precisão o valor da equipa do Tabacos que, apesar de ganhar, mais por culpa do adversário (que perdeu lances livres em série) não jogou o suficiente para merecer nota positiva.

O Atlético, á medida que a partida decorria, impressionou-se com a subida do marcador e quando no final esteve próximo de alcançar a igualdade (faltavam-lhe cinco cestos) um desentendimento quebrou-lhe todas as ilusões. Logo no princípio da partida, o Tabacos sentiu bem o perigo de os deixar movimentar livremente na área fatal. Cobrindo bem este ponto ofensivo do Atlético, o vencedor «respirou» um pouco melhor e manteve-se, portanto, no decorrer da partida na situação de comandante.

As equipas que actuaram nesta ronda alinharam e marcaram do seguinte modo:

SPORTING—Vaz, 12; Garranha, 16; Coutinho, 0; Feu, 8; Barreto, 8; Abílio Ascenso, 7; Emilio Patrício, 3.

Os «leões» converteram 21 cestos, 12 lances livres e falharam 9.

NACIONAL — Esteves, 4; Peres, 0; Morais, 13; Jesus, 2; Hugo, 9; Jorge Ferreira, 2; Mesquita, 2.

A totalidade da marcação foi dividida da seguinte maneira: 13 cestos, 6 lances livres e 19 falhados.

Árbitros — Aurélio Cruz e António Capela.

BELENENSES—João Almeida, 0; Carlos Brito, 10 (desclassificado); Neves, 13; Carvalho, 4; Pinto, 9 (desclassificado); Delgado, 5; Fernando Fernandes, 0; Franco, 29; Pinheiro, 0

Os «azuis» converteram 28 cestos, 14 lances livres e falharam 27.

CAMPO DE OURIQUE — Aires Henriques, 32; Arnaldo Silva, 5; Carlos Portela, 10; Carlos Santos, 20; Osório, 11 e Coelho, 1.

Os compo-ouriquenses obtiveram 27 cestos, 25 lances livres e falharam 15.

Árbitros—Américo Martins e Orlando Rebelo.

TÉCNICO — A. Rocha, 18; Vicente 0 (desclassificado); Baptista, 12; Cardoso, 15; Mourão, 7; Pimentel, 6.

Converteram 21 cestos, 16 lances livres e falharam 16 dos 29 que beneficiaram.

BENFICA — Bernardo Leite, 21 (desclassificado); Galhoz, 5; Campos, 9; Pires, 12; Peixoto, 6; Boavida, 4.

Os benfiquistas obtiveram 20 cestos e marcaram 17 lances livres, dos 29 que beneficiaram.

Árbitros—André Costa e João Policarpo.

ATLÉTICO — Martins, 6; Sampaio, 6; Morga, 0; Avelino, 8; Fernando Ferreira, 8; Manuel Costa, 7 e Orlando, 4.

TABACOS—Carvalho, 13; Olívio, 4 (desclassificado); José Alberto, 11; Pereira, 15; Duarte, 4; Miguel Antunes, 0 e Amaral, 0.

A classificação actual é a seguinte:

1.º Sporting ...	129- 85	6	pontos
2.º Tabacos	100- 91	6	»
3.º Belenenses ..	122-115	4	»
4.º Atlético	103- 98	4	»
5.º Técnico	110-110	4	»
6.º C. Ourique...	130-134	4	»
7.º Benfica	110-133	2	»
8.º Nacional	68-106	2	»

JOSÉ BATALHA

PUGILISMO

Torneio de Outono

Por não se terem efectuado até á data os torneios oficiais, resolveram o Grupo Desportivo da Mouraria e o Lisboa Clube Rio de Janeiro organizar um torneio de pugilismo amador que se denominará «Torneio de Outono», o qual se efectuará no dia 6 de Novembro.

O torneio destina-se a todos os pugilistas amadores inscritos na Associação de Lisboa, encontrando-se aberta a inscrição na sede dos clubes organizadores.

Realiza-se também no próximo dia 2 de Novembro, na sede do Grupo Desportivo da Mouraria uma festa de homenagem ao pugilista amador Joaquim de Almeida.

Desporto Universitário

Reunião do Conselho Desportivo de Lisboa

Realiza-se hoje, ás 21 e 30, na sede da Inspecção Nacional do Desporto Universitário, a 2.ª Reunião do Conselho Desportivo de Lisboa.

Presidido pelo dr. Armando Rocha, inspector nacional do Desporto Universitário, o Conselho ocupar-se-á dos seguintes assuntos:

1.º — Rectificação da eleição dos elementos para a Comissão Organizadora dos Campeonatos Regionais Universitários, que será presidida pelo eng. Abreu Rocha; 2.º — Eleição dos membros efectivos e suplentes da Comissão Nacional; 3.º — Apreciação dos regulamentos em vigor no Estádio Universitário 4.º; — Apreciação da actividade desenvolvida no ano lectivo findo nos campos: a — Regional (C. O. C. R. U. L.); b — Nacional; c — Internacional; 5 — Apreciação do projecto de regulamentação elaborado pela Comissão de Lisboa para o efeito, oportunamente eleita.

A sessão inaugural

do Instituto Nacional de Educação Física

Realizou-se, esta tarde, no Instituto Nacional de Educação Física a sessão inaugural do novo ano lectivo, abrindo as aulas na próxima segunda-feira. O sr. dr. Mário Gonçalves Viana, director do Instituto, abordará o tema «A Comunidade Escolar — O Binómio Professor-Aluno», realizando-se a seguir a distribuição de prémios aos alunos mais classificados.

Além dos prémios normais, serão distribuidos quatro, oferecidos pela Escola de Educação Física do Exército, do Brasil, e outro pelo coronel do Exército brasileiro, sr. José Jordão Ramos, os quais foram entregues pela embaixada do Brasil, e dois oferecidos pelo director do Instituto.

Esta semana, diz o médico...

Vítima do diálogo, o homem sofre

pelo DR. AUGUSTO D'ESAGUY

QUEM afirma: — «É o meu caminho», mente. Não. Não é. O caminho é único: o da verdade e o da vida. São desvios que se torna necessário corrigir, desvios perigosos, nefastos, sementes de desordem, motivos de separação entre os homens. Os indivíduos podem tentar ou marchar conscientemente para ele, procurá-lo, tentando orientar-se na nebulosa. A promessa é igual para todos, para os que já se situaram ou para os transviados, vítimas de sonhos irrealizáveis, sem vontade própria. Vencer a luz é muito mais difícil do que conquistar o espaço, sair dele para outro, e dessoutro para fora da Terra.

O homem quebrou as amarras e, contudo, ficou prisioneiro da luz, rainha do Mundo, junto da qual as almas se encontram vazias ou plenas.

O grande drama ninguém ainda o conseguiu aflorar. Existe. Está dentro de nós. Vislumbra-se num sorriso, num gesto fortuito, numa expressão sem máscara, no olhar vago, distante de quem procura o supremo objectivo e sente que o não anteviu.

Esta luta atinge, por vezes, proporções gigantescas, arrastando o homem a cometer actos irremediáveis quando descobre o vácuo dentro de si. Ninguém se pode bastar a si próprio. Ninguém. O saber exacto é insuficiente. Tudo fica aquém: a própria verdade existencial, humana e precisa, é limitada. Não empresta a paz de que o homem necessita para viver e, mais tarde, para se preparar. Este é o grande drama, que aflige e tortura milhões de seres.

A solidão é o inesperado encontro com a própria pessoa, o diálogo sem fim.

Todos o temem e fogem dele. São poucos os espíritos que resistem á prova da solidão. O teste é decisivo. Todos a temem. A solidão mascara milhares e milhares de vozes, todas as vozes, a dos vivos e a dos mortos. Misturam-se umas ás outras. Este entrelaçamento de vozes, ainda que aparentemente paradoxal, constitui o fundo de toda a solidão que aflige a Humanidade, a malha que aperta ou fecha, conforme a consciência de cada um.

Então, o homem solicitado por forças ocultas vacila, tomba, torna-se tolerante ou intolerante, adquire o desejo de comunicar ou isola-se vencido, náufrago da solidão. Os instintos, mais ou menos sufocados, dissimulados, readquirem impulso, comandam.

Só a verdade absoluta e universal consegue vencer, no homem, o irracional, transformar a animalidade, modificar a tendência para a corrupção da carne e do espírito.

A luta subconsciente ou consciente deixa sulcos cavados, cicatrizes fundas. Nem todos resistem ao embate, ao choque em profundidade. Nem todos. Daí o número de vítimas aumentar com os dias, chegando a atingir elevadas percentagens em alguns países. As nevroses e as psicoses, devidas a um equilíbrio instável, somam-se, assim, aos temperamentos esquizofrénicos e ás esquizofrenias que, todos os dias, roubam ou aniquilam valores úteis, elementos necessários á mecânica do grupo ou da sociedade constituída.

As verdades parciais, tão acessíveis ao comum, são igualmente prejudiciais. Isentas de universalidade, de conteúdo essencial, não desobrigam o homem totalmente e, quantas vezes, lhe indicam o falso caminho, a direcção errada da felicidade, o lodo ou o sofrimento.

Atitudes pactuadas por essa verdades parciais levam muito longe. Causam vítimas inocentes! Verdades mutiladas não se devem impor pela força. Esta interrompe o diálogo entre o homem e a sua consciencia. O diálogo é eterno, transmite-se de geração em geração. Não importa quem o conduz. O significado está no próprio diálogo, continuidade imaterial da luz.

Este é o maior problema, que se sobrepõe á própria existência, projectando-se para lá da vida.

Aqui, o homem, pouco mais é do que um instrumento, intolerante e exclusivo, em luta com a verdade, mordido pela ambição ou pelo tédio, resvalando sempre, esbracejando com o sofrimento e a dor.

Esta luta, reacendida em cada geração, mantém de pé as religiões. É o conteúdo moral e monoteísta que evita que o Mundo caminhe á deriva, sem trajectória. Os filósofos, sófregos de saber, procuram desvendar novos horizontes e, enquanto a verdade se mantém una, sucedem-se as escolas filosóficas, cada uma delas entregue ao próprio destino, amarradas a marcos humanos. No Ocidente esta luta torna-se mais aguda e, combatendo-a ou não, a verdade tem-se mantido ligada á ética e á moral monoteísta.

Pouco importa a doutrina ou o próprio doutrinador, pois a realidade é que nenhum dos sistemas tentou negar o decálogo, cimento de todas as combinações.

O escriba pouco mais é do que o instrumento, e os que se revoltam são mordidos por um mal pior: a angústia vital, o viver preso e amarrado a sombras que nos acusam a cada momento.

Ninguém se consegue libertar da rigidez das formas, nem o homem de ciência, nem o artista, nem o poeta... Só se ausentam os que se afastam da realidade, ou os que, deformando-a, vivem fora dela.

Caímos de novo na irrealidade, no mundo da nevrose ou, pior ainda, das psicopatias graves e mutiladoras, originadas pelo choque das contradições. O embate é forte demais para o homem, diminuido pela luta do dia-a-dia, pelas inibições que se vão somando, aliadas ao que já vem de longe e pesa vida fora.

Vítima marcada pelo destino, escravo do que está escondido e do que se vê, não admira que a vida o mutile ou inutilize. Admira, sim, que alguns escapem incólumes, que tenham coragem de continuar a luta.

A ciência tem procurado desvendar o grande mistério, assenhorear-se das características essenciais, dominar o ser humano. Não o tem conseguido ou agrilhoado totalmente.

Ele é mais alguma coisa do que aquilo que se vê, do que o invólucro, a forma estranha e aparente.

O homem individual e colectivo continua a ser mistério indecifrável.

Era já uma unidade perfeita e total antes do incremento da investigação científica. Continua igual a si mesmo, igual perante as verdades eternas.

Ele próprio é a sua verdade a caminho da liberdade ascensional. Só ela torna o indivíduo consciente da sua condição em relação aos outros e ao meio.

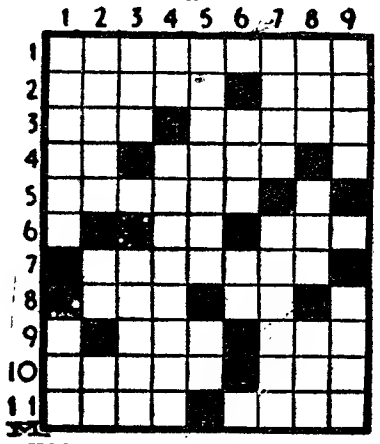
Só a vida nos esconde o homem total, inteiro, sem horizonte limitado. O conhecimento está nele próprio e não o domina.

Não se trata de uma definição... Quando se regista a verdade não é necessário definir... As palavras arrumam-se aos gritos.

...Antes de terminar fixo o céu: parece tecido com musica. Faz bem conversar sem discutir...

Palavras cruzadas

Problema n.º 1047



HORIZONTAIS: 1 — Defensores dedicados. 2—Agrupa. Margem. 3—Época. Arrancar. 4—Pronome reflexo. Cidade e promontório da Acarnania, onde se travou a grande batalha entre Augusto César e Marco António. 5—Líquides. 6—Frequentar. Colorido. 7—Lentamente. 8—Acrescentei. Artigo antigo. 9—Eia! O qual. 10—Possuo. Alguns. 11—Dificuldade. Vocação.

VERTICAIS: 1—Urgência. Amarro. 2—Distraida. Entrega. Pertences. 3—Planeta. Paraisos terreais. 4—Prefixo de privação. Bruxo. 5—Baixara. Preposição e artigo. 6—Suspiros. Símbolo químico do germanio. 7—Pedaço. Pise. 8—Vaso romano para mistura de vinhos. Maior. Aliei. 9—Cura. Prejudica.

Resolveu completamente este problema?

Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

Solução do problema n.º 1046

HORIZONTAIS: 1—QUEM. TUDO. 2—Uni. Menor. 3—Isso. In. 4—Apira. 5—Embutido. 6—Ri. Tino. 7—Rasto. 8—TEME. Ir. 9—TUDO. Cara. 10—Aio. Criar. 11—Só. Essa.

VERTICAIS: 1—Quimera. Tal. 2—Uns. Mi. Tui. 3—Eis. Ledos. 4—Ut. Mo. 5—Atire. 6—Terpina. CRÊ. 7—Nu. Idos. Ais. 8—Doiro. Tiras. 9—Orna. Gorara.

(Provérbio: QUEM TUDO TEME TUDO CRÊ).

O cavalo está com gripe?...

A fotografia imprevista: o cavalo na cama! É um cavalo dinamarquês, que tem sido treinado no hábito de se deitar a dormir na cama. Como é de entender, pertence a um circo e ganhou celebridade. «Mustafá» (é o nome do cavalo) passou á categoria de vedeta e, como tal, reclama-se a sua presença nos Estados Unidos, para onde vai seguir para ser apresentado... num programa de televisão

LEITURA DE SABADO LEITURA DE SABADO LEITURA DE SABADO

ANTOLOGIA DO CONTO POLICIAL

LEITURA DE SABADO LEITURA DE SABADO LEITURA DE SABADO

Não há lugar para o crime

Texto integral do conto de

BOB WICKS

LAWRENCE Parsley podia ser o protagonista de uma grande história. E' um tipo fora de série, este que de novo foi parar á prisão do Estado de Missuri. E a culpa nem sequer pertencia á ciência: rádio, microscópios, impressões digitais, raios ultra-violeta, substancias químicas e um sem numero de invenções. Tudo isto — ele sabia-o — podia fornecer a um ladrão uma boa oportunidade. E, além disso, havia os detectores de mentiras, soros da verdade, espectroscópios, telefones que não precisavam, sequer, de fios telefónicos.

—Um homem que partisse deste mundo de invenções ou tinha de triunfar ou seria um grande idiota! — dissera Larry.

E ele ainda não sabia nessa data em qual das duas classes devia situar-se...

Consequentemente, quando o puseram em liberdade, o jovem nativo de Missuri respirou fundo o ar do lado de fora da prisão e olhou o firmamento que já não era interrompido pelos muros da cerca e dos pátios. Nesse momento, resolveu ou, antes, quase resolveu trilhar o caminho da honestidade.

Mas não! Não queria acreditar que a Polícia tivesse na mão todos os trunfos, contra os delinquentes. Devia haver um diabrete em qualquer parte e tudo quanto era preciso era encontrá-lo, introduzi-lo no jogo e ganhar.

E o diabrete apareceu num momento de inspiração, em que o cérebro subitamente se lhe iluminou. A unica maneira de evitar a repressão científica ao crime era operar em local onde a mesma não existisse. No interior do Estado, os agentes da lei e da justiça sabiam tanto das técnicas e malefícios de laboratório, como ele das teorias da relatividade de Einstein.

Portanto, tudo se lhe apresentava simples, sem automóveis nem rádio-patrulhas que o interceptassem, após a execução do «trabalhinho».

Larry estava certo de que encontrara o caminho de ganhar a vida á sua maneira. Mas, mesmo assim, ele que tivera bastante tempo de cismar durante o tempo em que permanecera preso, não pretendia correr riscos desnecessários nem agir impensadamente. Tudo tinha de ser pensado até ao mínimo pormenor, ainda mesmo que fosse cometer um assalto no meio de um deserto...

Os «lucros» no interior do Estado seriam por certo muito menores. Numa grande cidade, arriscava-se mais mas também ganhava muito mais. Em todo o caso, valia a pena optar pelo primeiro caso. Encarava a hipótese de que, se ia ganhar menos, teria de trabalhar mais. E como cada centro de «actividade» ficava muito distante do outro, teria de começar por arranjar um automóvel para se deslocar...

Este problema do transporte foi resolvido por Larry com relativa facilidade. Meteu-se no primeiro automóvel que encontrou estacionado numa esquina de St. Joseph (Estado de Missuri) tendo o cuidado de o abandonar numa berma da estrada, sem o menor vestígio de impressões digitais.

Finalmente, seguindo por estradas secundárias, chegou á rica região fazendeira, no interior do Estado. Na porta de uma das casas por cima da caixa do correio leu o nome da sr.ª Frances Walkup, sua proprietária. Era, de certo, a casa de uma mulher que vivia sózinha e tudo fazia crer que fosse viuva.

Era, por certo, um «trabalho» fácil e rendoso, pensara. E batendo á porta, logo que esta se entreabriu, forçou a sua entrada e intimou a sr.ª Walkup a entregar-lhe o dinheiro.

Era, de facto, uma mulher de 85 anos aquela que estava na sua frente...

Mas Larry não pôde esconder o seu desapontamento. Era bem pouco o dinheiro que a sr.ª Walkup punha nas suas mãos, afinal. Mas, não aprendera a dominar os seus desapontamentos?

Foi só mais tarde, quando estava a quilómetros do local do assalto, ao defrontar-se com os canos de uma duzia de espingardas e revólveres, empunhados por fazendeiros, que Larry ou Lawrence Parsley compreendeu que havia pelo menos um angulo na detecção científica do crime que não considerara nos seus cálculos.

—Como foi que vocês me descobriram tão depressa? — perguntou, acima de tudo, intrigado.

Afinal, fora tudo muito simples. A sr.ª Walkup, assim que o Larry saíra, correra ao velho telefone e ligara para todos os fazendeiros da região. Estes, por sua vez, conferenciaram telefónicamente, cada um deles assinalando a passagem de Larry na estrada em que procurava despistar uma não imaginada perseguição. E, enquanto uns ficavam em casa para dar e receber ordens telefónicas, outros partiam, em direcções concorrentes, até chegarem a interceptar-lhe o caminho.

Quer dizer, a estratégia instintiva e rotineira mostrara-se mais eficiente naquela região de tão fraca densidade populacional do que os carros de assalto da polícia, movendo-se na floresta do transito da cidade...

Desta forma, Larry regressou á prisão. Mas desta vez para meditar que, afinal, parece não haver lugar para o crime...

Textos
Augusto da Costa Dias, Mário Castrim e Manuel Salgueiros

Ilustrações
Tossan e António Domingues

Toda a correspondencia deve ser dirigida para a Rua Luz Soriano, 44 a 48 — LISBOA

Da **LIVRARIA CLÁSSICA EDITORA** — recomendamos hoje como indispensável para a vossa biblioteca — as obras de Ramalho Ortigão e Fialho de Almeida.

Vencedores

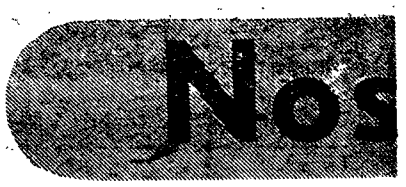
1. — **Amigo n.º 260 — Ana Maria da Cunha Prelada** (Queluz).
2. — **Amigo n.º 362 — José Augusto de Moura Pimenta** (Queluz).
3. — **Amigo n.º 368 — Vitorina Vidigal** (Lisboa).
4. — **Amigo n.º 342—Manuel Isaias Alves Cardoso** (Mesão Frio).
5. — **Amigo n.º 448 — Beatriz Olinda de Oliveira Godinho** (Tomar).
6. — **Amigo n.º 198 — Vania Bentes Ferreira** (Lisboa).
7. — **Amigo n.º 236 — Maria Adalberta** (Lisboa).
8. — **Amigo n.º 259 — Carlos José Vieira de Almeida** (Lisboa).
9. — **Amigo n.º 300 — Jorge Manuel Rodrigues Cardoso** (Lisboa).
10. — **Amigo n.º 381 — Jorge Manuel Baeta Neves** (Lisboa).

Prémios

1. — **«Figuras e questões literárias» (II) de Ramalho Ortigão — Livraria CLÁSSICA EDITORA.**
2. — **«Crónica de D. Pedro» e «Crónica de D. Fernando», de Fernão Lopes — Colecção «CLÁSSICOS PORTUGUESES» — Livraria CLÁSSICA EDITORA.**
3. — **«A ilha dos navios perdidos», de C. Marriot — Col. «OS MELHORES ROMANCES DE AVENTURAS» — Livraria CLÁSSICA EDITORA.**
4. — **«A cidade do vício», de Fialho de Almeida — Livraria CLÁSSICA EDITORA.**
5. — **«Dez exploradores audazes», de Américo Faria—«Colecção DEZ» — Livraria CLÁSSICA EDITORA.**

6 a 10 : uma caixa de **BOMBONS REGINA**

LEIAM O **«PATRÃO DO GIRL PAT»** (CLÁSSICA EDITORA)



RESUMO:

Don Ramon, um dos raptores dos sete portugueses, procura de noite, com a ajuda de Pepe e de Papa-Churros, descobrir o paradeiro de alguém. Esse alguém está no beliche de Lidoro, embora Lidoro não saiba quem seja, pois para o esconder nem teve oportunidade de lhe falar. Supõe, no entanto, que se trata de Ortega y Lafuente, o grande sábio espanhol, inventor do submarino atómico.

VIII — UMA NOITE EM BRANCO E UMA REVELAÇÃO

—Estão a ver? — gritou don Ramón —Estão a ver?

Seguiu-se um bom pedaço de silêncio, o que levou Lidoro a supor que todos estavam efectivamente a ver... Mas «a ver» o quê? Tinha de esperar com paciência, ali naquela incómoda posição, que as novidades fossem ter com ele, embora desejasse ter possibilidade de ir ao encontro delas... Mas a expectativa foi questão de um minuto. Imediatamente a voz descomposta de don Ramon voltou a bradar:

—Com que então o perro!... Perros são vocês. Pesava-lhes muito a cauda! Tiveram de voltar para a caminha... E «ele» a burlar-vos! Vocês a deitarem-se e «ele» todo satisfeito, com as mãos nos bolsos, a descer outra vez a escada...

—Mas «ELE», quem? — perguntou Papa-Churros com uma voz tão calma, tão de sujeito gordo que, num momento daqueles, irritaria um santo.

Lidoro sorriu, no escuro: «é claro que don Ramon-de-tal-e-tal-e-Cara-Uñaca estava muito longe de ser um santo. De maneira que...»

—Ouve, Papa-Churros, e ouve bem! Não me faças perder a cabeça que te arrependes!...

—O senhor sabe que nada me assusta — respondeu o ameaçado com voz ainda mais lenta. Quando tiver que morrer hoje, não morro amanhã... O senhor está para aí a falar em «coisas que a gente não entende. ELE! ELE, QUEM?» Se quer

Pequena viagem ao mundo dos transportes

O melhor é chamar um «taxi»...

E pronto, o comboio deixou-nos no Rossio. Agora, toca para casa! Mas como? Não a pé, com certeza. A viagem foi agradável mas andar, como nós andámos, alguns milhares de quilómetros, significou uma rude prova para as nossas forças. Da estação a casa é longe. O comboio devia levar-nos lá, não acham? Claro que não acham. Tinha graça o «cavalo de aço» cruzando becos e travessas... Bem, o melhor é chamar mesmo um «táxi».

Exactamente. Um óptimo carro, este. Espaçoso, limpo, arejado. Reclinamo-nos nos estofos macios... Um suave torpor começa a invadir-nos... Que bom, andar de automóvel! Como foi possível aos nossos antepassados viver sem ele?—pergunto dentro da minha sonolência. Recordo-me com mágoa de Cesário Verde. Querido poeta! Fechou a loja de ferragens. Sábado. Vai passar o domingo com a família a Linda-a-Pastora. Vai a pé. Tão longe... E é tuberculoso.

A neurastenia do Imperador

Ao contrário do que muita gente pensa, a construção do primeiro veículo automóvel não é recente. Atribuem-na a Cugnot. E' falso. Pesquisando em velhos arquivos achei uma notícia muito curiosa. Diz que o primeiro automóvel saiu das mãos de um padre, o reverendo Verbiest, belga, pertencente á Companhia de Jesus. O caso passou-se em 1679...

O imperador do Grande País do Meio (ignorayas que China significa *País do Meio?)* atravessava uma grande crise de neurastenia. Qualquer de nós pode, de quando em quando, aborrecer-se sem que ninguém repare nisso. Quando se é imperador da China o caso muda de figura. Quatrocentos milhões de sujeitos afixam uma máscara severa e dizem numa voz cavernosa:

—Que desgraça. Sua majestade está neura.

Todos procuram combater a doença do imperador. Apenas o reverendo Verbiest o consegue. Constroi uma máquina com 65 centímetros de comprimento. A caldeira é aquecida por brasas ardentes. Um jacto a vapor impulsiona uma roda horizontal que engrena noutras rodas. O bicho anda sózinho! O imperador bate as palmas, de contente.

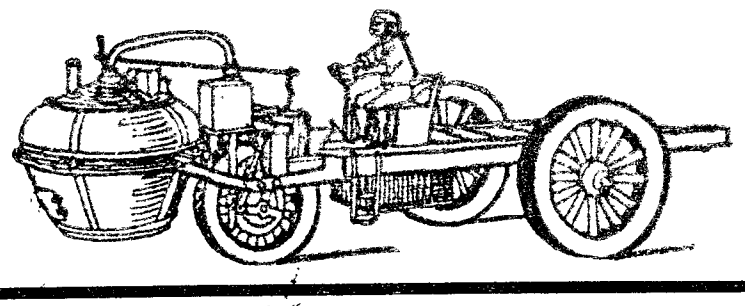
—Isso é um brinquedo!—dirás tu. —Qual a sua utilidade? Combater a neura do imperador. Achas pouco? Se tivesses a cabeça dependente do estado de espírito de Sua Grandeza talvez não fosses da mesma opinião...

Desejando mais informações podes procurá-las no livro do padre Verbiest «Astronomia Europae». Aviso-te que é em latim e se encontra na Biblioteca Nacional de Nova York.

Pela estrada na floresta do Epping

Depois (*depois* é um modo de dizer; um século mais tarde...) é que veio o nosso já conhecido engenheiro Cugnot com a célebre *Zorra* que deitou o muro abaixo, não sei se estão lembrados, e que fez tanta sensação como barulho...

Outros se lhe seguiram. Murdock, Symington, Fourness, Vivian, Trevithick... Todos os veículos construídos por estes nossos amigos eram a vapor. Não dispensavam a caldeira, o depósito da água e do carvão ou lenha. Claro que a velocidade não podia ser grande. Quando atingiam os vinte quilómetros á hora deitavam foguetes. O senhor Henry James construiu em 1828 uma diligência a vapor que dava 24 quilómetros na pessima estrada da floresta inglesa de Epping. 24 quilómetros... Quase nada. Zatopeck anda isso quase, só com as pernas que Deus lhe deu. Sim, quase nada. Mas o suficiente para que o nome de Henry James fique na história.



Louco! Vamos recomeçar!

Vamos fazer aqui uma breve paragem. Cuidado, que vou fazer um pequeno sermão. Quem não gostar de ouvir prégações de moral siga adiante. Paciência. Do sermãozinho é que não desisto...

Amigos: todos os homens que citei atrás tiveram inaudita coragem. Ajudados por ninguém, perseguidos pelos ignorantes desprezados pelas pessoas de bom senso que os acoimavam de loucos, não desistiram. Gastavam tudo quanto possuiam para transformar o sonho em realidade. Do sonho, ás vezes, nada mais restava do que fumo, ruído infernal, o monstro que se recusava a andar... De outras vezes, restava apenas um muro derrubado. E sobrevinham, além da solidão e do desprezo publico, a pobreza, a miséria, a velhice sem conforto.

Trevithick afirmava: «Vivo do futuro sem um centavo no presente. O mesmo Trevithick encontrou certa vez, numa taberna, o engenheiro Vivian que «reconfortava o seu coração com bebidas apropriadas...».

—Que fazes aqui?

—Falhei, mais uma vez.

—Louco! Vamos recomeçar.

E porque fugiram ás «bebidas apropriadas e porque recomeçaram é que nós hoje utilizamos o automóvel, o camião, a camioneta. Viviam do futuro... Viviam para nós... obrigado, amigos! Também nós, seguindo o vosso exemplo, é para o futuro que viveremos—embora sem um centavo no presente.

O GRANDE DECTETIVE PARARRAIOS

O fugitivo do Saturnia

Ao ver a caixa dos mantimentos mergulhar na água revolta, Basílio Sopito empalideceu. De gatas, encaminhou-se pára a borda da jangada. Abrigava a secreta esperança de que a arca dos biscoitos tornasse ao lume de água e nesse caso deitar-lhe-ia a mão. Alguns minutos se escoaram.

— Vês alguma coisa de anormal? — perguntou o detective.

— Não há duvida. Desaparceu.

— Quem? O submarino?

— A caixa das bolachas.

Pararraios encolheu os ombros e voltou a inspeccionar a superfície oceanica. E de repente, exclamou:

— Além, Basílio! Além... Ora repara ...

— Não me diga, meu amo! Aonde?

— Voltou a mergulhar. Aguarda uns segundos...

Quando o ajudante percebeu que Pararraios se referia ainda e sempre ao corpanzil imenso da baleia, o desanimo voltou a apossar-se dele. Em vão tentava chamar seu amo á realidade. O detective apenas tinha olhos para a massa escura que, a grande distancia já, chapinhava alegremente.

— Que importancia tem a tua caixa de bolachas, Basílio? O Mundo não sentirá nem tanto como isto a sua falta. Pelo contrário, no «Cristobal Colón» vai prisioneiro, posto a ferros talvez, o sábio Gedeão, esperança da Humanidade...

— Ora bem. Mas sem a caixa dos biscoitos...

— Tu sabes que as reservas de carvão e de petróleo não são eternas. A Inglaterra, por exemplo, só tem carvão para seiscentos anos.

— Pois sim. Mas sem a caixa dos biscoitos...

— Nesse caso, a energia atómica, em vez de dar a morte dará a vida. Ora o professor Gedeão trabalha na aplicação pacifica dessa energia e...

— Tudo isso está muito certo. A energia atómica vale muito para a Humanidade. Mas olhe que a arca dos biscoitos não vale menos para nós. Aqui é que é impossível haver duas opiniões...

De facto não tardou que a fome e a sede apertassem com os náufragos. Pararraios, entregue por inteiro ao sonho de perseguir e encontrar o assassino de Joe Smith, não lhe sentia tanto o feito. Simplesmente, dia após dia, os relampagos do funil iam-se tornado cada vez mais débeis. Basílio Sopito começava a sofrer de alucinações. Perguntava, por exemplo, se era verdade existir no Oriente uma árvore que dava presuntos. Ao fim do sexto dia de jejum, quando uns escassos pingos de chuva rolaram do céu, a lucidez voltou.

— Adeus tudo! — exclamou enfáticamente Basílio.

— Calma, meu amigo — aconselhava o detective. — O momento é difícil, mas a grandeza da alma avalia-se com medidas deste calibre. Aguardemos.

Ao cair da noite desencadeou-se um violento furacão. A jangada voava por cima das ondas. Os náufragos tiveram ainda a presença de espírito para se amarrarem fortemente ás tábuas da jangada e foi isso que os salvou. Raiava a manhã quando a voz débil do polícia-amador exclamou:

— Terra á vista! Basílio, coragem! Estamos salvos... Uma ilha!

Mal sabia, porém, o perigo que os aguardava. Nas mãos loucas do furacão «Carrie», a jangada era um brinquedo. E foi como um brinquedo que se esfrangalhou nas rochas do pequeno ilhéu.

De subito, um rosto, rosto humano, assomou no alto da penedia. Viu os dois corpos jogados de onda para onda, na dança a que, por vezes, a morte se entrega antes de vibrar o golpe derradeiro. E sem uma hesitação lançou-se ao abismo.

* * *

Um sol fagueiro brilhava no areal. Não muito longe, debaixo da palmeira, Basílio atracado a uma lata de atum, recomeçava a achar prazer na vida. O detective parecia imensamente preocupado.

— Coisa estranha é a vida, Basílio! — exclamou — Coisa estranha e maravilhosa. Pensar que houve alguém que pagou a sua vida para salvar a nossa!...

— E ainda por cima nos dá latas de atum. E' uma boa pessoa.

— Coisa estranha, a vida! Ouve, Basílio, tu acreditarias se eu te dissesse que esse que nos salvou, esse que ofereceu duas vezes a própr vida é um CRIMINOSO?

— Lá vêm as histórias...

— Vê, Basílio, vê bem — e o detective pôs-lhe um pequeno retrat diante dos olhos — Este é o assas

...mares do Sul XXVI

...ue a gente o perceba, fale claro! Eu, de mistérios, nunca entendi... ...o senhor acha-me com cara de ...fuxo!

Voltou a seguir-se um silêncio, mais emocionante que todos os ser... ...ões. Aquele silêncio em que os lu... ...adores se estudam, girando á roda ...m do outro no ringue, á espera da primeira fraqueza do adversário para cair a fundo sobre ele... Li... ...oro estava tão embevecido no que ...e iria passar que largou a mão di... ...eita da viga do tecto, para com ela ...oçar a nuca no seu jeito habitual... Don Ramon tinha sido apanhado numa armadilha pelo Gordo (Li... ...oro previa que ele fosse gordo, embora nunca tivesse visto Papa-Churros). Que poderia ele respon... ...er a uma pergunta tão hábil? Iria ...izer mesmo a «um simples mem...

...bro da tripulação» que andava a perseguir don Pablo Ortega y Lafuente ou um dos seus companheiros? A Lidoro não palpitava que ele caísse nesta nova armadilha. Mas também não acreditava que don Ramon fosse capaz de agredir Papa-Churros, tal como há pouco fizera ao covarde de Pepe. A voz calma de Papa-Churros metia respeito. Lidoro tinha muito interesse em conhecer o seu possuidor. Devia ser um homem calmo, poderoso e leal. Esta ultima qualidade era a que mais lhe agradava num ser humano.

Ao contrário, porém, do que suporia, não foi don Ramon que «atacou». Era a mesma corajosa voz que, com toda a calma, dominava a situação:

—Bem sei que os perros não levantam canos e muito menos os encostam á parede como sucedeu aqui. Não julgue que só o senhor é esperto. Isso já nós vimos. Isso já nós estamos fartos de ver. Agora o que não vemos é o que se passa na cabeça do senhor. Não podemos adivinhar quem é que o senhor anda a «perseguir»...

—A «perseguir»? — gritou don Ramon. Que queres dizer com isso? Não me dizes?

—Olhe, don Ramon: não perca tempo nem me trate por tu. Senão eu sou capaz de acreditar que o senhor é da minha família e eu não quero cair nessa...

Papa-Churros prolongou a graça com uma gostosa gargalhada, também muito lenta e cheia de ripanço. Era tão contagiosa que Lidoro se deitou a rir, muito baixinho... Até aquele medroso de Pepe não se conteve e don Ramon ia para descarregar a sua cólera nele quando Papa-Churros se interpôs:

—Não se zangue, patrão! Deixe o homem rir. Daqui a cem anos já não somos vivos! E afinal de contas em que ficamos? O senhor naturalmente quer que nós o auxiliemos nalguma coisa...

«Caramba! — pensou Lidoro. Este homem não é só valente: é fino como um coral. Don Ramon vai outra vez cair na armadilha». E Lidoro tinha razão. O espanhol, encontrando uma saída airosa para as suas dificuldades (inclusive o respeito que lhe metia o Gordo) nem sequer se deu ao trabalho de analisar a «oferta» de colaboração de Papa-Churros.

—Tem razão, Garcia — disse don Ramon com voz aveludada. Vamos lá ver ao corredor. O «bicho» já não está aqui.

Enquanto seguiam pelo corredor don Ramon bradava bem alto, como os ardinas ao anunciarem um acontecimento extraordinário:

—O bicho deve estar por aqui! O bicho deve estar por aqui! Ele não se podia ter evaporado...

Lidoro percebeu-lhe o truque. Primeiro, acordava todos. Depois apanhava-os cá fora. Pela primeira vez Lidoro sentiu uma funda inquietação. Nos beliches dos seus companheiros elevavam-se vozes. Não tardaria que abrissem a porta. Olhou para baixo. O pobre desconhecido devia estar lá a um canto, mas nada se podia distinguir naquele escuro de piche. E lembrar-se ele que era com toda a certeza don Ramon, um grande sábio respeitado em todo o Mundo e oprimido por meia duzia de celerados... A sua primeira reacção foi não abrir a porta e resistir com toda a sua força, se fosse necessário resistir. Logo, todavia, o bom senso dominou os primeiros impulsos de generosidade. Que ganharia em lutar? Estariam em minoria, com toda a certeza. Portanto só havia um caminho: simular, dar tempo ao tempo e procurar esconder don Pablo Ortega y Lafuente até que os homens do submarino supusessem que ele se tinha deitado ao mar...

Em frente, no outro lado do corredor, capitão Fumaça abria o seu beliche, no que logo foi imitado por Paulina e Leonor, Guil e Miudinho e, finalmente, pelo doutor Gedeão.

Não havia tempo a perder! Também ele tinha de abrir o seu beliche. Rápidamente, mas com infinitos cuidados, desceu até ao chão, abriu o longo armário, por baixo da cama, e, sem curar de saber quem era o desconhecido, pois o tempo não permitia demoras, empurrou-o para lá. Em seguida fechou as portas, foi ao guarda-vestidos buscar roupa, fez uma trouxa, fez várias e meteu-as debaixo da cama. O armário estava defendido! Ninguém se lembraria de desconfiar que alguém se escondia nele.

Terminada a tarefa, Lidoro respirou fundo, bateu no peito. «Suponhamos que estou num naufrágio! — disse para se sentir inteiramente senhor de si. Só com muita calma nos salvaremos todos». E abriu a porta. «Devo deixá-la aberta ou não? — perguntou de si para si. Ná! Joguemos tudo por tudo!» E ao sair para o corredor, deixando atrás de si a porta aberta, perguntou para os Espanhóis e para os amigos com toda a naturalidade:

—Que foi isto? Aconteceu alguma coisa?

(Continua no próximo numero)

...sino de Joe Smith, o fugitivo do *Saturnia*...

— Mas esse é este... Que vai fazer?

— Não sei, não sei. Vou pensar melhor. O meu dever de polícia-amador é dar-lhe voz de prisão; o meu dever de homem é a gratidão. Salvou-me a vida; a paz entre nós não pode ser quebrada... O problema mais difícil da minha vida, Basílio.

A solução desse problema foi sendo adiada até ao momento em que um barco, vendo fumo subir da ilha, se aproximou dela. Parraraios colocou-o em frente do homem barbudo que o salvara.

— Meu amigo, vamos acabar com o jogo das escondidas...

— Que jogo.

— Não disfarce. Reconheci-o. Diga-me: porque matou Joe Smith?

O fugitivo do *Saturnia* ia retorquir mas conteve-se. Viu os olhos desvairados do náufrago e disse com brandura:

— Foi num momento de exaltação. Creia que hei-de regenerar-me...

Tripulantes do barco chegavam ao local. Perante os olhos esbugalhados do detective e de Basílio, o piloto abraçou fortemente o fugitivo do *Saturnia*. Dentro de pouco tempo sabiam tratar-se de Jean Lamothe, tenente da marinha francesa que se oferecera como náufrago voluntário para se estudarem as melhores condições de salvamento em pleno mar. Quanto aos nossos amigos foram tratados com a maior deferência por parte da tripulação do bote que os encaminhou ao paquete. Aí chegados, uma surpresa os aguardava. O capitão, após observá-los detidamente, aproximou-se e exclamou numa voz severa:

— Estão presos coco assassinos de Joe Smith.

CONCURSO DA SEMANA

1) CONCURSO PARA JUNIORES

a) Qual é a cidade portuguesa que está no nariz dos cães?

b) Qual é a cidade portuguesa que faz muita falta nas portas?

c) Qual é a cidade portuguesa que é infinito dum verbo?

2) CONCURSO PARA SENIORES

a) Quais os reis de Portugal que não tiveram como sucessor, no trono, um filho ou uma filha? (no caso de não acertarem em todos, contar-se-ão os resultados mais próximos do numero exacto)

b) Que escritores escreveram as extensas obras de crítica á vida portuguesa: «As Farpas» e o «Os Gatos»?

Todos os leitores podem responder, no mesmo postal, a ambos os concursos, quaisquer que seja a sua idade.

Para os vencedores haverá excelentes prémios constituídos por caixas de bombons REGINA e livros, como habitualmente.

As respostas devem ser-nos enviadas até ao dia 5 de Novembro.

História de serpentes

Uma cobra com flores de laranjeira...

Um estranho bicho declarou guerra mortal aos laranjais e tangerinais da Califórnia. Escusam de magicar que não adivinham. Trata-se de uma... serpente *de origem africana que se alimenta exclusivamente de flores e frutos! Que fez o Ministério da Agricultura dos Estados Unidos? Encomendou ás Ilhas Marianas DUZENTOS Gonaxis Kibwziensis!!! Perceberam? Também desta vez não adivinham... Pois são serpentes* canibais *que se agarram á cauda de outros répteis e os devoram aos poucos. Extraordinária é a capacidade inventiva do homem, não vos parece?*

A primeira serpente que entrou na história

Como vocês sabem, jovens Amigos do 2.º Ciclo dos liceus, Cleópatra, ultima rainha do Egipto, ao ver a sua armada vencida (por quem?) resolveu matar-se. Como HISTORIAS DE SERPENTES! fez ela isso? Mandou vir um cesto de fruta em cujo fundo estava escondida uma serpente. Pegando no réptil deixou-se morder e minutos depois morria, fugindo desta forma á vergonha de cair prisioneira dos romanos (que acabavam de a vencer nas batalhas de Accio *e de* Pelusa*). Foi a primeira serpente (não falo de Cleópatra...) que entrou na História. Triste entrada, aliás!*

Diário de bordo

1. — O nosso concurso «Portugal e a Juventude»

Chamamos a atenção de todos os nossos Amigos para o artigo da vossa Colega Maria Inês Araujo, que hoje publicamos. Também nós fazemos votos para que este Concurso seja uma grande manifestação de juvenil Amor pelo nosso País.

QUE TODOS CONCORRAM! QUE TODOS DEEM O SEU APOIO A UMA BELA INICIATIVA QUE SE PODERÁ REPETIR TODOS OS ANOS, CADA VEZ MELHOR, CADA VEZ COM MAIS PRÉMIOS!

Mas não guardem para a ultima hora, Amigos. Comecem desde já a trabalhar os que ainda não começaram. Se fizerem trabalho de equipa — distribuam bem as tarefas e reunam-se várias vezes para transmitir uns aos outros os resultados obtidos.

Na próxima semana iniciaremos a publicação da lista dos prémios.

Atenção á próxima semana e avancem nos vossos trabalhos.

2. — O grande escritor Ferreira de Castro

O nosso Concurso Semanal n.º 25 tinha o objectivo de chamar a atenção dos jovens para um grande português do nosso tempo: José Maria Ferreira de Castro. Qual não foi porém a nossa grande surpresa ao recebermos dezenas e dezenas de biografias de Ferreira de Castro cheias de admiração e respeito pelo grande romancista de «A Selva», pelo humano contista de «A Missão». Esta bela manifestação de consciência da parte dos nossos jovens leitores fez-me lembrar um episódio da vida de Cervantes. Velho e incompreendido, cavalgava um dia o genial criador de D. Quixote por uma estrada deserta quando um grupo de moços estudantes, também a cavalo, se cruza com ele. Um deles estaca a montada, desce e sauda-o com profunda veneração:

—Reconheço-vos, senhor: sois o Grande Cervantes!

Tentaremos no próximo numero arranjar espaço para publicar uma daquelas pequenas biografias.

3. — A nossa primeira sessão de cinema cultural

Na correspondência desta semana muitos dos nossos Amigos lamentam-se por não terem podido assistir á nossa primeira sessão de cinema cultural, todos ás voltas com a penitência gripal. Não tem importancia: na próxima vez será melhor e nenhum de vós deixará de assistir. Aguardamos por isso que se desvaneça este «estado de sítio» para marcarmos a segunda sessão.

Aproveitamos a oportunidade para dizer ao Amigo n.º 259 — Carlos José Vieira de Almeida que para assistir ás sessões de cinema só é necessário comprar o «Diário de Lisboa Juvenil».

P. S. — Começámos hoje com 2 concursos semanais: um mais fácil, outro mais difícil. Chama-se a isto progresso.

TROTE

RESPOSTA DO BASÍLIO

O Detective Pararraios: — Então não há nada melhor que um chocolate **REGINA**?

Basílio Sopito: — Há sim, meu amo: há sete chocolates **REGINA!**...

O Detective Pararraios: — Sete? Porque dizes tu sete?

Basílio Sopito: — E' um para cada dia da semana, meu amo...

Portugal e a juventude

Fui um tanto precipitada ao escrever a minha 1.ª carta. Quando me falaram do Concurso literário «PORTUGAL E A JUVENTUDE», pareceu-me uma coisa muito difícil. Agora, que tenho alguns numeros do JUVENIL, vejo que não é tão difícil como parecia. O que é preciso é ver e pensar calmamente antes de passar á acção...

Poderei concorrer com uma pequena biografia ou um episódio da nossa História? Ou um quadro da Natureza (de Portugal, evidentemente)?

... ...

Vivo sempre em Lisboa; ás vezes vou para a Praia de Santa Cruz, e agora estou nesta terrinha alentejana... Cheia de colorido, arvoredo e frescura — esta região pode considerar-se um oásis do Alentejo; por toda a parte se ouve a água dos riachos e das fontes. Não julgue, porém, que se trata de uma grande povoação; não tem sequer a categoria de aldeia: coisa apenas dum grupinho de casas caiadas... Mas encontram-se aqui notáveis vestígios da civilização romana e logo na serra vizinha está um castelo dos tempos medievais — o Castelo de Marvão. Sobre a ribeira quase insignificante ergue-se uma bela ponte romana de pedra escura roida do tempo, batida pelas tempestades e queimada do sol ardente de quase 20 séculos... Junto dela resta um edifício formado apenas por quatro paredes, que, segundo dizem, era o local do pagamento das portagens de uma cidade que aqui existiu em tempos remotos.

Passaram muitos anos. A gente cá do sítio, simples e simpática, pouco ou nada mais sabe que as primeiras letras; tendo a seu lado, por companheira de gerações e gerações, aquela ponte milenária, ignora a sua história e desconhece o seu valor. Limita-se a contar misteriosa lenda que é para as crianças uma história da avózinha».

... ...

Tenho feito pinturas e desenhos deste belo panorama e quando for para Lisboa levo a mais sentida recordação deste cantinho do nosso Portugal.

Muitas outras terras portuguesas têm o seu passado e os seus monumentos; mas é certo também que há muitos Portugueses que não conhecem a sua terra, as suas belezas naturais e a Obra da gente lusitana. Através desta carta faço votos para que todos vocês, Amigos, conheçam a sua terra. Saibamos todos nós conhecer e estimar a nossa Pátria. Divulguemos as belezas de Portugal, os seus monumentos, as suas tradições! Apreciar e conhecer a Obra portuguesa é a forma mais perfeita de se ser português».

MARIA INÊS ARAUJO (17 anos)
Amigo n.º 455)

N. R. — Da carta desta nossa amiga extraímos o passo aqui publicado, guardando para a RONDA DA AMIZADE outros excertos da mesma. Assim podemos dar muito mais relevo á boa contribuição que a Maria Inês Araujo trouxe ao nosso Concurso «PORTUGAL E A JUVENTUDE». Confessando que afinal este Concurso não é tão difícil como se lhe afigurou á primeira vista, ela explica-nos porquê — e nisto fornece um bom exemplo a todos os jovens. O concurso é simples porque é uma manifestação de amor pela nossa terra, pelas nossas coisas — eis o que ela nos afirma, em resumo. E tem razão! Mas tem razão porque fez um alto conceito das suas férias e pô-lo em prática, o que é ainda melhor. Como todos sabem, a ideia que habitualmente se faz de férias é a de um período de tempo em que se não produz nada de util: *joga-se (a canasta), brinca-se, vai-se ao baile ou ao cinema, conversa-se com abundancia e dorme-se á noite. Ora a Maria Inês certamente que se distraiu e repousou, o que é legítimo e indispensável; para além disso, porém, economizou o tempo necessário para tornar mais portuguesa a sua sensibilidade e mais solidário o seu pensamento como o do nosso povo: procurou reter, pelo desenho e pela escrita, paisagens novas (e portuguesas) que vinham enriquecer a sua vida espiritual; com o povo, em boas e saborosas conversas, descobriu raizes ainda mais fundas das nossas tradições: se, além disso, se não esqueceu de analisar quanto é ainda doloroso o esforço da nossa gente para ganhar o pão de cada dia — então é verdade que os seus dois meses de férias constituiram uma bela experiência de portuguesismo.*

O Concurso «PORTUGAL E A JUVENTUDE» pretende ser e será uma manifestação de portuguesismo dos nossos jovens leitores.

Ao apresentar a nossa Amiga n.º 455—Maria Inês de Araujo—como um exemplo, temos muita alegria em lhe atribuir o honroso título de

AMIGO DA SEMANA

o XXI na série dos até hoje concedidos. Vamos enviar-lhe o 1.º volume da «ARTE PORTUGUESA», de RAMALHO ORTIGÃO, onde, além do belo estudo «O Culto da Arte em Portugal», encontrará um vivo e fundo amor das coisas da nossa terra. Este livro é uma edição da Livraria CLÁSSICA EDITORA, á qual se deve a republicação das Obras de Ramalho.

26-10-1957

Linha moderna

Dois vestidos elegantes para a meia estação. Cada um compõe-se de duas peças e tem golas de grande originalidade, guarnecidas com peles. Os grandes chapéus de feltro de abas maleáveis dão actualidade ao conjunto. As luvas de peluche de nylon, pretas, são pormenor obrigatório nas «toilettes» de exterior

PAGINA D

PERGUNTE para saber

MARIA ROSA — Os antigos bordados de Castelo Branco eram rematados na orla por uma franja que se executava no tear. Não tendo tear nem querendo mandar fazer a franja num sirgueiro pode executá-la com agulha de «crochet» pelo seguinte processo: divide-se a seda em três partes dobrando-a separadamente. Duas partes fazem as laçadas envolvendo-se uma régua de três centímetros de largura com dois fios da seda que partem cada um de seu novelo. Esses fios devem passar por baixo da régua, de fora para dentro. Cada laçada de dois fios unidos vai ficando presa por duas malhas que se fazem com aquela de «crochet» na fazem com a agulha de «crochet» na parte superior da régua. Com a fim uma carreira de malha baixa em «crochet» que se prende em todos os intervalos das malhas de laçadas na parte superior da régua. Só depois de feitas estas ultimas malhas de segurança é que a franja pode sair da régua, pelo lado direito, sem risco de se desmanchar. Nunca se tira da régua toda a franja que vai ficando feita, mas apenas umas tantas laçadas para darem lugar a outras que devam ainda ser executadas na régua. Esta explicação corresponde inteiramente á técnica da franja feita em «crochet», mas se não for o bastante para a nossa leitora realizar esse trabalho podemos fornecer-lhe, por 6$00, uma amostra da franja na própria régua em que deve ser executada. Pode mandar a importancia em selos. Se deseja a remessa á cobrança custa-lhe mais 2$00.

UMA DONA DE CASA — Coloque o veludo com a parte manchada sobre uma tigela ficando com o avesso voltado para cima. Deite sobre a mancha uma porção de água a ferver á qual misturou algumas gotas de amoníaco. Engome o veludo ainda molhado, pelo avesso, esticando-o suspenso no ar para que o pelo não fique amachucado.

UMA TOUCA
para o bebé

Erradamente se pensou durante algum tempo que as crianças deveriam andar sempre de cabeça descoberta para não se constiparem. Provou-se justamente o contrário nos casos em que o frio se fazia sentir com rigor e hoje todos os bebés usam toucas durante o Inverno.

Antes, portanto, que o frio se faça sentir, a leitora pode começar a execução de uma touca graciosa e de agasalho para o seu bebé chegar ao fim do Inverno sem se ter constipado.

SÓ PARA SI
dona de casa

Se tem algumas bolachas amolecidas devido á humidade meta-as no forno por uns momentos ou coloque-as numa torradeira dando-lhes um pouco de calor. Deixe-as depois arrefecer e guarde-as, então, em lata ou frasco de vidro que feche herméticamente.

*

Para avivar as cores das suas carpetes limpe-as muito bem pelo processo vulgar e esfregue-as depois com um pano embebido em água salgada.

*

Para fazer chá de limão não é necessário ter limões frescos. Pode ter sempre em casa cascas de limões para esse efeito. Depois de lavados os limões cortam-se-lhes as cascas finamente e deixam-se a secar penduradas ao ar livre. Guardam-se, depois de bem secas, em sacos de pano. Quando quiser obter uma boa infusão basta deixar ferver uma ou duas casquinhas dentro de meio litro de água simples

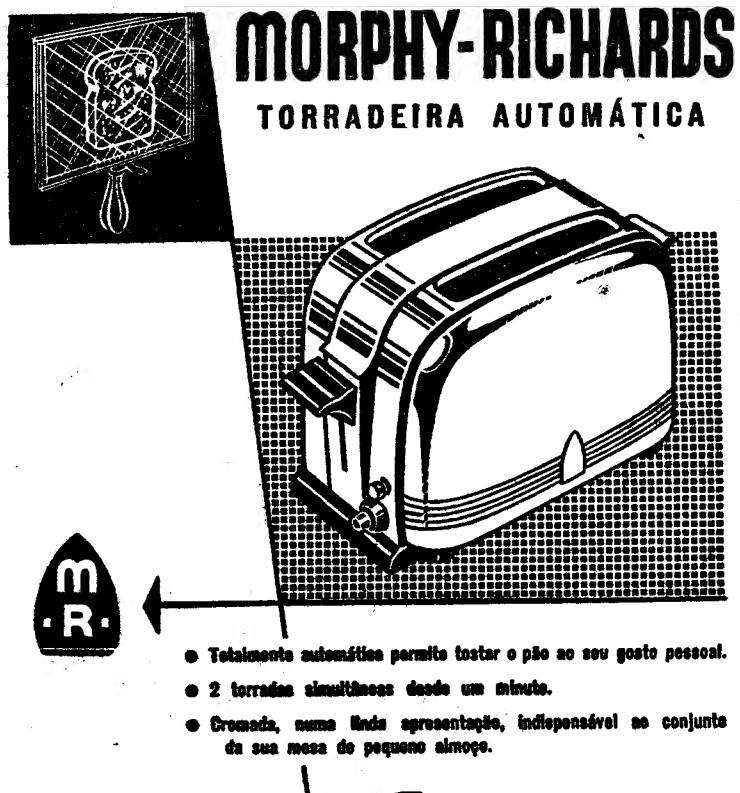
Segurança de si mesma e da sua beleza transparecem nos olhos dela. Estes resultados notáveis poderá também você obter por meio de um simples tratamento com :

Placentubex

UMA REVOLUÇAO NO TRATAMENTO DAS RUGAS

«Um salto brusco na ciência dos cosméticos» ...foi desta forma que o Congresso Internacional de Paris denominou o tratamento com Placentubex. É com efeito, o unico produto que, à base do Serol, faz penetrar eficazmente na epiderme o extracto de placenta fresca. Os resultados são surpreendentes. Placentubex regenera a pele fatigada, faz desaparecer progressivamente os «pés de galinha», as rugas do queixo e do pescoço, voltando a dar às mãos um aspecto juvenil. A sua aplicação é extremamente simples: Esfrega-se na pele uma pequena porção de Placentubex, que se deixa agir durante 15/20 minutos, e depois aplica-se o creme gorduroso habitual. Um tubo chega para alguns meses.
A venda em todas as boas farmácias, drogarias, perfumarias e salões de beleza. Cada tubo custa 120$00. Merz & C.ª, Frankfurt/Main, Berlim, Zurique. Agentes Gerais para Portugal: A. Dias & Santos, Rua da Madalena, 273—Lisboa.

MORPHY-RICHARDS
TORRADEIRA AUTOMÁTICA



- Totalmente automática permite tostar o pão ao seu gosto pessoal.
- 2 torradas simultâneas desde um minuto.
- Cromada, numa linda apresentação, indispensável ao conjunto da sua mesa de pequeno almoço.

ESTABELECIMENTOS *Sida*, LIMITADA
RUA DE S. NICOLAU, 44-48 • TELEF. 33027

MÁQUINAS DE COSTURA

ESPECIAIS PARA A **GRANDE INDÚSTRIA** E SEMI-INDUSTRIAIS PARA O **ARTESANATO**

SINGER*

SEMPRE CONSIDERADAS, MUNDIALMENTE, AS DE MAIOR CATEGORIA, AS MAIS PERFEITAS E AS MAIS RESISTENTES, NA VANGUARDA DOS APERFEIÇOAMENTOS TÉCNICOS.

MUITOS MILHARES EM USO NO NOSSO PAÍS.

CERCA DE 2.000 MODELOS DIFERENTES PARA TODOS OS FINS DA COSTURA INDUSTRIAL.

* Marca Registada de The Singer Manufacturing Co.

A MULHER

Teve a «asiática»?

Se a leitora conheceu os ataques impiedosos da cruel «gripe asiática», deve encontrar-se depauperada e com uma acentuada intolerancia para o frio. Agasalhe-se, pois, com roupas interiores confortáveis, um bom casaco de fazenda espessa e um lenço de voile de lã, envolvendo a cabeça. Não se esqueça das luvas e se o casaco é a três quartos a saia que seja de boa fazenda espessa.

Cozinha vegetariana

Couve flor gratinada

Coze-se uma couve flor em água temperada com sal. Unta-se com manteiga o fundo de um prato de ir ao forno e coloca-se nele a couve flor, inteira ou cortada em raminhos. Sobre a couve flor põem-se bocadinhos de manteiga, pão ralado, pimenta, sumo de limão e, por fim, bastante queijo ralado. Leva-se ao forno a gratinar e, de quando em quando deitam-se, por cima da couve, umas colheres do próprio molho que se vai juntando no fundo da vasilha. Quando a parte superior da couve estiver levemente aloirada retira-se do forno e serve-se bem quente.

Cenouras panadas

Escolhem-se as cenouras tenras e, quanto possível todas do mesmo tamanho, raspam-se, cortam-se em fatias, no sentido do comprimento e cozem-se em água temperada com sal. Depois de cozidas retiram-se da água, passam-se por farinha de trigo em seguida por ovo batido, fritam-se em óleo e servem-se como acompanhamento de carnes ou peixes.

Feijão verde em pasteis

Corta-se miudo, feijão verde e coze-se em água temperada com sal. Escorre-se, junta-se-lhe um polme feito com farinha, leite e ovos. Rectifica-se o sal, mistura-se tudo bem e frita-se, ás colheradas, em azeite ou óleo fervente.

Para os nossos filhos

Os tecidos de fantasia tornam as camisas de noite e os pijamas das crianças muito graciosos. Assim o provam estes dois modelos de corte simples.

(A boneca e o cão não têm nada com os modelos mas se os seus filhos, leitora, quiserem levar um brinquedo para a cama não lhes contrarie essa manifestação de ternura...).

TEM PROCURADO EM VÃO DESCOBRIR UMA MAQUILLAGE PERFEITA?

Agora, com o CREME PUFF, não precisa de procurar mais!

No instante que V. o experimentar, ficará encantada e fresca... mais adorável do que nunca. Porque o Creme Puff dará ao seu rosto uma aparência delicada e cativante própria da juventude.

Sim, o Creme Puff é uma maravilhosa combinação Max Factor, de creme-base da maquillage e do mais fino pó de arroz, aplicado com a mais vaporosa das "houpes". Acabou-se o pó de arroz espalhado no vestido e no toucador... o creme agarrado aos dedos ou nos cantos das unhas. O Creme Puff permite uma aplicação uniforme e perfeita – não se esfarela, não empasta, não escorre nem produz camarinhas. É a maquillage mais leve e real que acaricia a sua face. Dissimula instantâneamente as imperfeições da pele.

Peça Creme Puff hoje mesmo no seu estabelecimento preferido... e não precisará de procurar outra maquillage!

Em lindas caixas de marfim com espelho e "houpe".

Recargas em caixas de metal, com o mesmo tamanho e com "houpe".

Creme Puff* por MAX FACTOR HOLLYWOOD

* Creme Puff (Marca Registada) é uma maquillage Creme-Pó de Arroz de Max Factor Hollywood.

Será Greta Garbo ou Kim Novak?...

tal como aparece no seu filme «UM SÓ AMOR» que estreia brevemente no SÃO LUIZ-ALVALADE

ORION

A sapataria das ultimas criações para V. Ex.ª, minha senhora

R. Garrett, 42 — Telf. 25943

RUHMAL

Minha Senhora:

—O trabalho extenuante
—A vida agitada
—As preocupações
—As dificuldades

tornaram-na excessivamente nervosa e esgotada. Acalme os seus nervos enquanto é tempo: Tome RUHMAL. RUHMAL dar-lhe-á sono tranquilo e reparador. RUHMAL está indicado nas perturbações nervosas em geral, estados depressivos, excitações, insónias, receios infundados, complexos e outras afecções nervosas

A VENDA NAS FARMÁCIAS

MÁQUINAS DE TRICOTAR AUTOMÁTICAS

UMA JOIA DA INDUSTRIA ALEMÃ

Modelo T 5, 80 centímetros de largura, 167 agulhas
» T 6, 1 metro » » 197 »
» T 7, Longa 360 »

ENSINO GRATUITO—5 ANOS DE GARANTIA—PRESTAÇÕES SUAVES—DEMONSTRAÇÕES—VENDAS—TROCAS

Em Lisboa: «VAPEDRONE» — Rua da Vitória, 54-56 — Telef. 25622
«MEIA DE VIDRO» — Rua Augusta, 158

No Porto: Moreira & Leite. Ld.ª — Rua Firmeza, 403 — Telef. 30335

SETUBAL — Avenida Luisa Todi, 454. FARO — Rua Vasco da Gama, 30
PORTIMÃO — Rua João de Deus, 32

A única marca do mundo distinguida em Paris com o "Grand Prix"

a Meia ELBEO

É A MAIS ELEGANTE
A MAIS RESISTENTE
A MAIS MODERNA

FOMENTO LUSO-ALEMÃO • RUA VITOR CORDON, 9, 3.º E.

Máquina de TRICOTAR BUSCH

APENAS POR 115$ MENSAIS

CHEGOU NOVA REMESSA DA MAIS SIMPLES, ECONÓMICA E SENSACIONAL MÁQUINA DE FAZER TRICOT

REPRESENTANTES:
AGÊNCIA COMERCIAL SUECA, Ldª.
Avenida Fontes Pereira de Melo, 37
Telefs. 59191-2-3 - LISBOA

WANDA

INSTITUTO DE BELEZA

AV. DE ROMA, 31-1.º TEL.: 77 79 84

ABERTURA A 28 DE OUTUBRO

O cabeleireiro FERNANDO e a ajudanta ISABEL, ex-empregados da Casa Viriatos, colaboram neste elegante estabelecimento, além de massagista, manucura e pedicura

Eduquemos o nosso filho

Quando os pequeninos descobrem que são senhores de si próprios...

Numa crónica anterior, falámos de fenómenos de linguagem. Seria talvez interessante tomar de novo, se não o tema, pelo menos a sua continuação ou sequência. Vimos, por exemplo, que até saber falar, a criança é inteiramente absorvida pelas suas actividades sensoriais e motrizes. Veio, com ela, o dom de andar, o que lhe alarga muito o campo de explorações, conquistas e independência. E' pela associação do gosto, da palavra e da marcha, que a criança adquire noções do tempo e do lugar. Já sabe o que é antes, depois, dentro, fora, sobre *e* debaixo... *Mas o seu pensamento está ainda perto da acção e as suas interrogações serão ainda em relação ao imediato:* que é isto?

O por quê? — *esse virá apenas por volta dos 3 anos. Então, a criança começa a tomar consciência de si própria. Reconhece-se que é assim, porque já sabe distinguir, ela própria, os objectos isolados de uma imagem; é capaz de agrupar imagens análogas (loto) de copiar uma roda, reconstituir um «puzzle» de dois corpos apenas.*

Os interesses que o nosso filho vai agora revelar, em relação ao meio mudarão de coisas para pessoas.

«C'est seulement à partir de trois ans que l'enfant arrive à se conduire e à se connaître en sujet distinct d'autrui» — escreveu Wallon.

Admite-se, realmente, que esta consciência de si própria marca o princípio da segunda infancia e que se manifesta por um sinal linguístico: «eu», «meu» — ao passo que até ali o «bébé» empregava, referindo-se a si próprio, a terceira pessoa:

—Que quer o menino?

—O menino quer...

Esta descoberta de si próprio que tem de se considerar no plano afectivo e intelectual, é consequência de longa evolução. Mas é curioso verificar que vem de longe essa evolução: aos três meses, começou a reconhecer as pessoas e até a manifestar as suas preferências; o medo alterna com a confiança aos seis meses; entre os sete e os nove meses, revelará ciumes cujas formas evoluem com a idade; um sentimento de oposição ao adulto será, já agora, uma constante das tentativas de marcar a necessidade de criar consciência de si próprio, marcar a sua personalidade (todos nós sabemos do deleite ou da furia, até, com que os nossos pequeninos deitam ao chão os brinquedos que lhes pomos na mão...).

Outros sinais do mesmo fenómeno psicológico consistirá na afirmação de posse, a necessidade possessiva. Vêmo-la, então, esconder os seus brinquedos, as suas coisas mais queridas, como se tudo quanto lhe pertence fizesse parte integrante de si próprio.

Aos três anos pode, assim, sentir-se a crise por que a criança passa, estrictamente ligada á ideia ainda imprecisa, que a criança fez de si, comparativamente com outros seres que a rodeiam. Certa timidez e selvajarias explicam-se por esta vergonha, este pudor que, nascendo do sentimento que a criança tem do seu corpo, se generalizará a tudo que lhe diz respeito. Mas, então, caberá á família resolver os problemas das relações do meio com a criança. Essas crises podem traduzir-se em recusa de obediência, cóleras, pesadelos, hostilidade (atenção aos irmãozitos!). E' preciso compreender que se trata de um estado passageiro — uma espécie de crise de crescimento. E' a altura de não abandonar a criança, antes de a ajudar com serenidade e consciência. Sobretudo, o pai, a mãe, a família, enfim, não devem tomar as suas atitudes como desejo de ser desagradável, insolente e rebelde a toda a disciplina. Não devem reagir com autoridade exagerada e gritante, porque isso seria colocarem-se no plano em que se colocou a criança. O equilíbrio das forças é muito desproporcionado; a brutalidade e os discursos ficarão sem objectivo. E' preciso compreender, acima de tudo, que se trata de um miudo que procura ocupar o seu lugar, desempenhar o seu papel — e ensaiar as suas possibilidades.

Não há nenhuma companhia mais grata ás crianças do que a dos animais que elas dominam. A docilidade, a dedicação desses companheiros ideais são uma jorrante fonte de solidariedade, de carinho, belos exemplos de ternura para as crianças que, todavia, convirá vigiar, pois, todas as forças dos seus instintos mal conduzidas poderão dar os piores resultados. O despotismo, o abuso, a desumanidade estão na base das relações entre as crianças e os animais, se estes não forem devidamente orientados

A autoridade familiar não implica nem incompreensão nem ausência de afecto

A juventude actual é o fruto de uma época de incertezas, ameaças e insegurança... Os pais sentem-se desamparados e inseguros...

«Senhor director — Como pessoa que á psicologia e á pedagogia dedica a sua actividade profissional, li com vivo interesse o artigo publicado no vosso numero de 9 do corrente sobre os problemas da juventude actual e saudei com entusiasmo o aparecimento da vossa secção infantil e da página que semanalmente dedicais á educação da criança. Felicito o «Diário de Lisboa» porque ambas me parecem bem orientadas e uteis: uma, elaborada com o objectivo de instruir, procurando interessar sem recorrer aos processos fáceis das histórias em quadros, inverosímeis e deseducativos, em que se faz a apologia da força e da agressividade; a outra dando aos pais conselhos e indicações utilíssimos e que se me afiguram corresponder a uma necessidade real, viva e premente.

Não é por mero acaso que associo nesta carta as referências ao artigo sobre a juventude e ao aparecimento das duas novas secções do vosso jornal.

As causas da dolorosa realidade que o primeiro foca são multiplas e difíceis de discernir na sua complexidade e não me cabe analisá-las no ambito desta carta.

Deixando também para outra ocasião o estudo da responsabilidade que certo tipo de literatura poderá ter nos desvios de comportamento assinalados pelo vosso articulista, quero referir-me a um dos aspectos do problema que me parece oportuno salientar e de que tenho conhecimento directo através do contacto que mantenho com os pais na minha qualidade de psicóloga da infancia.

Quero referir-me, repito, á insegurança dos pais e á instabilidade da família, que perdeu muito da sua antiga autoridade e deixou de ser para os filhos um ponto de apoio inabalável, um recanto protector e tranquilo.

Os pais antigos sabiam o que queriam e não duvidavam da eficácia dos meios que empregavam para alcançar os seus objectivos educativos. Se o sistema tinha defeitos, porque a falta de juízo crítico pode levar a abusos e prepotências, tinha também vantagens, porque os pais, a família, eram um elemento de estabilidade, uma base segura em que se podia confiar.

Actualmente, como se tem dito e redito, a época é de crise, crise de valores — os valores antigos, os antigos princípios orientadores da vida foram postos em duvida e só lentamente vão sendo substituídos por novos valores, quando o vão sendo.

A maioria das pessoas voga desorientada, á mercê da ultima leitura, do ultimo filme ou da opinião do ultimo amigo encontrado.

Se em todos os domínios isto se verifica, não hesitamos em considerar gravíssimas as suas consequências no campo da educação: a insegurança dos pais gera a instabilidade dos filhos e a instabilidade é um caminho aberto a todos os desvios do comportamento.

A este estado de coisas não é estranha a divulgação inconsiderada e superficial dos modernos conhecimentos da psicologia infantil. Os pais ficaram desarmados, inseguros perante o filho que contraditóriamente parecem desconhecer cada vez mais. E' que os vagos conhecimentos de psicologia que bebem, aqui e ali, os previnem contra os perigos da autoridade rígida e da severidade excessiva e nada lhes dizem quanto ás possíveis reacções do educando ao sentir fraca e indecisa a mão que o guia.

O problema afigura-se-me tanto mais agudo quanto se atravessa uma época em que a multiplicidade da estimulação de toda a ordem que rodeia o jovem e o mantém num estado de hiperexcitação, quase permanente, requeria da parte dos educadores, e sobretudo dos pais, uma atitude firme e segura e a clara visão dos objectivos a atingir. Não ponho em duvida a necessidade de conhecer a psicologia da criança e do adolescente; mas compreendê-los não deve significar abdicar perante eles por respeito pela sua psicologia.

Tem-se dito e repetido que o homem é um ser eminentemente social e isso implica que só em função da sociedade ele é verdadeiramente humano. A' educação compete fazer essa integração do indivíduo na sociedade e se, para isso, se torna necessário conhecer e compreender o ser em formação, é imprescindível também que os pais, a família, não abdiquem da sua autoridade porque é através deles que as normas sociais são transmitidas e inculcadas.

A consciência moral gera-se no contacto com a autoridade paterna e, se esta falha, onde encontrará o indivíduo a força moral que controle e domine os impulsos instintivos e socialize a conduta?

Ter autoridade não implica nem incompreensão, nem ausência de afecto. Parece-me que o problema se pode equacionar da seguinte forma: é imprescindível que se conheça a criança, as diversas etapas do seu desenvolvimento, os seus possíveis tipos de reacção, os perigos de certas atitudes dos adultos, mas é indispensável também que, de acordo com estes conhecimentos, se exija da criança e do jovem, em cada caso, o máximo que se pode exigir.

Os pais sentem-se desamparados e inseguros, há que apoiá-los para lhes diminuir a ansiedade que experimentam, não basta explicar-lhes o comportamento do filho, é necessário dizer-lhes como devem agir, o que podem e devem exigir, fazer-lhes tomar consciência dos objectivos que a educação deve visar. A ausência de objectivos claros é talvez, nesse domínio, o problema mais grave.

Concluindo e resumindo: a juventude actual é uma juventude instável, ansiosa, perturbada, fruto duma época de incertezas, ameaças e insegurança. A desorientação dos tempos atinge, como não podia deixar de ser os pais que ignoram o que querem e para onde querem ir e não sabem o que substituir ás antigas normas educativas. Não basta ensinar-lhes psicologia: eles necessitam de orientação, de objectivos, de regras.

Ora, afigura-se-me que a vossa página sobre educação corresponde a esta necessidade e por isso incito o «Diário de Lisboa» a prosseguir.

Esperando, sr. director, que me desculpe o tempo que lhe roubei, subscrevo-me com a maior consideração, de V., etc. — *Maria Amália Borges.*

Leituras para os pais

«Infância e Juventude»

Saiu agora o n.º 11—Julho a Setembro—da revista «Infância e Juventude», órgão da Federação Nacional das Instituições de Protecção á Infância. Trata-se de uma interessante iniciativa da Direcção-Geral dos Serviços Jurisdicionais de Menores, contendo uma variada e excelente colaboração. Pelo seu enunciado, poder-se-á considerar a categoria deste repositório, espelho da vida nacional e internacional que se refere á criança: «Os filhos da discórdia»; «A União Internacional de Protecção da Infância e as crianças hungaras»; «Assistência de menores aos espectáculos publicos»; «Associação dos Juizes de Menores»; «Organização Internacional de Polícia Criminal»; «A criança e a teimosia»; «A luta contra os castigos corporais»; «Os sistemas de semi-internato e semiliberdade na reeducação de menores e o papel dos lares familiares, na acção do patronato»; «Jogos florais»; «O novo código da industria cinematográfica americana»; «A idade crucial dos 14 aos 16 anos»; «Os poetas e a criança»; «Fundação Musical dos Amigos das Crianças»; e jurisprudência relativa aos tribunais de menores.

Os meus reparos

Porque não tenho automóvel ando de «eléctrico» e de autocarro onde assisto, muitas vezes, á entrada e á saida de passageiras com crianças que já caminham por seu pé. Tenho verificado que a maioria dessas passageiras se levanta do seu lugar, segue pela coxia e apeia-se, fazendo a criança caminhar sempre na sua frente.

Já por duas vezes assisti á queda de senhoras sobre as crianças que conduziam. Uma, quando descia do piso superior de um autocarro; outra, ao descer de um «eléctrico».

Parece-me mais lógico o adulto levantar-se, conduzir a criança pela mão, de modo que ela caminhe atrás de si, como que rebocada, e ajudá-la a descer os degrau do carro tal como, por cortezia, ajudaria outra pessoa qualquer.

VALINE

Saber cuidar dos dentes

a partir dos três anos

Os dentes têm uma função na saude da criança que poucos pais estarão longe de entender. Cuidar dos mesmos, portanto, antes até de chegar a idade de os mudar, é indispensável. Muitas perturbações gastro-intestinais, nervoses e até infecções, anomalias na vista e dores de cabeça são causadas pelo mau estado dos dentes. A criança deve, pois, ser levada ao dentista, logo que o médico pediatra reconheça a sua presença insuficiente, para que, inclusivamente, sejam consideradas certas características de alimentação e farmacopeia, tendo em vista a segunda dentição. Um dente cariado deve sempre ser obturado, mesmo que se trate de um primeiro dente. E logo a partir dos três anos a criança deve ter os seus pequeninos utensilios, para que assim de pequenina se habitue a não prescindir do uso do copo, da água e da escova (seria inutil exigir naquela idade, a utilização de pasta, porque em regra a recusa é formal...).

As lesões dentárias são muitas vezes inaparentes — até mesmo perante o exame do médico. E, para evitar um grande numero de cáries, tenhamos o cuidado de não atafulhar as crianças de açucar.

Vai casar a Fátima?

Mande fazer o banquete ou «copo de água» no Café-Restaurante Avé Maria. Sala própria. Telefone 41.

Dez conselhos da experiência

nas relações de pai e filho

1 — O seu filho vai á escola? Não lhe dê a sensação de que o desampara.

2 — Traga consigo o horário das aulas do seu filho.

3 — Algumas vezes, quando puder, apareça na escola para o acompanhar.

4 — Mas não lhe dê a sensação de que vai com o propósito de o vigiar.

5 — Pelo contrário, apareça naturalmente, como quem tem a certeza de que dá ao seu filho a alegria e a satisfação de se encontrarem para regressar a casa em companhia.

6 — Em nenhum caso lhe sugira a sua presença como uma ameaça.

7 — Não lhe diga que o vai buscar á escola nem quando vai, mas apenas lhe deve deixar a sugestão de que pode sempre estar presente.

8 — Ordene as suas relações com seu filho num plano que possa sentir-se como de camaradagem, sempre afectuosa mas sempre protectora.

9 — Não ameace. Seja capaz de mostrar as razões e pôr em evidência a escolha ditada pela sensatez.

10 — Proceda de maneira que seu filho veja em si um amigo, um companheiro, um confidente e um conselheiro — e nunca um polícia.

Vencer por si próprio!

«Que os pais desconfiem de uma solicitude meticulosa, demasiado preocupada em facilitar a vida á criança e em lhe aplanar todas as dificuldades. Que os pais saibam fazer-lhes compreender, á medida que ela cresce, que deve chegar, pela sua própria energia, a vencer as dificuldades médias e que, de ordinário, por si própria, deve desembaraçar-se dos seus pequenos problemas».

KIEFFER